ANTOLOGIA

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E SUSTENTABILIDADE

orientações para estratégias de educação
ambiental através das artes

APECEV

Título | Antologia de Educação Artística e Sustentabilidade:
orientações para estratégias de educação ambiental através das artes

Editoras | Mónica Oliveira, Teresa Torres de Eça, Ângela Saldanha, Célia Ferreira

Prefácio e Organização | Teresa Torres de Eça

Concepção Gráfica e Paginação | Ângela Saldanha

Impressão e Acabamentos | ASSOL

Editora | APECV

DOI | 10.24981/2021-AEAS

ISBN | 978-989-54262-7-0

1.^a Edição 2021

EDUCAÇÃO ARTÍSTICA E SUSTENTABI- LIDADE

LIDADE SUSTENTÁVEL E ARTÍSTICA EDUCAÇÃO

orientações para estratégias de educação ambiental através das artes

ÍNDICE

Prefácio

Teresa Torres de Eça

I

Textos Introdutórios

07

A Arte e o Ambiente: Convergências Educativas

Mónica Oliveira

08

Pó de Estrelas

Ângela Saldanha

16

Num Olhar Contemporâneo Sobre a Educação na Infância, a Educação Artística e a Educação para a Sustentabilidade são, Indiscutivelmente, Vertentes Indissociáveis

Luís Ribeiro

20

Efd, Literatura e Sustentabilidade

Rita Basílio

24

Educação e Vivências Performativas Fora de Portas ou a Busca por uma Visão Ecológica

Isabel Bezelga

30

Contributos da Educação Musical na Educação para a Sustentabilidade

Paulo Esteireiro

36

Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no ensino pré-escolar e 1.º ciclo

47

Um Mergulho na Natureza — Land Art

Helena Martinho e Jaime Filipe

48

Pássaros, Passarinhos e Passarocos

Ana Sofia Bento Moreira

62

Super-Heróis Ambientais

Jéssica Cristina Abreu Monteiro

74

Jardim de Inverno	084
Joana Figueiredo Coutinho Mendes e Barbara Iwona Marzec	
Com Elementos Naturais Surge a Criação!	096
Maria do Céu Lourenço Pereira	
O Futuro Começa Hoje	112
Maria Leonor Henriques e Ana Paula Rocha	
Deixa para Amanhã o que Podes Comprar Hoje	124
Mónica Mayer Guimarães	
Com as Mãos no Barro, Crio uma Escultura com Elementos da Natureza!	134
Mónica Sofia Santos e Sandra Duarte	
A Terra — A Casa Onde Todos Vivemos	146
Telma Alexandra Sampaio Cerqueira e Virgínia de Fátima Comenda Pereira	
Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no 2.º e 3.º ciclos da Escolaridade Obrigatória	173
“Arrábida Storming”	174
Recriação da obra “Guernica” de Picasso à luz de do tema “Arrábida Biosfera”	
Alexandra Seabra e 10.º B1	
BD Sobre o Coronavírus	186
Cristina Pinto	
Construção de uma Capa Individual de Desenho Através da Reutilização de Pacotes de Café	196
Sónia Miranda	
E Se Fosses Uma Gota De Água?	206
Maria da Conceição Vitorino Ventura Tendeiro Pedroso Pimenta	

Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no Ensino Secundário	221
Info_etiqueta, Projeto na Área do Desenvolvimento Sustentável Ana Paula M. Pires	222
Intervir Postais Serra da Lousã Ana Seco	240
Take a Stand Clara Antunes e Ricardo Machado	268
Custo Zero Maria Luísa Luís Duarte	298
Pré-Produção de um Filme de Animação Sobre o Ambiente João Pedro Pereira	308
Design De Produto a Partir de Tecnologias Tradicionais Graça Martins	318
Atividades de Educação Ambiental através das Artes em outros contextos Educativos	339
Lagarto Azul Matias Pancho	340
Raiogramas — Imagens de Luz Joana Mateus e Inês Azevedo	354

Prefácio

Teresa Torres de Eça

A educação ambiental deveria ser neste momento a nossa primeira prioridade, como educadores e educadoras; professores e professoras, artistas; pais e mães que se preocupam com a sustentabilidade. As artes, pelo seu caráter agrupador de disciplinas, e poder de pensar a longo prazo futuros difíceis de imaginar a olho nu, são talvez uma das melhores aliadas das ciências e dos objetivos para o desenvolvimento sustentável. Pela criatividade, pelo grau de adaptação a situações imprevisíveis, pelo pensamento crítico e ação interventiva que podem desencadear, as atividades de educação artística focadas nos temas transversais como por exemplo o da justiça climática, pegada ecológica ou energias alternativas, podem incitar a uma reflexão alargada permitindo repensar o quotidiano de cada um e as suas práticas, tendo em conta o futuro de todos.

Para reduzir a nossa pegada ambiental é necessário inovar, fazer escolhas informadas e monitorizá-las, embora estejamos conscientes que necessitamos de grandes medidas legislativas a nível global para travar as consequências da ação desastrosa do homem sobre o ambiente, pensamos também que são necessárias pequenas ações no mundo da educação e da sensibilização das crianças e jovens para podermos responder aos desafios do nosso tempo. Estas pequenas ações, gotas no oceano, são, no entanto, revoluções no sistema. Necessitamos urgentemente de mudar mentalidades, criar hábitos de questionamento de consumo e modos de vida alicerçados nos modelos económicos predadores dos valores de respeito pelo equilíbrio entre as espécies do planeta.

As artes, sobretudo os artistas ativistas e artistas ecológicos, desde as artes plásticas, ao design e arquitetura têm vindo a equacionar discursos críticos sobre as escolhas que fazemos ou que são feitas por nós no que respeita aos materiais que rodeiam o nosso quotidiano. Desde o século vinte que artistas como Alberto Carneiro ou pensadores como Edgar Morin têm chamado a nossa atenção para questões eco sistémicas. Edgar Morin apelava para uma identidade terrena e para a condição cósmica dos seres humanos, somos seres biológicos e culturais que fazem parte de uma cadeia (Morin, 1999). A perspetiva de Edgar Morin sobre o conhecimento e a transmissão do conhecimento,

explora dimensões de eco cidadania; transdisciplinaridade e internacionalização em sete saberes fundamentais: o Conhecimento Pertinente, o Ensino da Condição Humana, o Ensino das Incertezas, a Identidade Terrena, o Ensino da Compreensão Humana e a Ética do Gênero Humano. Para Morin, a educação deveria focar os seus programas na unidade da espécie humana dentro da diversidade de modo a mudar valores e atitudes tais como o egocentrismo, o etnocentrismo e o sociocentrismo.

Cientistas, artistas, e outros intelectuais uniram as vozes para a necessidade de uma maior consciência sobre as mudanças climáticas e emergência em travar a emissão de gases poluentes. De um modo geral todos convergem para a necessidade de mudança de estilos de vidas e de escolhas quotidianas sustentáveis, tal poderia ser possível a longo prazo através de um maior enfoque na educação ambiental. Mas a educação ambiental necessita de um espaço de crítica social, como advoga Lucie Sauvé, a educação ambiental contribui para o desenvolvimento de sociedades responsáveis. Encarando ‘desenvolvimento’ num sentido lato:

... no sentido de uma ética da responsabilidade fundamental, nitidamente mais rica do que a ética da sustentabilidade ou da viabilidade, essencialmente minimalistas (“desde que isso perdure”, ou “desde que se sobreviva”). Para além de uma abordagem cívica legalista de direitos e deveres, trata-se de uma responsabilidade de ser, de saber e de agir, o que implica compromisso, lucidez, autenticidade, solicitude e coragem. (Sauvé, 2005: p.321)

Mas, para adquirir essa responsabilidade de ser, de saber e de agir, de que fala Lucie Sauvé, necessitamos de modelos educativos, e sobretudo de práticas educativas mais comprometidas. Necessitamos de coragem para dizer não a currículos escolares obsoletos, a uma educação neoliberal que promove através da fragmentação disciplinar, o desenvolvimento económico acima de tudo, em detrimento dos valores de respeito e solidariedade.

Vinte e dois anos depois da publicação de Edgar Morin sobre os sete saberes (Morin, 1999) e da ratificação da carta da terra¹, ativistas contemporâneos questionam a visão androgénica do mundo, e resgatam saberes de sociedades ancestrais onde a natureza era percebida como um ser holístico. Nas escolas e em outros lugares educativos educadores, professores, mediadores e outros trabalhadores culturais têm pouco a pouco criado uma maior consciência ecológica, mas ainda existem muitas lacunas e muitas tensões entre os objetivos do desenvolvimento sustentável e o modo como agimos no nosso dia a dia, tanto a nível macro como micro.

Tendo tais preocupações em mente, na APECV resolvemos editar uma antologia de boas práticas educacionais que de algum modo pudessem exemplificar momentos de viragem; abrir frechas para podermos espreitar possibilidades de ação transformadora com atividades de educação artística. Mónica Oliveira, Ângela Saldanha e Célia Ferreira, editoras deste livro lançaram o desafio a educadoras e professoras de artes, em contextos escolares e não só, para partilharem com os colegas os seus projetos mais inovadores. E, no meio das rotinas burocráticas, elas e eles conseguiram arranjar tempo para pararem e refletirem sobre estas pequenas ações que podem parecer pequenas, mas que podem também criar as indagações e o espírito crítico necessário à mudança de mentalidades e de estilos de vida. Sabemos que como professoras e educadoras não podemos resolver a presente crise, não podemos trazer equidade social, erradicar a pobreza, combater a violência ou travar o degelo do permafrost e a poluição dos oceanos. Vimos as sucessivas agendas internacionais passar à nossa frente, as grandes metas da agenda 2050² requerem sobretudo decisões políticas de macro-escala que tardam em realizar-se. Mas, como ativistas, cidadãs planetárias não podemos cruzar os braços e na nossa relação pedagógica, aluna após aluna, aluno após aluno deixamos caminhos para pensamento crítico e ativismo através do fazer artístico.

1 A Carta da Terra é uma declaração da UNESCO para a busca de uma sociedade em que todos sejam responsáveis por ações de paz, respeito e igualdade. Foi apresentada em 1992, no Rio de Janeiro, durante a Eco-92, Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento e ratificada pela Unesco em 2000 na Holanda, com a adesão de mais de 4.500 organizações do mundo.

2 https://wedocs.unep.org/bitstream/handle/20.500.11822/27672/GEO6_CH20.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Referências

- Morin, Edgar (1999). “Les sept savoirs nécessaires à l’éducation du futur”. UNESCO, Le Seuil.
- Sauvé, Lucie (2005). “Educação Ambiental: possibilidades e limitações”. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317–322, maio/ago. 2005.

TEXTOS INTRODUTÓRIOS

A Arte e o Ambiente: Convergências Educativas

Mónica Oliveira

Sabemo-nos moradores de uma sociedade de consumo e de simulacro, onde a competitividade e a necessidade de crescimento, agudizadas pelos avanços tecnológicos, têm vindo a explorar os recursos naturais sem limites. E as consequências estão à vista de todos: as mudanças climáticas globais, as catástrofes naturais, o degaste dos recursos energéticos, o aumento dos diferentes poluentes atmosféricos, a perda galopante de biodiversidade são apenas alguns dos exemplos que atualmente vamos testemunhando dia após dia. A falta de uma visão holística da realidade e o progressivo distanciamento do ser humano relativamente à Natureza tem vindo a provocar danos irremediáveis ao planeta, o qual se encontra à beira do colapso ambiental à escala mundial. Este colapso ambiental do planeta deu origem a uma crise ambiental que se encontra no epicentro dos desafios sociopolíticos do século XXI. Este panorama surge de forma explícita na arte através das mais diversas formas de expressão, apresentando uma panóplia de imagens do mundo com implicações conceptuais e epistemológicas na questão ambiental e, consequentemente, na educação artística atual. A nossa história é testemunha de uma constante interação entre a arte e o universo que a cerca, refletindo hábitos, valores, significados e ideais dos indivíduos em cada época. Foram vários os artistas e obras que, ao longo de décadas, foram servindo de inspiração e referência para alicerçar um trabalho contínuo que atesta a preocupação do artista face à relação do ser humano com a natureza. Como afirma Antunes (2011) “A arte e a ecologia representam uma dinâmica relacional favorável na identificação de problemas do ambiente e na restauração de ecossistemas fragilizados. Através de afirmadas obras artísticas, as artes são convertidas em veículos de consciencialização ambiental fazendo despertar modos de vida mais equilibrados e sustentáveis.” (Antunes et al., 2011, p.367)

A Arte como experiência estética e como forma de comunicação humana busca uma representação das questões que informam o seu tempo, tornando-se numa “forma de conhecimento: um meio de percepção, investigação e mudança do mundo” (Kurt, 2006, p.143). Diante de tal situação a arte manifesta-se como uma importante via para o desvelamento da realidade denunciando, fruto da sua inquietude, a desumanização e as

questões relacionadas com “ameaças ambientais, sociais e económicas que o planeta e a humanidade na atualidade.” (ENEA, 2020, p.16). A arte busca explorar e refletir sobre o tecido social, redefinindo as significações de uma sociedade cujas relações dos seres humanos entre si e com a natureza sejam realmente sustentáveis, o uso dos bens seja igualitário e onde o desenvolvimento humano acompanhe a preservação da natureza. As narrativas dos artistas, muito próximas da realidade e dos desafios vividos na contemporaneidade, ora intrigantes, acutilantes ou provocatórios, vêm transmitindo (des)confortáveis mensagens sobre a maneira como o homem vive. Dieleman (2006) afirma que, cada vez mais, se testemunha uma relevância maior no papel da arte e da cultura no mundo demonstrando que existe uma conexão entre o espaço real e o das artes onde a questão ambiental e a questão da sustentabilidade constituem uma das tendências da sociedade contemporânea (Kurt, 2006). Isso porque não só veicula os diversos problemas ecológicos e as suas repercussões, como é também um documento vivo e próximo das pessoas pois “(...) toca sentimentos e emoções, podendo influenciar o comportamento humano, suas visões do mundo e estilos de vida” (Dieleman, 2006, p.125).

A arte torna-se, deste modo, um recurso educativo que possibilita aos sujeitos trabalhar não só a questão artística, mas “uma compreensão crítica da sociedade em que vivem, e do seu papel nela, a partir do conhecimento tácito dos seus fenómenos” (Charréu 2009, p.27), permitindo-lhes programar a sua ação, criar instrumentos para melhor atuar sobre o objeto, ter finalidades, antecipar resultados, conforme Paulo Freire (2001) nos relata no seu livro *Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos*. Espera-se, assim, que a educação artística voltada para uma pedagogia crítica “mais efetiva e autêntica, centrada mais na busca de solução para os problemas que afligem os nossos tempos” (Charréu, 2012, p. 50) promova uma ação voltada para a mudança: uma mudança que implique o nosso estilo de vida, a forma de viver a escola, a sociedade local ou a sociedade global; que busque o desenvolvimento consciente de dinâmicas de intervenção e transformação social que se traduzem em atitudes e comportamentos, promovendo uma cultura de corresponsabilidade em termos de sustentabilidade.

Olhar o mundo presente para nele intervir implica uma abertura da educação artística ao meio envolvente, sensibilizando para questões relacionais entre o homem e o ambiente, apontando um conjunto de soluções que passam pela reparação dos danos que se têm infligido ao nosso planeta, tentando vislumbrar a emancipação de uma sociedade contemporânea que hoje tem dificuldade em trilhar o rumo a seguir. Deve ser uma educação artística que possa “dar uma “forma” e um “conteúdo” à informação cognitiva e cultural, que se adapte melhor à estrutura psico-sociológica do aluno” (Charréu 2009, p.27). Através do (re)conhecimento, fruição e apropriação da nossa herança cultural, enquanto memória e sentido de identidade, bem como no envolvimento da criação/produção (Freedman, 2003) do objeto artístico que requer ação e consciência na escolha de materiais e técnicas de produção. Estes aspetos tornam-se determinantes para que os alunos se apropriem das suas histórias, questionem as suas biografias e os sistemas de significados e percebam quais as forças que circunscrevem as suas vidas de forma a poderem agir dentro e fora do espaço da escola.

A educação artística torna-se, nesse sentido, um espaço vocacionado e oportuno para que os alunos vivenciem experiências estéticas, orientando-os para uma pegada ecológica individual e coletiva onde se sintam protagonistas das suas vidas, permitindo-lhes estabelecer novas relações consigo e com o espaço que habitam. Este cruzamento de intencionalidades pedagógicas encontra-se em consonância com o desenvolvimento sustentável e com a construção de uma formação cidadã de carácter humanista, voltada para o bem coletivo baseada na responsabilidade, no espírito crítico e na criatividade.

No entanto, é necessário facultar aos alunos as ferramentas necessárias para atuar e cultivar aspetos éticos e intelectuais que se materializem em ações concretas.

E uma das ferramentas que a educação artística pode utilizar são as obras artísticas que, pensadas à luz da Educação, permitem (re)inventar e (re)construir conhecimento através de novas visões, investindo na transformação do nosso modo de ser. Como afirma Oliveira (2017) “apela à atividade do pensamento, à inteligência, ao sentido estético e à liberdade aproximando-nos dos outros.” (p.15).

Quando um aluno se depara com uma obra artística é convidado a criar novas visibilidades e enunciações que dão forma às suas visões do mundo. Isso significa provocar novas formas de pensar e de se relacionar com os conhecimentos. Neste caso, ensinar e aprender não pressupõe estabelecer verdades. Como dizia Freire (1996) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (p. 24–25). A presença da obra de arte na sala de aula, para além de ajudar a desenvolver a sensibilidade artística dos alunos, permite-lhes descobrirem-se a si próprios, criar uma familiaridade com o universo. É, como afirma Bini (2018), uma “Arte que está voltada principalmente para as questões existenciais, para o fazer pensar.” (p.61). Ver, interpretar e compreender a arte é uma experiência significativa, onde a emoção, o pensamento e a ação fazem parte da mesma dinâmica (Dewey, 2010). Uma dinâmica pró-ativa por parte dos alunos que fomenta a sua curiosidade e desperta a sua atenção sobre o mundo onde estão inseridos.

As obras artísticas, como objeto de aprendizagem, pretendem opor-se à velocidade do mundo atual e provocar instantes de fruição intelectual, que traga consigo as problemáticas do homem contemporâneo. Os objetos/imagens artísticas, como dispositivos pedagógicos, provocam encontros e novos relacionamentos entre os sujeitos, os espaços e os tempos. Abrem novas perspectivas, possibilitam contágios, questionamentos que podem mudar as formas de aprender e conhecer. Propõem diferentes discursos, ações, diálogos e relações disruptivas com um processo de ensino aprendizagem convencional. Apostar neste encontro como forma de criar infiltrações, fissuras, canais de comunicação mais democráticos e familiarizados com os alunos é fundamental. As obras incitam à reflexão, ao abandono de uma postura passiva, em busca do exercício do pensar sobre si mesmo e sobre o mundo.

Mas a arte é também sinónimo de conceção, produção e materialização artística. É importante realçar a busca incessante dos artistas na preocupação com a produção do objeto artístico através de um processo criativo que implica a escolha de materiais, supor-

tes e técnicas, experimentando novas possibilidades a partir dos novos meios e suportes de criação consentâneos com os recursos ecológicos. Na Educação artística estas premissas também necessitam de ocupar um lugar de destaque.

No decurso do processo criativo a educação artística aposta em dinâmicas que favorecem a aprendizagem ativa dos alunos através de processos vivenciais e não retóricos, pois, como diz Dieleman, “somente através da experimentação podemos realmente saber e ‘sentir’ se está certo” (p.125), tendo em vista um tempo ao qual nos pretendemos adaptar. É na busca da conceção e realização de um trabalho artístico que os alunos discutem opiniões, atitudes, vivências, sentimentos e realizam pesquisas que podem utilizar ao longo da sua vida, agindo local ou globalmente sobre o ambiente. E é, também, na realização das obras que os projetos ganham uma dimensão didática e se posicionam criticamente relativamente aos modos de fazer convencionais, onde os alunos selecionam materiais (materiais naturais, recolhidos e/ou produzidos pelos próprios alunos). Este processo leva os alunos ao desenvolvimento de múltiplas competências, nomeadamente as cognitivas e metacognitivas (pensamento crítico, pensamento criativo, aprender a aprender, autorregulação...) e as sociais e emocionais (colaboração, empatia, autoeficácia...) conforme consta no relatório *The Future of Education and Skills — Education 2030* (OECD, 2018).

Acreditamos que a educação artística através de uma pedagogia crítica deve ser trabalhada em busca de uma sociedade mais justa e democrática, (re)equacionando as nossas vidas em função de uma relação com o mundo mais ecológica. Alinhada com as preocupações e recomendações manifestadas pelas instituições nacionais e internacionais, deve ter como objeto da sua prática pedagógica, quer do ponto de vista cognitivo, quer do ponto de vista expressivo, os problemas ambientais e o paradigma do consumo e produção, objetivando a proteção dos recursos naturais e do meio ambiente. Desta forma os alunos serão capazes de utilizar os problemas como desafios, modificar o social, opor-se ao conformismo, construir relações entre o mundo interior e exterior, desenvolvendo novos valores e atitudes para atuar eticamente no ambiente.

Referências Bibliográficas

- Antunes, A.; Cravidão, F. & Bahia, S. (2011). “Arte e Ambiente – Contributos para a Educação Ambiental”. In L. Cunha & R. Jacinto (Eds.). Interioridade/Insularidade — Despovoamento/Desertificação: Paisagens, Riscos Naturais e Educação Ambiental em Portugal e Cabo Verde. Iberografias – 17 (pp. 357–384). Colecção Iberografias.
- Bini, F. (2018). A frágil e complexa noção de arte contemporânea. IN M. Conrado (org). “Dilemas da arte contemporânea: autoria, uso de imagem, processos de criação e outras questões” (pp. 58–78). PROFICE Secretaria de Estado da Cultura. Governo do Estado do Panamá.
- Charréu, L. (2012). “Imagens globais, cultura visual e educação artística: Impacto, poder e mudança”. In R. Martins & I. Tourinho, (Eds.) Culturas das Imagens: Desafios para a arte e para a educação. (pp.37–52). Editora da UFSM
- Charréu, L. (2009). “Para uma Educação Artística em artes Visuais enfocada na contemporaneidade”. IN E. Rodrigues; H. Assis (Ed.) (2009). O Ensino das Artes Visuais: Desafios e possibilidades contemporâneas (pp. 25–32). Grafset Ed./ Secretaria de Educação do Governo do Estado de Goiás.
- Dewey, J.(2010). “Arte como experiência”. Martins Fontes.
- Dieleman, H. (2006). “Sustentabilidade como inspiração para a Arte”. In H. Hara. (Ed.), Caderno Sesc_Videobrasil 2: Arte Mobilidade e Sustentabilidade (pp. 119–133). São Paulo: Edições Sesc.
- Estratégia Nacional de Educação Ambiental (ENEA), (2017). “Estratégia Nacional de Educação Ambiental, 2020”. Agência Portuguesa do Ambiente.
- Freire, P. (1996). “Pedagogia da Autonomia, Saberes necessários à prática educativa”. Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). “Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos”. (9. ed.). Paz e Terra.
- Freedman, K. (2003). “Teaching Visual Culture: curriculum and the social life of art”.

Teachers College Press.

- Kurt, H. (2006). “Arte e sustentabilidade: uma relação desafiadora, mas promissora”.
In H. Hara. Caderno Sesc_Videobrasil 2: Arte Mobilidade e Sustentabilidade (pp.135–143). São Paulo: Edições Sesc
- OECD Future of Education and Skills 2030 (2018). “The Future of Education and Skills — Education 2030”. OECD E2030 Position Paper (05.04.2018).pdf (oecd.org)
- Oliveira, M. (2017). “A Educação Artística para o desenvolvimento da Cidadania”. APECV

Pó de Estrelas

Ângela Saldanha

Ao pensar na relação que existe entre tudo aquilo que nos rodeia ouço em eco a declaração do astrónomo Carl Sagan, imensamente simples e profunda:

“Nós somos um meio para o universo se conhecer a si mesmo. Uma parte do nosso ser sabe que essa é a nossa origem. Nós desejamos voltar. E podemos, porque o cosmos também está dentro de nós. Nós somos feitos de matéria estelar.” Carl Sagan, in Série Cosmos, 1980

Entre todas as áreas do saber (desde a astronomia, a biologia, a sociologia, a economia, a arte...) existe, inegavelmente, uma relação de interdependência, a matéria surge do mesmo lugar, de um mesmo ponto... de uma mesma estrela. Fazemos parte de um ecossistema amplo e complexo, em que todos (animais, plantas, água, marés, temperatura, micro e macro-organismos, seres humanos...) têm um papel essencial para a sua sobrevivência e saúde.

Confesso que, no início da Pandemia de Covid19, acreditava na oportunidade que tínhamos, seres humanos, para reflectir sobre a nossa existência e que daí poderia surgir uma consciência mais abrangente (mais eco e menos ego) mas, hoje, passado quase dois anos do primeiro caso reportado, já pouco sinto a chama da minha esperança, que vai diminuindo em par com as narrativas individualistas e aumento das variáveis que diminuem a sustentabilidade do planeta.

Gostaria, neste meu modo de ser sonhador/idílico/fantasioso, da criação de um lugar inclusivo da vida (de todas as formas de vida), numa coexistência de todos os seres, sem as hierarquias, definidas pelos seres humanos. Sim, evoco a transdisciplinaridade, o holístico, a relação do micro com o macro, o entre e o que está dentro dos corpos; MANIFESTO-ME perante a necessidade de repensarmos “Gaia” e assim nos repensarmos... nos redefinirmos, nos reprojetarmos e de aprendermos em simbiose. A Terra (mãe/lar) pede-nos tolerância, humildade, reciprocidade, afeto, solidariedade e gratidão, para compartilharmos saberes.

E, nesta partilha de saberes, que tanto une o Ambiente e a Arte Contemporânea, pensamos o doméstico e pensamos o cosmos; re-visitamos o passado e projetamos um/vários futuro/s; unimos saberes ancestrais, mantras, preces, peregrinações, procissões...; investigamos sobre as catástrofes globais, o aquecimento global, as guerras, as diferentes culturas, a alimentação...

Uma condução de experiências estéticas, no seu sentido mais integral, onde os sentidos estão em relação e em sintonia com o meio. E onde a errância (erro/caminhada/descoberta – valorizada no trabalho Arte–Ambiente) permite a expressão pela metáfora, poesia e subjetividade, numa consciência do meio (numa combinação de aspetos físicos, cognitivos e intuitivos), num corpus comum, que nos permite ver a luz da estrela, possivelmente já desaparecida, e encontrá-la dentro de nós, num conhecimento transdisciplinar.

“A percepção da importância da natureza implica uma diferente posição de espírito daquela que é preponderante nas sociedades modernas: o relacionamento com o que ainda não sofreu antropomorfização, quer a designação inclua o espaço vazio, o tempo sem tempo, o silêncio, o desconhecido, o misterioso, aquilo que escala mas completa e dá outro sentido à linguagem e a diferentes formas de relação e comunicação entre o ser humano e o mundo envolvente, o que apela à noção de pertença originária, de vivência unitária.”
(Strecht, 2018: p. 78)

Referências

- Nicolescu, Basarab (2001). “O Manifesto da Transdisciplinaridade”. São Paulo: Triom Editora. ISBN: 978-858-546-422-6.
- Sagan, Carl; Druyan, Ann (1980). “Cosmos”. KCET e Carl Sagan Productions. PBS.
- Strecht, Pedro (2018). “A árvore da vida, ensaio sobre a importância da natureza e prevenção de fogos e o harmónico desenvolvimento infanto-juvenil”. Lisboa: Manufactura e Autor. ISBN: 978-972-559-367-7.

Num Olhar Contemporâneo Sobre a Educação na Infância, a Educação Artística e a Educação para a Sustentabilidade são, Indiscutivelmente, Vertentes Indissociáveis

Luís Ribeiro

Quando a criança pinta, o mundo encolhe-se até às dimensões de uma folha de papel, a folha transborda os seus limites e torna-se o mundo. Não é mais uma superfície branca, mas sim um écran onde se desenrola uma aventura. A criança exprime-se: o seu passado torna-se atualidade e as suas aspirações realizam-se; é o jogo muito sério da criação plástica.” Arno Stern

Desde tempos imemoriais que a arte e a expressão através da arte são parte de uma das facetas mais únicas do ser humano, que se revelam na capacidade de transformar o mundo através do seu olhar.

A arte na infância tem vindo a ser estudada há quase cem anos e a sua inclusão nas práticas pedagógicas dos profissionais de educação de infância tem assumido uma importância crescente, ao ponto de, atualmente, ser dominante na organização do tempo e dos ambientes educativos.

Os primeiros anos de vida das crianças são os mais fundamentais para o seu desenvolvimento, pelo que todas as experiências de aprendizagem em que ela é imersa constituem poderosos catalisadores do seu desenvolvimento.

Uma vez que todas as crianças, sem exceção, tem essa capacidade inata de comunicar através da arte, a arte e a educação artística assumem-se como poderosos instrumentos de ampliação do universo cultural das crianças, quer pelas oportunidades que permitem duma participação ativa na expressão da sua criatividade, quer por envolverem, habitualmente, processos e meios significativos para a criança, empiricamente constatáveis pelos níveis de envolvimento, concentração, atenção e persistência que elas mobilizam nas atividades de expressão artística.

A fruição cultural na infância, no binómio de produção artística própria e do confronto com as produções artísticas de outros, através da mediação e da intencionalidade educativa do profissional de educação de infância, é, claramente, um elemento central no desenvolvimento das crianças.

A arte é disruptiva por natureza, porque rasga com os conceitos e práticas dominantes,

mas a arte é também diversa e inclusiva, porque tem uma linguagem internacional sem fronteiras e porque garante formas de expressão artística profundamente enraizadas nas comunidades, pelo que o postulado da sustentabilidade assume, igualmente, uma importância central nas práticas educativas da educação de infância.

O respeito pelas diferentes culturas onde a educação de infância é exercida, comunidades e países com legados culturais de centenas ou mesmo milhares de anos mas, em simultâneo, a necessidade de garantir que elementos inovadores são introduzidos nos processos de criação artística, num sempre difícil equilíbrio entre tradição e inovação, são princípios que se deverão mobilizar numa constante dialética na ação educativa.

Em 2006, na Convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais, a UNESCO reforça esta ideia, sublinhando o papel fundamental da interação e da criatividade culturais, que fomentam e renovam as expressões culturais, considerando, igualmente, que a cultura assume diversas formas no tempo e no espaço e que se substancia na originalidade e na pluralidade das identidades, reconhecendo o seu contributo positivo para o desenvolvimento sustentável.

Num olhar contemporâneo sobre a educação na infância, a educação artística e a educação para a sustentabilidade são, indiscutivelmente, vertentes indissociáveis.

Referências bibliográficas

- Cabral, Marta (2012). "As Coisas Partidas Podem Ser Bonitas". Lisboa: Associação de Profissionais de Educação de Infância.
- Silva, Isabel Lopes da, et al. (2016). "Orientações Curriculares para a educação Pré-Escolar". Lisboa: Direção-Geral de Educação.
- Stern, Arno (1974). "Uma Nova Compreensão da Arte Infantil". Lisboa: Livros Horizonte
- UNESCO (2006). "Convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais".
- Vygotsky, L. (1934). "Imaginação e Criatividade na Infância". Lisboa: Dinalivro.

Efd, Literatura e Sustentabilidade

Rita Basílio

Eu ouço e esqueço. Eu vejo e relembro. Eu faço e compreendo.
Confúcio

A famosa frase *mens sana in corpore sano* (mente sã, num corpo são)¹ já não chega para responder à pergunta sobre o que cada pessoa mais deve desejar para ter uma vida saudável e feliz.

No tempo que é o nosso, poder ter e manter uma mente sã e um corpo são deixou de ser uma questão estritamente individual, para passar a ser encarada como uma dúvida universal. Já não se trata apenas de perguntar «o que é que eu posso fazer para viver melhor a minha vida?», mas de perceber que, hoje, a pergunta que se impõe é outra: o que é que eu devo fazer para que a vida humana continue a ser possível no futuro?

Não é por acaso que começo esta breve reflexão com uma citação de um poeta satírico (Juvenal, séc. I d.c.) que tanto criticava os hábitos dos cidadãos do seu tempo, nem é por acaso que começo pelo mais estrito e particular — o corpo e a mente de cada um — para o conectar com o global — todos nós, habitantes do planeta Terra.

A questão ambiental tem sido, desde os anos 70 do século passado, uma das preocupações centrais das Nações Unidas. «O nosso futuro comum» — nome pelo qual ficou conhecido o relatório de Brundtland (1987) da Comissão Mundial para o Ambiente e Desenvolvimento — depende da persistência desta reflexão e das recomendações que vão sendo feitas ao nível das mais altas instâncias mundiais, mas depende também de cada um de nós, a cada aqui e agora.

Como pode a educação ser alicerce de um compromisso individual e coletivo com os princípios de desenvolvimento sustentável? Esta é a pergunta que, enquanto educadores, professores ou mediadores culturais, já não podemos deixar de fazer a nós próprios. Importa, acima de tudo, que as novas gerações tenham, desde idade precoce, uma clara consciência de que o desenvolvimento (humano, tecnológico, industrial, económico, so-

---

¹ A famosa citação latina é retirada da Sátira X do poeta romano Juvenal (século I d.c.) e faz parte da resposta que o autor dá à questão sobre o que as pessoas deveriam desejar na vida para serem felizes.

cial, etc.) não pode depender da destruição do planeta e da extraordinária biodiversidade que nele habita. É necessário partilhar a confiança e a convicção de que a humanidade tem capacidade de conceber um desenvolvimento sustentável, isto é, de que somos capazes de encontrar estratégias e soluções para «satisfazer as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades». (Nações Unidas, 1987).

Quando acreditamos que cabe à educação «fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele» (UNESCO, p. 90), descobrimos que o nosso papel é crucial e reconhecemo-nos como efetivos agentes de mudança. Enquanto educadores daqueles que têm o direito a ter futuro, cabe-nos assumir a responsabilidade de encontrar zonas de permeabilidade e de cruzamento entre as nossas áreas específicas de saber e uma educação contínua para a sustentabilidade.

Regresso, então, ao início, para falar do corpo, para falar da mente, para falar de ação sustentável e dos modos como estas três dimensões da existência estão profundamente imbricadas na formação plena de cada criança que acompanhamos.

Restringindo-nos apenas a duas áreas de intervenção educativa — a Educação Física e Desportiva, e a Literatura — conseguimos facilmente conectar as estratégias de desenvolvimento do corpo e da mente das crianças (é a isso que chamamos «educar») com a necessidade premente de promover nelas uma forte consciência ambiental, crítica e pro-activa, tanto no presente como no futuro.

Qualquer exercício do corpo e/ou da mente tem o ar que respiramos como condição *sine qua non*; a relação entre o nosso corpo estrito e o ambiente que o rodeia deve ser estabelecida a partir daí: a poluição do ar, das águas, dos solos... elimina toda a vida do planeta, inclusive a nossa. A Educação Física e Desportiva, através dos seus conteúdos específicos que incluem os jogos tradicionais, a dança, a ginástica, e diversos desportos designados como «de competição», possui potencialidades extraordinárias para sensibilizar, problematizar e discutir diversas temáticas relacionadas com a questão da

sustentabilidade, viabilizando facilmente um trabalho transversal com as suas diversas problemáticas. A promoção de atividades físicas em espaços exteriores, menos interven-
cionados pelo homem, como caminhadas em florestas ou desportos em ambientes aquá-
ticos ou em montanha, é um dos modos fáceis de conectar o desenvolvimento físico com
o reconhecimento da beleza e do equilíbrio dos lugares, com necessidade de preservar a
fauna e flora autóctones, chamando a atenção para a sua progressiva diminuição e des-
truição, em prol da expansão das construções humanas. Toda a atividade física pressu-
põe também a consciência de que qualquer movimento implica uma relação de equilíbrio
entre forças, por exemplo, a força de gravidade, cujo efeito nenhum desportista pode
desconsiderar, percebendo o modo como o desequilíbrio pode resultar em quedas com
graves consequências. A relação do desporto com os valores de cooperação entre pares,
de respeito pelo adversário e pelas regras de cada jogo, o *fairplay* e a camaradagem são
também modos de sensibilizar as crianças para o modo como a adoção de atitudes cívi-
cas tem como consequência uma convivência mais saudável, favorecendo a resolução de
problemas e de conflitos desequilibrantes. O questionamento do carácter «predador» de
certos desportos dominantes (como o futebol, por exemplo) sobre todas as outras prá-
ticas desportivas pode ser também motivo de questionamento e de reflexão sobre o que
significa «equilíbrio sustentável».

Cada aula de EFD pode funcionar, por conseguinte, como um minilaboratório de susten-
tabilidade, conectando o desenvolvimento físico-motor (corpo são) com o desenvolvi-
mento do pensamento crítico e emocional das crianças (mente sã) que aprendem a re-
fletir sobre a necessidade de encontrar novos modos de vida. Perguntas como «O que é
qualidade de vida? Que relações se tecem entre a nossa qualidade de vida e o ambiente
que nos rodeia? Como manter a qualidade de vida, travando o excesso consumista?»
são algumas das questões sobre as quais as crianças podem ser convidadas a refletir,
enquanto exploram e desenvolvem as suas capacidades físico-motoras e experimentam
o prazer de o fazer em contextos naturais saudáveis, reforçando-se nelas o desejo e o
sentido interventivo de os preservar.

Se em «corpo são» deve morar uma «mente sã», chego agora àquela que é, afinal, a minha área: que contributos pode trazer a leitura de obras literárias a uma educação para a sustentabilidade? Muito embora defenda que «a literatura não serve para ensinar nada», porque a autonomia da arte é um valor que a preserva de qualquer tipo de servidão ou fim utilitarista — e a defesa desse espaço de liberdade artística é já também um tópico de reflexão sobre a questão da sustentabilidade — o facto é que a Literatura ensina muitas coisas, não por ter sido feita ou destinada a isso, mas porque a sua «matéria prima» são as palavras e a linguagem é a nossa forma de habitar o mundo (Heidegger). É pela linguagem que construímos os nossos modos de pensar, de ver, de escutar e de interpretar o que chamamos «realidade» e a literatura é a forma artística que reúne todas as visões e audições (reais e irreais) que, desde o início da civilização humana, fomos construindo (pela ficção) para ir dando respostas e encontrando sentido(s) para os mistérios da existência (interior e exterior).

Falar de literatura é, por isso, como diz Manuel António Pina, falar sobre tudo. Sobre sustentabilidade também. Sendo tão múltiplas e diversificadas as formas como a educação estética e artística (a Literatura é uma arte!) pode contribuir para uma educação para a sustentabilidade, limito-me à decisão de escolher apenas quatro livros que, uma vez abertos ao diálogo com as crianças, dizem infinitamente mais do que eu poderia jamais dizer aqui.

Sobre o ridículo autoritarismo e a vontade de poder e de subjugação que o ser humano pretende exercer sobre a natureza e todos os seus recursos, escolheria a satírica fábula *O Destino de Fausto*, de Oliver Jeffers. Fazer com que cada criança perceba, o mais cedo possível, que a Natureza não precisa de nós, que somos nós que precisamos — vitalmente — dela é tarefa que se impõe a qualquer educador comprometido com a mudança.

Depois, e ainda do mesmo autor, convocaria os livros *O que Vamos Construir – Planos para um Futuro Comum* e *Aqui Estamos Nós – Apontamentos para viver no Planeta Terra*, duas obras, a vários títulos excepcionais, para pensar, com as crianças, o que significa partilhar e construir um futuro em comum, ou para dar a ver, sob diversas perspetivas, o

extraordinário planeta que nos acolhe, refletindo sobre as diferentes formas de vida que nele existem e sobre a importância dos valores de amizade, generosidade e empatia, que são essenciais para que a riqueza de toda esta diversidade — a que temos o privilégio de pertencer — seja preservada e se desenvolva em harmonia mútua. Por último, um livro que, não sendo uma obra literária, poderá ajudar as crianças a perceberem os diferentes modos como os livros contribuem para o desenvolvimento de uma vida saudável e equilibrada, revelando-nos o que não sabemos e convidando-nos a querer conhecer e descobrir muito mais. Proporia para isso um passeio na Natureza com obra *Lá fora – Guia para Descobrir a Natureza*, de Inês Teixeira do Rosário, Maria Ana Peixe Dias, Bernardo P. Carvalho. Este livro é um excelente pretexto para abrir a porta da sala de aula e ir lá para fora, passear, ver, ler, ouvir e descobrir que ser feliz é desenvolver uma mente sã e um corpo são, protegendo e preservando sempre a extraordinária beleza e diversidade do único lugar que temos para viver: a Terra.

Referências bibliográficas

- United Nations World Commission on Environment and Development (1987). "Report of the World Commission on Environment and Development: Our Common Future". Oxford: Oxford University Press.
- UNESCO (2017). "Education for Sustainable Development Goals. Learning Objectives. Education 2030". United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. France.
- JUVENAL. (1950) Satires. "Texte établi et traduit par Pierre de Labriolle et François Villeneuve". (Saturnae, século I d.c). Paris: Les Belles Lettres.

Educação e Vivências Performativas Fora de Portas ou a Busca por uma Visão Ecológica

Isabel Bezelga

CHAIA/Universidade de Évora

No âmbito da perspectiva da educação para a sustentabilidade (EfS) (Moore & Welan, 2016) encaram-se as práticas artísticas educacionais, nomeadamente as que mobilizam o “corpo que pensa”, como possibilidades ímpares na promoção duma visão ecológica em que âmbitos culturais, sociais e ambientais contribuem para a consideração da necessária relação entre cultura e natureza. Na antiquíssima relação entre o homem e o meio ambiente cabe todo um extenso leque de saberes e práticas tradicionais, inclusive de fruição, ocupação e cuidado da Natureza, enquadrados na ideia de Paisagens Culturais.¹

Trata-se em primeira instância de proporcionar modos performativos de aproximar, conhecer e relacionar (Bezelga, 2018), potenciando o desenvolvimento de práticas significativas, nos territórios de que as escolas fazem parte, tornando-os locus de experiências imersivas sensíveis e de afectação.² A consciência ambiental, o respeito e o “cuidado” com/do mundo natural desenvolve-se numa vivência próxima e de intimidade, de valorização dos eco sistemas, na experiência intensa da nossa condição de interdependência. E esta conexão é fundamental que seja reabilitada. É necessário que crianças e jovens saibam das cores, dos voos e dos cantos dos pássaros, que na imobilidade profunda consigam ouvir junto ao chão os sons da terra, as velocidades das águas e o seu generoso sabor a escorrer pela garganta numa tarde de verão, o apaziguamento das ervas a roçar o corpo cansado da corrida. Tudo isto não vem nos livros e filmes! Assim como não podemos amar a liberdade se nunca nos sentimos livres, como podemos cuidar o rouxinol, a cigarra, o pardal, o melro ou o cuco?

A capacidade de antever, olhando para os materiais que a natureza providencia (ramos, pinhas, seixos) ou para o que não tem já uso e se amontoa nas franjas da cidade, e descobrir-lhe os jeitos e as formas que lhe permitem devir outra “coisa”, fruto da imaginação e criatividade artística, como se de respigador atento se tratasse, vai mais além das tradicionais acções de sensibilização em torno dos 3R, muito difundidas em meio esco-

---

1 O conceito de Património Cultural foi muito ampliado, integrando além dos diversos aspectos culturais imateriais a relação com a natureza (Moore & Welan, 2016).

2 O conceito de afectar e deixar afectar-se é desenvolvido a partir da teoria relacional (Pais, 2017).

lar. Se bem que estas sejam de incontornável valia na consciência das jovens gerações e combate ao desperdício de um modo de vida de consumo imediato e fugaz que afecta a sobrevivência global, interessa-nos sobretudo o que se despoleta como capacidade de invenção e ficcionalização, integrando, recriando e transformando matérias em desejos de realização — obras sonhadas.

A realização de projectos colaborativos concebidos como processos de co-criação, envolvendo crianças e jovens estudantes, educadores e professores, famílias e comunidades são a melhor resposta à desagregação imposta pelas dinâmicas contemporâneas de sectorização e isolamento. No contexto de alguns trabalhos que têm vindo a ser promovidos no concelho de Évora, as acções de educação artística interdisciplinares com crianças do 1º ciclo e pré-escolar têm tido particular foco na pertença ao “lugar” através do reconhecimento, valorização, protecção e transformação nos actos de “habitar” o património cultural e natural.

Assim, no quadro quer das práticas desenvolvidas pelas escolas e jardins de infância (algumas delas Eco-escolas), quer no desenvolvimento de projectos com crianças em contextos informais no âmbito da formação de educadores e professores da UÉvora, podemos detectar uma constante: A urgência de alargamento dos campos de experiências e de aprendizagem para fora das escolas. Esta urgência em dar o salto fora de portas (da casa, da escola...) e a busca por “outras práticas” menos didatizantes e mais experienciais, imersivas, acolhendo o inesperado e o desafio, é tanto mais relevante quanto pesquisas recentes nos dão a ver crianças cada vez mais sedentarizadas, com reduzida actividade ao ar livre, com o seu tempo para brincar comprometido e menos oportunidades para o encontro e descoberta do mundo. Particularmente, nestes tempos em que confinamentos sucessivos as fizeram viver de forma contundente “outras” práticas relacionais e afectivas, empobrecendo ainda mais toda a sorte de explorações da vida ao vivo.

Na educação artística, e particularmente no desenvolvimento das linguagens dramáticas e do movimento, o acesso à experiência corpórea de ver e ler o mundo é fundamen-

tal para alimentar a imaginação pondo em acção todos os possíveis E se...? Ao induzir pesquisas criativas, baseadas na produção de cartografias afectivas, em que se acolhe a diversidade de elementos e fenómenos naturais, paisagens, acontecimentos sociais, práticas culturais e formas de viver de pessoas de perto e de longe, de espécies animais e seres que connosco coabitam a terra, podemos ampliar horizontes ao mesmo tempo que se reforça sentido de pertença. O exercício de consciência de si no mundo promove o desenvolvimento sensível de empatia face ao(s) outro(s) e ao que nos rodeia.

Para tal é necessário abrir novos canais de diálogo, começando por valorizar e aprender a escutar crianças e jovens, as suas sugestões, opiniões e antevisões, pois a sua capacidade de imaginar, de se desafiar e arriscar caminhos, jogando e participando de invenções colectivas é o que de melhor sabem fazer. Às perguntas: Como? Onde? Quando? Com o quê? Mais do que oferecer respostas é sinal de que confiamos nas suas competências. Não podemos nós, artistas, educadores e professores desperdiçar essa pulsão de criação e (re)construção.

A capacidade de afirmação potente de um ser social e cultural reverbera na imaginação de mundos possíveis. As linguagens performativas utilizadas em jogos de improvisação guiada e exercícios dramáticos, através do infindável caudal de sensações, emoções e estratégias comunicacionais que provocam, permitem a activação de memórias e possibilidades imaginadas que transcrevem para os corpos as histórias que damos a ver e queremos partilhar com os outros/outras.

Referências

- Bezelga, I. (2018). "Brincar, Fuir, Experimentar! A presença das Artes na formação de professores e educadores de infância da Universidade de Évora". *Poiésis*, 12(21), 167–184.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (2013). "Micropolítica: Cartografias do desejo". Petropolis: Vozes.
- Huggins, V.& Evans, D. (eds.)(2017). "Early Childhood Care and Education for Sustainability: International perspectives". London: Routledge.
- Moore, N. & Welan, Y. (eds) (2016). "Heritage, memory and Politics of Identity: New perspectives on the cultural Landscape". London and New York: Routledge.
- Pais, A. (org) (2017). "Performance na esfera pública". Lisboa: Orfeu Negro.

Contributos da Educação Musical na Educação para a Sustentabilidade

Paulo Esteireiro

Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (CESEM — NOVA FCSH)

Há uma ideia comum aos principais autores que se têm dedicado ao estudo das relações entre música e sustentabilidade: tendo em consideração o potencial da música, tem sido dada pouca relevância a esta relação na educação (Kagan & Kirchberg, 2016; Østergaard, 2019). Segundo a investigadora Sara J. Wolcott, a música tem inclusivamente um papel crítico e central a desempenhar na transição para uma cultura de sustentabilidade, argumentando que, “ao contrário da opinião popular, a música não é um complemento”, mas sim o “sangue vital” da identidade coletiva de uma cultura, fortalecendo a sua/nossa “biocultura” (Wolcott, 2016).

No entanto, por ser uma área ainda pouco explorada, ainda não existem consensos alargados e ideias bem definidas sobre os contributos da educação musical na educação para a sustentabilidade. Os próprios conceitos utilizados nas investigações desta área são ainda pouco difundidos entre a generalidade dos professores ou, pelo menos, não fazem parte do seu jargão habitual. Ou seja, o problema da sustentabilidade está ainda longe de ser central na formação inicial e contínua dos professores de música. Por exemplo, conceitos como “música participativa”, “biocultura”, “música para a sustentabilidade”, a relação da música com as “mudanças climáticas” e “música e sobrevivência” são ainda questões periféricas nos programas curriculares de música.

Apesar disso, essa situação não significa que não existam atualmente projetos em que a música seja um dos elementos centrais ou participantes na educação para a sustentabilidade, dentro das escolas. Neste ponto, talvez seja útil separar aqui dois universos. Por um lado, temos um conjunto de investigadores que tem procurado compreender o papel da música na transição para culturas de sustentabilidade. Por outro lado, temos as comunidades escolares, onde se tem procurado envolver as artes, incluindo a música, na educação das crianças e jovens para a sustentabilidade, em atividades extracurriculares e em projetos de escola interdisciplinares. Estes dois mundos — investigação e escolas — poderiam estar mais relacionados.

A música e a sustentabilidade de uma comunidade

Num plano mais conceptual, tem vindo a ser defendido que a música é uma peça que contribui de diferentes modos para a sustentabilidade de uma comunidade. Entre os possíveis papéis da música neste domínio, destaca-se o seu contributo para: aumentar a integração e sentimento de pertença dos indivíduos numa comunidade; aumentar o potencial de sobrevivência do indivíduo e respetiva comunidade, perante dificuldades diversas; participar no processo de melhoria do ambiente e da sustentabilidade ecológica. No âmbito do potencial de integração e sobrevivência, é reconhecido que a música pode aumentar o vínculo dos indivíduos a uma cultura. Em períodos traumáticos — como se adivinha que possa vir a ser, por exemplo, o mundo pós-alterações climáticas —, a música pode desempenhar um relevante papel na integração e união entre os indivíduos de uma comunidade. Um exemplo esclarecedor desse poder da música é o da experiência afro-americana da escravidão, onde a música foi um elemento essencial que contribuiu para a união e a sobrevivência dos escravos em situações hediondas e inumanas. Existe uma tese historiográfica que argumenta que a música desses escravos terá começado como um “gemido”, numa primeira fase em que alguns não compartilhavam uma língua comum e eram proibidos de usar seus tambores tradicionais, tornando-se mais tarde nos conhecidos “espirituais negros”, que auxiliaram os escravos a sobreviver a uma existência torturante por várias gerações (Abbingtton, 2009). Assim, tendo em consideração que a música contribuiu para a sobrevivência a todos estes horrores da escravidão, também há quem conclua que devemos ter em consideração o seu potencial para aumentar a resiliência de refugiados climáticos e outras populações ameaçadas, atribuindo à música um papel essencial na adaptação ao clima e no auxílio às comunidades que sobreviveram a traumas (Wolcott, 2016).

Mas a música também é relevante na nossa conexão e integração no ambiente ecológico a que pertencemos e do qual por vezes nos alienamos, no contexto urbano. Por exemplo, ao longo da história da humanidade, a música e a dança tiveram — e continuam a ter —

um papel relevante no cultivo da terra. Atualmente ainda subsistem canções e danças que foram essenciais nesta relação do homem com a natureza e na agricultura. Alguns autores que estudam o contributo da música para a sustentabilidade têm referido que é importante revitalizar estas canções tradicionais no processo de revitalização de uma cultura tradicional sustentável — adaptada aos tempos modernos (Pelling, 2010). Assim, o património musical tradicional tem sido utilizado como um dos elementos na melhoria do ambiente ecológico e na criação de sistemas sustentáveis, fundados na revitalização de uma identidade tradicional. Por exemplo, na Ilha de Eigg, na costa norte da Escócia, ocorreu um processo de recuperação e valorização das artes e conhecimentos autóctones do período da pré-invasão britânica. Este investimento da comunidade na sua própria cultura ancestral terá contribuído — segundo os próprios habitantes — para fortalecer uma nova mentalidade que conduziu ao desenvolvimento de uma ilha autosustentável energeticamente com energias renováveis (MacIntosh, 2008). Assim, a defesa da biodiversidade musical e cultural, ante uma globalização mundial também na área da cultura, pode ser um elemento central na criação de comunidades sustentáveis. A investigação das músicas agrícolas e rituais de dança pode contribuir para uma revitalização de paisagens sonoras com forte potencial unificador de uma comunidade. Finalmente, o investigador Thomas Turino descreve a importância do que designa de “música participativa”, onde não existam “distinções entre artista e público: apenas participantes e participantes potenciais.” Para Turino, ao contrário dos concertos em que há uma separação clara entre os músicos e os ouvintes, a música participativa é extremamente importante para a resolução das diferenças e desacordos dos membros de uma comunidade. Assim, para que a música atinja todo o seu potencial no desenvolvimento de uma comunidade sustentável, é importante criar estratégias de promoção de momentos musicais participativos. Entre os exemplos de músicas e danças de natureza participativas, Turino realça a música indígena de África ou as músicas das tribos dos Montes Apalaches na América, que criam vínculos fortes entre os indivíduos que as integram (Turino 2008, 28).

Projetos educativos e sustentabilidade

No domínio escolar, utilizando como base o conhecimento subjetivo da minha própria experiência pessoal, de observação direta dos projetos de educação artística da Região Autónoma da Madeira, creio que é possível argumentar que os professores de educação musical têm colaborado ativamente em projetos no domínio da educação para a sustentabilidade, tal como num conjunto de outras temáticas para as quais são desafiados no âmbito dos projetos educativos de escola.

O conceito de economia circular e a importância da reciclagem é uma área em que as artes têm ocupado um lugar central em contexto escolar. No caso da música, tornou-se comum, por exemplo, a criação de instrumentos a partir de materiais recicláveis e a sua utilização em diferentes contextos da prática musical.

Figura 1 — Alunos do Colégio Infante D. Henrique, no Funchal, fazendo atividades musicais de percussão com bidões de plástico de diferentes tamanhos, numa atividade musical assim relacionada com a sensibilização para a importância da reciclagem

A criação de canções e danças a sensibilizar para a necessidade de promover um ambiente sustentável é também uma prática comum nas escolas. É frequente solicitar-se ao professor de música que desenvolva atividades musicais a sensibilizar para os problemas ecológicos, por exemplo, no âmbito do projeto “Eco-Escolas — Educação Ambiente para a Sustentabilidade”, o qual tem tido muita adesão nas escolas da Madeira. Esta educação para a sustentabilidade é assim normalmente um esforço interdisciplinar em que o professor de música participa junto com professores de outras disciplinas.

No entanto, neste tipo de atividades, como refere o investigador norueguês Edvin Østergaard, acaba por olhar-se para a música “como um meio de ensino para a sustentabilidade” e não tanto “como um conhecimento genuíno que é necessário na educação para a sustentabilidade”. Assim, o investigador e compositor norueguês defende que há muito potencial para utilizar nas escolas, a partir dos artistas da paisagem sonora, quando se trata de refinar os ouvidos dos alunos para as expressões sonoras do ambiente. Østergaard (2019) propõe que os professores de educação musical promovam mais atividades auditivas onde se procure superar a “nossa surdez para o meio Ambiente”.

O serviço educativo da Casa da Música do Porto, por exemplo, promove um conjunto de atividades neste domínio, tendo inclusivamente uma aplicação no âmbito do projeto Digi-tópia: o PORTOphone. Esta aplicação promove a audição da paisagem sonora de certos espaços do Porto, através da utilização de gravações da cidade dispostas num interface gráfico (um mapa) e reproduzíveis com um simples clique. Ainda neste âmbito, investigadores da Universidade do Minho conceberam o projeto Audire que visa desenvolver um repositório auditivo, onde se guarde as nossas memórias sonoras. Segundo os próprios promotores deste repositório, “AUDIRE define-se como um projeto que visa incrementar a consciência social sobre a relevância do som como forma de expressão e explorar o potencial inovativo e criativo de narrativas sonoras.”

Estes projetos educativos poderão ser parcialmente replicados nas nossas escolas, como forma de os alunos conhecerem e criarem laços com a paisagem sonora da sua comunidade e assim fortalecerem os laços com o seu ambiente ecológico. Em alguns casos,

poderão inclusivamente levá-los a refletir sobre a poluição sonora que nos rodeia e a procurar envolverem-se na criação de soluções e alternativas mais sustentáveis.

Referências

- Abbington, James (2009). “Let the Church Sing On! Reflections on Black Sacred Music”, Chicago: GIA Publications.
- Kagan, S. & Kirchberg, V. (2016). “Music and sustainability: organizational cultures towards creative resilience — a review”, *Journal of Cleaner Production*, 135, 1487–1502.
- Østergaard, Edvin (2019). “Music and sustainability education — a contradiction?”, *Acta Didactica Norge*, Vol. 13, N. 2, 1–20.
- McIntosh, Alistair (2008). “Hell and High Water: Climate Change, Hope and the Human Condition”, Edinburgh: Birlinn.
- Pelling, Mark (2010). “Adaptation to Climate Change: From Resilience to Transformation”, London: Routledge.
- Titon, Jeff Todd (2009). “Music and Sustainability: An Ecological Viewpoint.”, *The World of Music*, 51(1), 119–137.
- Turino, Thomas (2008). “Music as Social Life: The Politics of Participation”, Chicago: University of Chicago Press.
- Wolcott, Sara J. (2016). “The Role of Music in the Transition Towards a Culture of Sustainability”, *Empowering Sustainability International Journal (ESIJ)*, Vol. 3, N. 1, 1–19.

Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no ensino pré-escolar e 1.º ciclo

Um Mergulho na Natureza — Land Art

Helena Martinho e Jaime Filipe

Um mergulho na Natureza — Land Art

**nome
da atividade**

Helena Martinho

autores

Educadora de Infância e Formadora de Professores. Tem escrito diversos artigos sobre as suas práticas em revistas da especialidade, sobretudo colaborando com os Cadernos de Educação de Infância da APEI (Associação de Profissionais de Educação de Infância) e nos Encontros e Conferências organizadas por esta Associação. Apaixonada pela Educação Artística e pela Natureza, porque a vida é lá fora!

Jaime Filipe

Artista de Land Art que desenvolve um projeto artístico com intervenções em florestas, lagoas, rios e praias, com instalações em festivais realizados na natureza, com a produção de eventos abertos ao público e a criação de instalações em jardins públicos ou privados e nas cidades.

Na sua essência, J'AIME LAND ART (nome do Projeto e que tem divulgação no Facebook) é um mergulho na infinita capacidade de expressão artística que existe na relação afetiva do Homem com a Natureza, madre de um universo de materiais que preenchem todas as gamas de cor, de todas as formas e feitios, através das pedras e dos sedimentos, das plantas e dos paus, das folhas e das flores, das sementes e dos frutos...

Iniciámos experiências de Land Art, criando composições com elementos da Natureza, quer no espaço do Jardim, quer em espaços

resumo

exteriores, relvados, jardins e na Natureza em geral.

Mas o momento mais inesquecível foi proporcionado pela possibilidade de realizar um workshop experimental com o artista Jaime Filipe.

Começámos por recolher inúmeros materiais da Natureza e, num belíssimo dia de sol, as crianças e os pais que puderam estar presentes, tiveram a fantástica oportunidade de realizar uma sessão de Land Art com o artista Jaime Filipe. Começaram por ver trabalhos deste artista, projetados e comentados pelo próprio. Depois, já no relvado, passaram à ação juntamente com os familiares e com o Jaime. Com diversos materiais da natureza construiu-se uma enorme mandala em torno de uma árvore. Foi uma manhã luminosa e inesquecível.

A mandala ficou lá...embelezando o jardim...

**palavras-
-chave**

land art; mandala; educação artística; arte e ambiente

**proposta
de atividade**

Sabes que há artistas que só constroem obras com materiais da Natureza? A esse tipo de arte chama-se “Land Art”. Tenta pesquisar alguns para perceberes que materiais escolhem e como os organizam. E também para te encantares com a beleza e poesia das suas produções.

E tu? Já alguma vez experimentaste fazer construções com materiais da Natureza? Que tal aproveitares os teus passeios pelo campo, pela floresta ou pela praia para começares? Podes recolher materiais diversos e escolher um sítio diferente para construir. Mas, melhor ainda, será conseguires descobrir um local na Natureza que

te ofereça tudo o que precisas para criar a tua obra logo ali!
 Não vale usar nada que não seja da Natureza. Nem cola, nem tinta e sobretudo nada que possa ser nocivo para o ambiente. Podes construir no chão, mas também aproveitar, rochas, pequenos cursos de água, os troncos e ramos das árvores. Podes suspender materiais e deixá-los a baloiçar ao vento...Podes criar animais, padrões, espirais, mandalas... construções que flutuem... Podes...
 O limite não existe... porque a tua imaginação não tem limites.
 Sabes? A tua obra não vai durar para sempre... A Land Art é mesmo assim. Por isso se diz que é efémera. Isso ainda a torna mais bonita e importante. As próprias forças da Natureza se encarregam de a desconstruir... aos poucos. Por isso, se puderes, vai fotografando as tuas obras. Isso é o que fazem todos os artistas de Land Art para que as suas obras vivam para sempre...

pré-escolar e 1.º ciclo do Ensino Básico

faixa etária

1.^a sessão de 30 minutos.
 2.^a sessão de 60 minutos.

duração

- Perceber o que é o conceito de Land Art.
- Pesquisar a obra de alguns artistas de Land Art.
- Descobrir o prazer e o divertimento de realizar composições diversas com materiais da Natureza, individualmente ou em grupo.
- Criar laços de empatia com a Natureza e de sustentabilidade

objetivos

ambiental através da Arte.

conteúdos

1. Os elementos naturais e suas características físicas e estéticas.
2. Escolha e organização dos materiais.
3. Manipulação e construção/composição dependendo das características dos materiais e locais escolhidos.
4. Desenvolvimento da sensibilidade estética.
5. Construção de laços de empatia, harmonia e respeito pelo ambiente natural.
6. Associação de diferentes domínios: a Arte e o Ambiente.

materiais

Pedras, areia, conchas, plantas, paus, casca de árvore, ramos, folhas, flores, sementes, frutos, água...

**espaço
de
aprendizagem**

Em qualquer ambiente natural: jardins, campo, florestas, praia, montanha...embora também seja possível deslocar os materiais para o espaço escolar construindo aí.

**descrição das
várias etapas
de trabalho**

1. Pesquisar Land Art.
  2. Se possível contactar diretamente e dialogar com um artista de Land Art.
  3. Procurar ambientes de Natureza e recolher elementos naturais
  4. Construir na Natureza ou no espaço escolar.
  5. Registar o processo, obras e diálogo/conclusões dos alunos.
- * Livros, revistas, documentários e pesquisas na internet sobre

recursos didáticos

Land Art, e alguns artistas em específico.

- * Realização, por parte do docente ou dos alunos, de ppoints com fotos de Land Art ou obra de artistas específicos.

- * Realização de ppoints, photostory's ou outros recursos audiovisuais que registem a experiência da turma e que também permitam a sua divulgação.

- * Criação de blogues ou outros espaços na internet sobre o assunto e que registem a experiência e obras da turma no domínio da Land Art.

- * Livro:

“Land Art for kids” –In the Woods– de Richard Shilling e Julia Brooklyn. <https://www.landartforkids.com/>

- * Links:

Andy Goldsworthy – Earth Artist and his Process
<https://www.youtube.com/watch?v=sngXz55b4bc>

Go Outside Week: Andy Goldsworthy Land Art
<https://www.youtube.com/watch?v=USgiTXAEC9E>

“Visual Poetry–Water percussion” – Jaime Filipe
https://www.youtube.com/watch?v=b4W_25oSL04

imagens

obras
do artista
Jaime Filipe

Pássaros, Passarinhos e Passarocos

Ana Sofia Bento Moreira

Pássaros, Passarinhos e Passarocos

**nome
da atividade**

Ana Sofia Bento Moreira

autora

23 anos, natural do Porto. Licenciada em Educação Básica pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Atualmente, encontro-me a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico pela mesma instituição. Para além da área da educação, interesse-me pelas áreas da fotografia e do designer gráfico e videográfico.

A atividade proposta foi realizada no mês de janeiro de 2021 durante a Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar I. Esta realizou-se na instituição da OSMOPE numa sala de mistos.

resumo

pássaros; tecnologia; arte; esculturas; educação artística; educação ambiental; escultura

**palavras-
-chave**

Com a tecnologia que reunimos nas nossas casas
Vamos fazer com que a tua criatividade levante asas!

**proposta
de atividade**

Esculturas de diferente tamanhos, cores e feitios vamos criar,
E deixar a nossa imaginação voar!
Para isso, vamos precisar de muita cola,
Com os pássaros, passarinhos e passarocos
A tecnologia aterrará na nossa escola!

faixa etária	4/5 anos
duração	2 sessões: 1. ^a sessão de 50 minutos e 2. ^a sessão de 60 minutos.
objetivos	• Promover o contacto com diferentes técnicas. • Incentivar a participação das crianças no processo criativo, desde a ideia à construção. • Promover o reaproveitamento de materiais. • Manipular vários materiais tecnológicos. • Produzir objetos tridimensionais.
conteúdos	1. O conceito de escultura. 2. Trabalho cooperativo. 3. O processo criativo. 4. Manipulação de materiais. 5. Técnica de construção com utilização de materiais de desperdício. 6. Técnica de expressão tridimensional.
materiais	Materiais tecnológicos de desperdício, cola quente, tesoura.
espaço de aprendizagem	Esta atividade pode ser desenvolvida na escola, em contexto de pré-escolar ou mesmo em casa, com a família.

Numa fase inicial terá de ser pedida a colaboração dos pais para reunirem um conjunto de materiais de desperdício que tivessem por casa. Estes materiais deveriam ser, essencialmente, tecnologia que já não tinha utilidade, utensílios da cozinha, cabos elétricos, eletrodomésticos de pequenas dimensões, entre outros.

Depois de reunidos vários materiais, partiremos para a exploração dos mesmos. Com o grande grupo organizado em semicírculo, colocam-se os materiais no centro e pede-se que, à vez, as crianças explorem os mesmos de modo a pensarem em formas criativas de construir pássaros.

Após a criação das esculturas, passaremos para a construção e montagem das mesmas. Nesta fase, será necessária a ajuda do adulto para colar as peças com

**processo
de trabalho**

Esta atividade foi realizada a propósito do projeto lúdico implementado na sala sobre a alimentação. No decorrer do mesmo foi construída uma horta onde estes pássaros irão ser expostos. Para isso, foi fundamental uma pesquisa na internet e posteriormente um diálogo com as crianças sobre a importância dos pássaros para a natureza. Também foi pedido que as crianças pesquisassem com a família, trabalhos realizados por artistas que utilizam materiais de desperdício nas suas obras de arte, como forma de inspiração.

**recursos
didáticos**

avaliação da atividade

Inicialmente, constatou-se que as crianças tiveram dificuldade em pensar na possibilidade de construir pássaros a partir daqueles materiais, uma vez que é algo que exige um pensamento para além do que é visível. Conjuntamente também foi desafiante para as crianças entender a transformação de objetos do seu dia a dia em outros produtos. Neste sentido, a orientação do adulto foi imprescindível para que as mesmas compreendessem aquilo que se pretendia com a tarefa. Assim sendo, no desenrolar da atividade, as crianças foram se envolvendo cada vez mais, demonstrando entusiasmo e criatividade nas suas produções. Foi notório, igualmente, o fascínio destas ao ver que estavam a ser capazes de realizar a atividade com sucesso.

imagens

Super-Heróis Ambientais

Jéssica Cristina Abreu Monteiro

Super-Heróis Ambientais

**nome
da atividade**

Jéssica Cristina Abreu Monteiro

autora

24 anos. Licenciada em Educação Básica pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, em 2020. De momento encontro-me a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico na mesma instituição.

Esta atividade foi realizada numa sala de 5 anos do Colégio Efanor. Por já ter sido realizadas imensas atividades para reutilizar objetos e do Colégio fazer parte do projeto Eco-Escolas desenvolveu-se uma pequena conversa sobre o ambiente. A partir desta conversa foi notório todo o interesse que o grupo dispunha para a temática.

resumo

ambiente; reutilizar; super-heróis; transformar

**palavras-
-chave**

Para o Planeta salvar
Dos super-heróis vamos precisar
Os rolos e as rolhas decorar
Para o ambiente ajudar

**proposta
de atividade**

5 anos

faixa etária

duração	3 sessões com 45 minutos cada.
objetivos	• Tomar consciência das ações do ser humano sobre o ambiente. • Desenvolver boas práticas ambientais e contribuir para a sua difusão. • Descrever e interpretar realidades do mundo. • Desenvolver o processo criativo utilizando a técnica da construção. • Manipular e usar materiais recicláveis.
conteúdos	Área do Conhecimento do Mundo 1. Demonstra curiosidade e interesse pelo que a rodeia, observando e colocando questões que evidenciam o seu desejo de saber mais. 2. Encontra explicações provisórias para dar resposta às questões colocadas. 3. Participa com interesse no planeamento e implementação da metodologia que caracteriza o processo de descoberta. 4. Demonstra envolvimento no processo de descoberta e exploração e revela satisfação com os novos conhecimentos que construiu. Área de Expressão e Comunicação 1. Reflete sobre as imagens que lhe são mostradas. 2. Expressa perante o grupo a sua opinião. 3. Escuta com atenção os colegas.

Subdomínio das Artes Visuais

1. Representa e recria plasticamente vivências individuais, temas, histórias, pessoas, animais, etc., utilizando diferentes materiais;
2. Introduz, nas suas produções plásticas, elementos visuais
3. Emite opiniões sobre os seus trabalhos, os das outras crianças e sobre diferentes manifestações de artes visuais com que contacta.

Rolos de papel, rolhas de cortiça, sacos plásticos, lã, decoração.

materiais

Esta atividade deverá realizar-se na sala do grupo na instituição ou em casa, em família.

**espaço
de
aprendizagem**

1.^a etapa: Inicialmente irá ser apresentado ao grupo a temática de toda a atividade: O Ambiente. De seguida, mostra-se imagens sobre a poluição nos oceanos e pretende-se que o grupo participe e reflita sobre toda a temática.

2.^a etapa: Após esta partilha, será proposto realizarem, cada um, o seu super-herói que vai ajudar a salvar o planeta. O grupo será dividido em pequenos grupos, para que enquanto uns se encontram a brincar nas áreas, os outros realizam a tarefa pedida.

3.^a etapa: Dar os retoques finais nos trabalhos.

**processo
de trabalho**

**recursos
didáticos**

Para a realização desta atividade foi partilhado com o grupo uma apresentação em PowerPoint com imagens sobre a temática poluição marinha. Para que as crianças também abordassem o que esta poluição pode causar aos animais, incluí também duas imagens de tartarugas. A primeira com uma garrafa de plástico na boca e a segunda com um saco de plástico. Com a finalidade de se inspirarem para realizar a atividade foram abordadas obras de Bordalo II e da Joana Vasconcelos. Esta apresentação foi criada, maioritariamente, com imagens para estimular a participação e reflexão do grupo.

**avaliação
da atividade**

Inicialmente, constatou-se que as crianças revelaram-se muito recetivas à temática e participaram ativamente durante todo o debate. Quando a proposta foi mostrada todos queriam começar a criar o seu super-herói. Em pequeno grupo foi mostrado os materiais disponíveis e verificou-se que as crianças sentiram alguma dificuldade em selecionar quais é que querias utilizar. No entanto, a orientação do adulto foi indispensável para o desenrolar da atividade. No final da atividade, todos se demonstraram entusiasmados porque criaram todos super-heróis diferentes uns dos outros.

**referências
bibliográficas**

Oliveira, M. (2017). “A educação artística para o desenvolvimento da cidadania: atividades integradoras para o 1.º ciclo do ensino básico”. Viseu: APECV. Disponível em: <http://www.apecv.pt//APECVPublications/Oliveiramonica2017edartAPECVed.pdf>

Silva, I. (coord.) (2016). “Orientações para a Educação Pré-Escolar”. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).

imagens

Jardim de Inverno

Joana Figueiredo Coutinho Mendes e Barbara Iwona Marzec

Jardim de Inverno

**nome
da atividade**

Joana Figueiredo Coutinho Mendes

autoras

Licenciada em Educação Básica desde 2017 e Mestre em Educação Pré-Escolar desde 2020, pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. Atualmente desempenha a função de Educadora de Infância na Creche e jardim de Infância – Passinhos de Rei, situado em Vila Nova de Gaia.

Barbara Iwona Marzec

É licenciada em Oligofrenopedagogia (ensino e educação de crianças com deficiências mentais) desde 1990, pela Escola Superior de Pedagogia Especial de Maria Grzegorzewska, em Varsóvia. Atualmente desempenha a função de Técnica de Ação Educativa na Creche e jardim de Infância – Passinhos de Rei, situado em Vila Nova de Gaia.

As profissionais Joana e Barbara são a equipa pedagógica da sala dos 2 anos.

A presente atividade surgiu com a leitura de uma história “O Jardim Mágico na Neve” dos autores Tracey Corderoy e Jane Chapman, que nos levam para uma questão muito pertinente nos tempos que correm, a poluição do meio ambiente, mas também a mensagem de que é possível criar arte, reinventando-os, através de objetos que aparentemente não apresentam nenhuma utilidade. Desta forma podemos tornar o nosso planeta, num mundo mais sustentável sem

resumo

prejudicarmos nada, nem ninguém. Assim, após esta hora do conto o grupo de crianças ficou muito entusiasmado com o pinguim e o seu jardim, o que nos levou à construção de um pinguim e com a colaboração das famílias a construção de flores para a montagem de um jardim de inverno, tal como o pinguim fez.

**palavras–
–chave**

reciclar; reinventar; reutilizar; educar com arte;

**proposta
de atividade**

Surgiu um interesse pelos pinguins. E agora? Com a ajuda da tua família pesquisa sobre estes animais fantásticos. Explora a forma de andar dos pinguins e dança com os teus amigos.

Será que és capaz de construir um pinguim? E o jardim?

Com a ajuda da tua família constrói flores com materiais de desperdício e recicláveis como o pinguim Serafim.

Não tenho dúvidas de que és um verdadeiro artista. Estás preparado para esta aventura?

Constrói em conjunto com os teus amigos, familiares e educadores / professores o “Jardim de Inverno”.

Bom Trabalho!

faixa etária

crianças entre os 2 e os 3 anos de idade

A presente atividade divide-se em 6 sessões:

- 1.^a Sessão: 10 minutos.
- 2.^a Sessão: 5 minutos.
- 3.^a Sessão: 20 minutos.
- 4.^a Sessão: 30 minutos.
- 5.^a Sessão: 1 semana.
- 6.^a Sessão: 20 minutos.

duração

- Reutilizar materiais/objetos sem utilidade.
- Ser criativo.
- Observar as ilustrações do livro.
- Promover a importância do cuidar do meio ambiente/habitat natural.
- Contactar com obras de arte.

objetivos

1. Explorar diferentes técnicas. Utilização de materiais reciclados para a criação de arte.
2. Identificação dos diferentes materiais utilizados.
3. Expressão artística.
4. Identificação das cores.

conteúdos

Sacos do pão, jornais, caixas de ovos, garrafas de plástico, cápsulas de café, caixas de cartão, cola, tinta, tesoura, alicate, etc.

materiais

**espaço
de
aprendizagem**

A presente atividade foi desenvolvida em contexto de sala e em casa de cada criança.

**processo
de trabalho**

A atividade deve ter como ponto de partida a leitura e exploração da história “O Jardim Mágico na Neve” dos autores Tracey Corderoy e Jane Chapman. O grupo de crianças deve estar disposto em semicírculo, para o momento da hora do conto. Segue-se a exploração da história, ao serem colocadas algumas questões e observadas algumas ilustrações do livro, em particular as ilustrações do jardim construído pelo pinguim. Em grande grupo é proposto a construção de um pinguim com material reciclado e de seguida é lançado um desafio à família, a construção de uma flor com material reciclado, tal como o pinguim Serafim fez. O pinguim será exposto em local visível, para ser contemplado pela família e comunidade, tal como as flores que vão compor o nosso “jardim de inverno”. Segue-se uma tabela que descreve de forma sucinta e organizada cada sessão:

1.^a Sessão: Hora do Conto com a história “O Jardim Mágico na Neve” dos autores Tracey Corderoy e Jane Chapman.

2.^a Sessão: Diálogo sobre a história através da visualização das ilustrações da história.

3.^a Sessão: Construção do Pinguim Serafim:

- Rasgar jornais;
- Amassar jornais;

– Encher um saco de papel (saco do pão) com o os jornais amassados;

4.ª Sessão: Dar forma ao pinguim (saco do pão);
Pintura do pinguim, com a técnica do pincel.

5.ª Sessão: Criar uma interação escola/família, ao propor a cada família a construção de uma flor exclusivamente com materiais recicláveis, de forma a dar-lhes uma nova vida e a criar uma “obra de arte”.

6.ª Sessão: Criar uma instalação com todos os elementos construídos, o pinguim Serafim e as flores das crianças.

Os recursos explorados foram a história, que dá origem a todo o projeto, ilustrações do livros, vídeos educativos sobre o habitat natural dos pinguins, imagens dos pinguins e uma música.

Vídeos educativos:

<https://www.youtube.com/watch?v=snAvGxz7D04>

<https://www.youtube.com/watch?v=k22Gg13ahDc>

Músicas:

Panda e Os Caricas – Pinguim – <https://www.youtube.com/watch?v=4TzvYj899BE>

Imagens:

Escultura do pinguim

**recursos
didáticos**

<https://thumbs.dreamstime.com/z/gertrudes-escultura-do-pinguim-feita-lixo-encontrado-no-oceano-como-parte-da-exibi%C3%A7%C3%A3o-em-terra-lavada-arte-135225560.jpg>

Nome da escultura: Gertrudes; Autor desconhecido; Ano: 23 de dezembro de 2018; Local: Jardim Zoológico de Nápoles — Flórida; Dimensões não apresentadas.

avaliação da atividade

A presente atividade decorreu no tempo previsto. As crianças demonstraram gosto pelo trabalho desenvolvido. Adquiriram diferentes competências através do manuseamento de vários materiais e exploração de diferentes técnicas, como a pintura, a colagem, a rasgagem e moldagem, o que permitiu o desenvolvimento da motricidade fina. Também competências ao nível das relações, a relação com os pares, pois parte do trabalho foi realizado com os colegas em contexto de sala e a relação escola-família, pois a outra parte do trabalho foi realizada em casa com a família. O facto de primarmos pela utilização de material reciclado permitiu o desenvolvimento da criatividade, mas também o despertar para o cuidado que devemos ter com o meio ambiente.

Assim, é possível concluir que esta dinâmica de trabalho realizado em contextos casa-escola, possibilitou a execução de diferentes trabalhos que primaram pela criatividade e a utilização de diferentes materiais reciclados, dando origem a um jardim de inverno!

imagens

Com Elementos Naturais Surge a Criação!

Maria do Céu Lourenço Pereira

Com Elementos Naturais Surge a Criação!

**nome
da atividade**

Maria do Céu Lourenço Pereira

autora

Educadora de Infância há 33 anos (trabalhei 12 anos num jardim de Infância tipo IPSS e há 21 anos que trabalho em jardins de infância da Rede Pública com crianças das faixas etárias dos 3 aos 5 anos). Exerci por um período de 3 anos as funções de Vice Presidente na Direção de um Agrupamento de Escolas. Durante este período implementei um projeto de Educação Artística “BrincArte” em cinco Jardins de Infância do Agrupamento.

Esta atividade foi realizada e experienciada na Escola Básica do Barreiro com um grupo de 24 crianças de 4 e 5 anos da Educação Pré-Escolar. A mesma foi realizada em novembro de 2020, em que todos os profissionais de educação face à situação pandémica (co-vid19) se tiveram de reinventar e encontrar atividades/estratégias promotoras de uma ação educativa em segurança.

resumo

A atividade foi realizada no exterior no âmbito da vivência do outono e do projeto de departamento “Crescer saudável-Arte e Ambiente de mãos dadas”

educação artística; natureza; aprendizagens; brincar

**palavras-
chave**

**proposta
de atividade**

Há folhas a cair das árvores, uma brisa fresquinha no ar, passarinhos a cantar e a natureza a convidar os pequenos grandes artistas a saírem para o exterior, a investigarem e a criarem! Aceitam o convite?

Então lupas na mão, olhos bem abertos, ouvidos à escuta e mãos criadoras em ação!

E não podemos esquecer a foto para mais tarde recordar!

faixa etária

4 e 5 anos

duração

2 sessões: 1.^a de 30 minutos e 2.^a de 50 minutos

objetivos

- Sensibilizar as crianças para a preservação do meio ambiente.
- Propor atividades lúdicas e desafiantes que articulem as diversas áreas do saber.
- Mobilizar os sentidos na perceção do mundo envolvente.
- Propor atividades que despertem a criatividade, imaginação das crianças, promovendo o brincar com materiais naturais e o contacto com a natureza.
- Manipular diferentes materiais naturais, conhecendo as suas potencialidades artísticas.
- Identificar e aplicar técnicas bidimensionais.
- Dar a conhecer obras de artistas contemporâneos que trabalham o tema da natureza.

1. Preservação do meio ambiente.
2. Apreciação e usufruição da natureza.
3. Exploração dos materiais e suas propriedades (forma, cor, tamanho, textura...).
4. A pesquisa como fonte de inspiração para criação de trabalhos artísticos.
5. Criação de formas a partir de elementos naturais utilizando a técnica da construção.
6. Artistas contemporâneos.

conteúdos

lupas, sacas de plástico, elementos naturais (galhos de árvores, pedras, folhas, bolotas, entre outros), folhas, lápis de grafite e máquina fotográfica digital.

materiais

Espaço exterior do Jardim de Infância com parque infantil e espaço terra com várias

Árvores e outras espécies vegetais e animais.

A 2.ª sessão da atividade decorreu na sala do Jardim de Infância.

**espaço
de
aprendizagem**

As crianças foram para o exterior com lupas e com postura de verdadeiros artistas iniciaram as suas pesquisas. Observaram os elementos naturais e seres vivos que encontraram ao pormenor. Manipularam/ exploraram os vários elementos naturais (formas, cores, tamanho, textura e descobriram ainda que se podia fazer “Matemática divertida com os mesmos” e que “(...) a brincar aprendemos

**processo
de trabalho**

não é professora!” Numa fase posterior com os elementos recolhidos começaram a brincar com os mesmos e apareceram as primeiras construções com arte no chão do parque infantil, As crianças diziam que era preciso tirar fotos das criações porque iriam se “estragar porque não estavam coladas...” Depois de alguma negociação e de acordo com os interesses e motivação das crianças os elementos foram recolhidos da natureza em sacas de plástico individuais e levados para a sala.

Antes de dar início ao processo criativo fomos ao computador fazer uma pesquisa sobre artistas que trabalham a arte-natureza tais como: Andy Goldsworthy, Rodrigo Bueno e ainda da Artista Mónica Oliveira. Visualizamos algumas obras de arte e exploramos as mesmas do ponto de vista estético, sensorial, formas e imaginação na concretização das mesmas. Em diálogo com as crianças centramos ainda a atenção nos elementos formais das obras tais como: a cor, forma, texturas e a mensagem que os artistas pretendem comunicar através das suas criações.

Inspirados nos artistas contemporâneos e com os materiais naturais as crianças deram largas à sua imaginação e criatividade. Cada criança fez a sua construção bidimensional tendo como suporte uma folha A4 de cor e deve dar um nome à mesma.

No final as construções ficaram expostas nas mesas (para serem visualizadas por todos) e cada criança falou sobre a sua criação e justificou o nome dado à mesma,

De seguida tiram-se fotos de todos os trabalhos, recolhem-se os elementos naturais para devolver à natureza. As fotos das construções com arte foram expostas na sala para serem visualizadas por todos.

Artistas contemporâneos que trabalham o tema da natureza — arte e outros recursos.

recursos didáticos

Andy Goldsworthy — Artista, escultor, fotógrafo e ambientalista transforma elementos que encontra na natureza em obras de arte. Disponível no link: <https://www.hypeness.com.br/2016/03/artista-cria-incriveis-intervencoes-com-elementos-da-natureza/>

Mônica Oliveira— Obras: Desejo 2005; Fantasia 2005; Paisagem reservada, 2005; Conversas paralelas 2004, Labirintos da memória, entre outras obras da Artista. Disponível em www.monicaoliveira.net
Rodrigo Bueno— Atelier do Artista. Disponível no link: <https://youtu.be/-lh1M9mkuQA->

Programa de Educação Ambiental do Instituto Ecofuturo. Link: <https://youtu.be/a5ERaluvx54>

O livro “Nosso Ambiente: 10 anos educando na natureza”. <http://www.ecofuturo.org.br/blog/nosso-ambiente-10-anos-educando-na-natureza/>

A atividade decorreu com muito êxito e contribui de forma decisiva para a educação artística das crianças e sua sensibilização para a preservação do meio ambiente. Saliento a motivação, empenho, entusiasmo das crianças ao longo de toda a atividade e o seu envolvimento com a natureza. O ar puro, os odores, as formas, as cores, as diferentes texturas dos elementos naturais e o chilrear dos pássaros são potenciadores de criatividade, imaginação, sensibilidade estética e de saberes cognitivos. A natureza é sem dúvida uma fonte de inspiração, onde se encontra um ambiente facilitador e estimulador para a criação.

avaliação da atividade

Através da visualização das obras de arte de alguns Artistas Contemporâneos ampliaram o seu leque experiencial, tiveram acesso a uma linguagem plástica específica e aprenderam a relacionar elementos formais das obras tais como: a cor, forma, texturas e a mensagem que os artistas pretendem comunicar através das suas criações. As crianças tiveram oportunidade de expressar todo o seu potencial criativo e imaginativo ao criarem as suas construções divertidas, inventando e descobrindo novas formas de utilizar os elementos naturais.

A atividade permitiu ainda trabalhar de forma transversal e integrada todas as Áreas/Domínios de conteúdo de forma lúdica e desafiante contribuindo de forma decisiva para o harmonioso desenvolvimento global das crianças e para a adoção de estilos de vida saudáveis.

Acredito que a Educação Artística de “mãos dadas” com a Educação Ambiental é sem dúvida o caminho para a construção de novas atitudes, competências e valores na vida das crianças contribuindo de forma decisiva para serem cidadãos mais conscientes e responsáveis.

Avaliação/comentários das crianças à atividade

A atividade foi avaliada pelas crianças através de comentários/narrativas que as mesmas verbalizaram e que foram registadas nos seus portfólios junto das suas criações.

Os mesmos foram sem dúvida muito pertinentes e revelam bem o entusiasmo, envolvimento e as competências/aprendizagens adquiridos pelas crianças através da atividade.

“No recreio dava vento e as folhinhas no ar caíam na cabeça e eu

fui muito feliz! (L. 5 anos)

“Adorei apanhar pauzinhos e folhinhas na natureza” (T. 4 anos)

“O meu carro ficou muito fixe com rodas de pedrinhas! (R. 5 anos)

“Gostei muito de ver no computador as ideias dos artistas!” (H. 5 anos)

“A minha flor é mágica e tem uma antena.” (F. 4anos)

“O meu peixe folha tem mesmo muita natureza professora! (J. 5 anos)

“Fiz uma sequência à volta da minha casinha mágica. (R. 4 anos

“Podemos fazer matemática divertida com as pedrinhas e os pauzinhos...” (G. 5 anos)

“Olha, olha uma pena de um passarinho aqui no chão...vai ficar no telhado da casinha! (F. 5 anos)

“Tenho aqui no meu bolso natureza para fazer arte em casa... (D. 5 anos)

“Acabou-se a eletricidade, o computador é aborrecido e tem muitas teclazinhas e não se percebe nada. O que é bom é a natureza! (G. 6 anos)

E PODEM TER A CERTEZA VÃO SURGIR MAIS CRIAÇÕES!

imagens

O Futuro Começa Hoje

Maria Leonor Henriques e Ana Paula Rocha

O Futuro Começa Hoje

**nome
da atividade**

Maria Leonor Henriques — Educadora do grupo A

Ana Paula Rocha — Educadora do grupo B

autoras

As educadoras que são responsáveis pelo desenvolvimento deste projeto, lecionam no Jardim de Infância Cacém N.º 1, pertencente ao Agrupamento De Escolas D. Maria II, Sintra. Ambas trabalharam no ensino particular durante vários anos e, ao ingressarem na rede pública, a educadora Leonor ficou como responsável de grupo e a educadora Paula a lecionar na Intervenção Precoce. Neste momento, com mais de 25 anos de serviço, estão a trabalhar no mesmo jardim-de-infância e, promovem, sempre que possível, o trabalho em parceria, tendo como objetivo estimular a curiosidade e criatividade das crianças que estão à sua responsabilidade.

No jardim-de-infância existem nas quatro salas, globos terrestres. As crianças demonstram sempre muito interesse em observar o globo, colocando questões e dúvidas. Tentando dar resposta a estas questões, começámos por explorar aquilo que nós observávamos ao olhar para o globo: os oceanos e os continentes. Simultaneamente, pesquisavam atlas e livros diversos sobre o tema, que existem à disposição das crianças, na área da leitura. Posteriormente, representaram graficamente o planeta, adicionando a lua e alguns animais, pessoas e casas. O Rafael, responsável pelo projeto comunicou aos seus colegas as descobertas que foi fazendo através das suas pesquisas. Procurando saber mais sobre o habitat dos animais, as crianças pesquisaram vídeos na internet e pude-

resumo

ram aperceber-se do impacto negativo que a poluição tem sobre o nosso planeta, afetando o meio ambiente, a qualidade de vida das pessoas e dos animais. Em assembleia de grupo ficou estabelecido com um pequeno grupo de crianças quem iria, procurar informações de como podemos, para além da reciclagem que fazemos no jardim-de-infância, encontrar outras formas de proteger o nosso planeta de tanta poluição e destruição. No entanto, a pandemia COVID19 interrompeu o nosso projeto e encerrou as escolas. Já em teletrabalho e no modelo de Ensino à Distância o desafio foi relançado. As circunstâncias tornavam imperativo que o projeto fosse desenvolvido em moldes diferentes e com o apoio das famílias. Foi lançado o desafio a quatro crianças. Todos aceitaram, prontamente dar continuidade ao projeto iniciado no jardim-de-infância. E, assim recomeçou esta AVENTURA!

**palavras-
-chave**

ambiente; reciclagem; sustentabilidade; futuro; criatividade

**proposta
de atividade**

As educadoras falaram com as crianças (online): “Olá! Lembram-se do Planeta Terra que fizemos no jardim-de-infância? Lembram-se que disseram que ficavam tristes por haver pessoas que o maltravam? Como gostariam que o nosso planeta fosse quando vocês forem crescidos? Podem pesquisar com os vossos pais e descobrir como é que se pode melhorar o ambiente, para que as nossas cidades sejam mais “amigas” do Planeta Terra. Assim, quando vocês forem crescidos o nosso planeta ficará muito mais FELIZ!!!”

Experiência realizada por crianças de 5/6 anos, embora possa ser aplicável a outras idades (Sugestão: dos 6 aos 9 anos).

faixa etária

Observação do globo e questionamento.

duração

1.^a Sessão: Pesquisa sobre o Planeta Terra — 20 minutos

a. Em contexto de sala, com apoio da educadora

2.^a Sessão: Desenho e pintura do Planeta Terra — 30 minutos

a. Em contexto de sala, em trabalho a pares

3.^a Sessão: Pesquisas de como captar a energia do sol, da água e do vento. Energias renováveis — 15/20 minutos – Pesquisas sobre os animais em vias de extinção — 15 minutos

a. Em casa, com o apoio dos pais.

4.^a 5.^a e 6.^a Sessões: Elaboração da maquete — colaboração das crianças: 90 minutos (30 min em dias diferentes)

a. Em casa, com o apoio dos pais.

- Desenvolver o interesse das crianças para as questões ambientais.
- Dar a conhecer formas de energia menos poluentes.
- Aumento da consciencialização para um comportamento ecológico mais responsável.
- Despertar o pensamento crítico e mudar atitudes e comportamentos.
- Utilizar diferentes materiais de uso utilitário ou reutilizáveis para novas funcionalidades.
- Despertar a imaginação e a criatividade das crianças.

objetivos

conteúdos

1. Identificar ações e atividades que têm como objetivo satisfazer as necessidades atuais, sem comprometer o futuro.
2. Necessidade urgente de ensinar as crianças a aplicarem este princípio nas suas decisões diárias.
3. Defender o meio ambiente.
4. Formar crianças capazes de serem cidadãos conscientes, para construir um futuro melhor.
5. Ensaiar formas de expressividade e soluções próprias, integrando e relacionando técnicas, materiais e meios de expressão para criar, recriar ou reinventar.

materiais

Cartão, embalagens de desperdício (copos iogurte, pacotes leite, sumo,...), papel crepe (para decoração); materiais de recorte e colagem.

**espaço
de
aprendizagem**

Jardim-de-infância e em casa.

**processo
de trabalho**

Foi criado um ambiente propício à curiosidade das crianças na sala de jardim-de-infância, através de objetos que estimulam a curiosidade e o seu desejo de aprender. Esses estímulos despertam questões e dúvidas que podem ser colmatadas fornecendo às crianças, meios para procurar respostas: enciclopédias, livros variados, internet. Ao observar o globo terrestre existente na sala, as questões colocadas pelas crianças abrangeram diferentes âmbitos: – Onde é

que nós moramos? Como é que a nossa escola cabe aqui? – Onde vivem as girafas? – Há tubarões em todos os oceanos? – Onde estão as nuvens? – Porque é que não caímos? – Porque é que há vulcões? ... Começámos por explorar aquilo que há primeira vista observávamos ao olhar para o globo: os oceanos e os continentes. Um grupo de 4 crianças ficou responsável por representar graficamente o planeta. Posteriormente, todas as crianças do grupo desenharam elementos para adicionar: pessoas, animais e casas. Procurando saber mais sobre o habitat dos animais os responsáveis pelo projeto, com o apoio da educadora, pesquisaram vídeos na internet sobre o assunto. Durante as pesquisas visionaram vídeos nos quais as crianças puderam aperceber-se do impacto negativo que a poluição tem sobre o nosso planeta, afetando o meio ambiente, a qualidade de vida das pessoas e dos animais. Ficaram muito sensibilizados com o assunto e partilharam as suas preocupações com os seus pares. Em assembleia de grupo refletimos sobre as soluções que estariam ao nosso alcance fazer ou que já fazíamos, no jardim-de-infância e em casa, para proteger os recursos e o ambiente. Reciclar, poupar água, apagar as luzes à saída da sala. E, ficou estabelecido que a próxima etapa do projeto seria procurar mais informação sobre como proteger a vida dos seres vivos no planeta Terra e como torná-lo mais sustentável. Com o encerramento das escolas, os espaços de aprendizagens e de convívio no jardim-de-infância foram substituídos por momentos online, mas as preocupações das crianças continuaram e, foi em casa que o projeto continuou. A partir da história “A Casa da Mosca Fosca”, surgiu a ideia de continuar o projeto construindo uma cidade, uma cidade sustentável. Em casa, os pais acompanharam

as crianças na pesquisa através de vídeos sobre energias renováveis, animais em vias de extinção e reciclagem. Foram utilizados vídeos e canções. As crianças e suas famílias reuniram material de desperdício e outro existente em casa planejaram e organizaram a cidade. Depois das pesquisas e do material reunido, foi pôr “mãos à obra” e em conjunto mães e filhos colaboraram para construir a CIDADE DO FUTURO, tal como as crianças idealizavam: o bairro onde moram, o jardim-de-infância, um baloiço, um parque com relva... Pintaram, desenharam, recortaram, amachucaram e colaram organizando o espaço e pouco a pouco construindo/imaginando um local aprazível, sustentável e ecológico onde possamos viver de forma confortável, mas sustentável.

recursos didáticos

Livros

“Aqui estamos nós” — Apontamentos para viver no Planeta Terra, Oliver Jeffers; Mundo leitura “Espreita o Planeta Terra” — Katie Daynes e Peter Allen; Porto Editora “Atlas das crianças” — Jane Delaroche; Fleurus Livros e Livros

Vídeos

Retirar fios de pesca a leões marinhos

https://youtu.be/vEOvi4Vao_I

Retirar a corda do pescoço de uma tartaruga

<https://youtu.be/ek9eY-Qw70U>

5 espécies que lutam pela sobrevivência em Portugal

<https://www.wilder.pt/historias/cinco-especies-que-lutam-pela-sobrevivencia-em-portugal/>

Ciência por miúdos — Energias renováveis
<https://youtu.be/MOGHbt6AdsY>

Esta atividade foi muito estimulante e gratificante.

Apesar das circunstâncias, as crianças puderam continuar o projeto iniciado no jardim-de-infância e, desta forma, foi possível promover aprendizagens significativas e importantes na área do ambiente e de acordo com o interesse das crianças.

A atividade exigiu o apoio dos pais que se envolveram bastante, tendo adquirido também eles conhecimentos e desenvolvido a criatividade e o espírito de equipa. As mães estavam muito orgulhosas do trabalho realizado, da parceria e “ponte” que puderam fazer entre os seus filhos e as suas educadoras, sendo elas intervenientes ativas neste processo.

As educadoras sentem-se recompensadas e agradecidas pela colaboração das famílias. Foi um projeto muito gratificante para todos os seus intervenientes, rico em aprendizagens, experiências e trabalho de equipa. ESCOLA E FAMÍLIA UMA PARCERIA DE SUCESSO!

**avaliação
da atividade**

imagens

Deixa para Amanhã o que Podes Comprar Hoje

Mónica Mayer Guimarães

Deixa para Amanhã o que Podes Comprar Hoje

**nome
da atividade**

Mónica Mayer Guimarães

autora

é natural do Porto e licenciada em Teatro, Produção e Design de Cenografia pela Escola de Música e Artes do Espetáculo e em Educação Básica, pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, onde se encontra a realizar o Mestrado de Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino de Português e História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Desde cedo, desenvolveu uma formação artística diferenciadora que a acompanha a nível profissional e em todos os projetos que tem vindo a desenvolver, procurando promover a Educação Artística nas escolas dos dias de hoje.

Em contexto de Sala de Estudo, a atividade foi realizada com alunos do 3.º e 4.º ano de escolaridade consolidando a aprendizagem de conceitos relacionados com as atividades económicas, do domínio Natureza e Sociedade, de Estudo do Meio.

resumo

consumo sustentado; bens materiais; necessidades; desejos.

**palavras-
-chave**

**proposta
de atividade**

O que se passa com a humanidade? Compramos isto, compramos aquilo... Ah! E mais isto e mais aquilo! Mas afinal, para quê? Será que estamos a consumir mais para além do que precisamos? Estaremos a comprar só porque sim? Para seguir modas? Sempre atrás do mais barato, do mais rápido e depressa nos esquecemos para comprar novo! O que pensas tu?

Recorta imagens de revistas, catálogos, folhetos e jornais e cria uma composição visual com o que pensas estar a ser consumido em excesso.

Apresenta as tuas ideias aos colegas e expõe a tua obra artística! Afinal, o que importa é lembrar de comprar o que precisamos e não tudo o que desejamos.

faixa etária

3.º/4.º ano (7 — 9 anos)

duração

2 sessões de 45 minutos

objetivos

- Tomar consciência das ações do ser humano no meio ambiente.
- Desenvolver boas práticas ambientais e promover a sua difusão.
- Reconhecer atividades económicas e fatores associados.
- Distinguir diferentes áreas económicas.
- Compreender conceitos de sociedade de consumo.
- Compreender técnicas de comunicação na publicidade que apelam ao consumo.

1. As atividades económicas.
2. A importância do consumo sustentável.
3. O conceito de consumismo.
4. A comunicação visual.
5. A importância da reflexão para o processo criativo.
6. O recorte e a colagem como técnica artística.
7. Processos artísticos para a compreensão da cultura visual.

conteúdos

Revistas, jornais, catálogos, folhetos, tesoura, cola batom, cartolinas.

materiais

Sala de aula, centro de estudos.

**espaço
de
aprendizagem**

Conversa com os alunos sobre os vários setores de atividade económica, com ênfase no comércio, abordando conceitos como consumo e consumidor. É importante diferenciar necessidades de desejos e demonstrar como as marcas estudam a comunicação apelativa que encaminham ao consumo de determinados produtos, assim como analisar a necessidade de ponderação e as suas vantagens para um consumo sustentável. O professor deve sugerir aos alunos a criação de um mapa de conceitos, feito em grande grupo, assim como o respetivo registo no caderno diário ou semelhante. Propor a criação de um painel através da recolha de imagens/palavras/letras de panfletos, revistas, jornais, catálogos e semelhantes

**processo
de trabalho**

que resultará numa composição visual de produtos/bens/serviços que considerem ser consumidos de forma excessiva e que levam a um consumismo exagerado. Os alunos podem recortar um conjunto de imagens e colar as mesmas sobre uma cartolina, organizando-as, para a criar um painel a gosto.

O objetivo será cada aluno apresentar o seu painel e explicar que bens considera serem consumidos excessivamente para incitar um debate entre a turma/grupo.

Esta atividade poderá ser efetuada individualmente ou em pequenos grupos.

recursos didáticos

Revistas, catálogos, panfletos e jornais;

Obras artísticas associadas ao tema:

Andrew B. Myers — Obras: “Android Things 1 & 2”. Disponível em: <https://www.andrewbmyers.com/photo/page-2/google-android>.

“Guardian Weekend”. Disponível em: <https://hellohornet.com/andrew-myers.html?project=guardian-weekend>. “Google Play”. Disponível em: <https://hellohornet.com/andrew-myers.html?project=google-play-andrew>. “Blach Hole #3”. Disponível em: <http://www.andrewmyersart.com/black-hole-3/>

Glen Gyssler — Obras disponíveis em: <https://www.glengyssler.com/>.

Phia Menard / Jean Louis Ouvrard — Obra: “Plastic Bag Puppetry – L’Apres-Midi d’Un Foehn – Version 1”. Disponível em: <http://cryin-goutloud.org/projects/lapres-midi-dun-foehn-version-1-5/>.

Barry Rosenthal — Obras “Found in Nature”. Disponível em: <http://>

barryrosenthal.com/found-in-nature/.

(o aluno deve ser capaz de)

Identificar um problema social existente na sua comunidade (consumo), propondo soluções de resolução.

Relacionar o aumento da população mundial e do consumo de bens com alterações na qualidade do ambiente e da qualidade de vida, reconhecendo a necessidade de adotar medidas individuais e coletivas que minimizem o impacto negativo.

Saber colocar questões, levantar hipóteses, partilhar resultados, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

**avaliação
da atividade**

imagens

Com as Mãos no Barro, Crio uma Escultura com Elementos da Natureza!

Mónica Sofia Santos e Sandra Duarte

Com as Mãos no Barro, Crio uma Escultura com Elementos da Natureza!

**nome
da atividade**

Mónica Sofia Santos

autoras

Licenciada em Educação de Infância, na ESE de Setúbal há mais 20 anos, mais recentemente tirou a Pós-graduação em Educação Especial também na ESE de Setúbal. O amor pela educação, o rigor científico-pedagógico e a vontade de fazer mais e melhor, todos os dias, deve-se sobretudo à instituição onde se formou e à instituição onde exerce a sua prática pedagógica. A primeira porque lhe forneceu a formação teórico-prática inicial e a segunda porque lhe deu a oportunidade de colocar em prática a teoria e os valores que a fizeram crescer enquanto profissional.

Sandra Duarte

Estagiária de Mestrado em Educação Pré-escolar, do Instituto Piaget em Almada.

No âmbito do tema integrador da nossa instituição “Sustentabilidade”, para o presente ano letivo, as educadoras do Pré-escolar escolheram trabalhar o tema “Tesouros da Natureza”. Este é um tema que promove direta e indiretamente o contato com o meio ambiente, promovendo o desenvolvimento de atitudes positivas e de respeito com o mesmo. A pandemia, provocada pelo COVID19, veio provar que os ambientes naturais, são os locais mais seguros e que têm um papel importante no desenvolvimento de um sistema imunitário para uma vida saudável. Uma abordagem contextualizada e desafiadora na área do Conhe-

resumo

cimento do Mundo vai facilitar o desenvolvimento de atitudes que promovem a responsabilidade partilhada e a consciência ambiental e de sustentabilidade. A exploração do meio próximo da criança tem para esta um sentido afetivo e relacional, que facilita a sua compreensão e apreensão e também proporciona a elaboração de quadros explicativos para compreender outras situações mais distantes, que também fazem parte do seu mundo, e que gradualmente se vão apercebendo e apropriando.

Esta atividade foi posta em prática em meados do primeiro período, em pleno outono, após umas semanas de recolha de elementos da natureza. A atividade foi desenvolvida em sala, em grande grupo, mais propriamente em três mesas redondas, foi acompanhada e apoiado por quatro adultos (educadora, estagiária, assistente educativa e professora cooperante). Os artistas e criadores das obras de arte foi um grupo de 20 crianças do Pré-escolar, com 4 anos de idade.

**palavras-
-chave**

planeta; sustentabilidade; natureza; arte; criatividade.

**proposta
de atividade**

Tenho uma proposta de trabalho muito divertida para vos fazer. Em primeiro lugar temos de arregaçar as mangas (fazendo os gestos), depois vamos por as nossas mãos na massa. Mas não é uma massa qualquer, é barro (mostrar o barro) também chamado de argila. Vocês sabem o que é barro? O barro vem da terra, do solo da mãe natureza. É uma matéria prima utilizada há muitos anos para fazer muitas coisas. Por exemplo, os tijolos das nossas casas são feitos

de barro. As loiças que as nossas mães e avós têm em casa por vezes também são feitas de barro (mostrar algumas peças de barro ou imagens com essas peças). Nós vamos utilizar o barro juntamente com mais elementos da natureza (mostrar) e cada um de nós vai criar uma escultura. Uma escultura é uma peça de arte construída com um ou mais materiais e que representa a nossa imaginação no momento. Mãos à obra... quem quer ser um artista e criar a sua peça de arte, utilizando elementos da natureza? Vamos a isso, mas primeiro vamos vestir os nossos aventais.

Pré-escolar (4 anos).

faixa etária

Recolha de elementos da natureza: pelo menos duas semanas.

Execução da escultura: 40 minutos.

Apresentação das esculturas: 30 minutos.

Período de secagem: uma semana.

Exposição: uma semana.

duração

- Despertar para reutilização de recursos, promovendo a importância da sustentabilidade.
- Promover a utilização de elementos da natureza na criação de obras de arte.
- Fomentar o gosto e interesse pela educação artística, através da modelagem.
- Estimular o lado sensorial da criança.
- Desenvolver a criatividade e o sentido estético.

objetivos

conteúdos	Área de Formação Pessoal e Social 1. Participa nas decisões sobre o processo de ensino–aprendizagem. 2. Desenvolve uma atitude critica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia. 3. Valoriza o património natural, reconhecendo a necessidade da sua preservação. Área de Expressão e Comunicação 1. Desenvolve capacidades expressivas e criativas através de experiências e produções plásticas. Área do Conhecimento do Mundo 1. Manifesta comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.
materiais	Elementos da natureza (folhas secas, paus, galhos, pedras, conchas, frutos secos, sementes, etc), barro, água, teques, imagens.
espaço de aprendizagem	A presente atividade foi desenvolvida em sala de aula. Quando reunidas as condições, também poderá ser desenvolvida no exterior.
processo de trabalho	1. ^a Parte (Meio natural/Famílias) A educadora propõe às crianças/famílias a recolha de elementos da natureza, em ambientes naturais.

2.^a Parte (Escola) Em grande grupo a educadora propõe a observação, identificação e categorização dos elementos da natureza.

3.^a Parte (Escola) Em grande grupo a educadora e a estagiária explicam às crianças a proposta de trabalho, referindo o nome da atividade, o que é pretendido, o nome dos materiais e os procedimentos. Neste momento os adultos orientadores tentam estimular as crianças para a criação de obras de arte originais e para a sua satisfação/aprendizagem durante todo o processo. Posteriormente as crianças dirigem-se às mesas, com os seus aventais vestidos e colocam as mãos na massa. E que satisfação!... Agora é tempo de criar, de explorar, de sujar, de imaginar, de ser feliz! Após este tempo, e já criadas as esculturas, os adultos colocaram-nas cuidadosamente num espaço seco e seguro para secarem, durante mais ou menos uma semana. No período da tarde, as crianças, uma a uma, tiveram oportunidade de explicar e mostrar ao restante grupo a escultura por si criada.

4.^a Fase (Escola/Famílias) Posteriormente as esculturas foram expostas no hall da escola para serem apreciadas pelos restantes elementos da comunidade educativa. Após sensivelmente uma semana as crianças levaram as suas esculturas para casa.

Foram apresentados livros com imagens, como fonte de inspiração para as obras de arte:

THOMAS, Isabel. “Viva a natureza! As árvores. Explora, investiga e cria”. Booksmile.

GIRAND, Franck; FORDACQ, Marie-Odile. “Imagilândia. Os animais”. Porto Editora.

**recursos
didáticos**

avaliação da atividade

A educadora considera que a atividade foi bem conseguida, pois os objetivos definidos inicialmente foram alcançados. A mesma destaca todo o processo: a felicidade demonstrada pelas crianças e a alegria de modelarem o barro. Todo este momento foi muito prazeroso para as crianças. Só após algum tempo de exploração e após indicação do adulto é que as crianças começaram a adicionar os elementos da natureza que se encontravam dentro de um cesto, no centro da mesa, à forma criada com o barro (base da escultura).

A diversidade de elementos da natureza colocados à disposição das crianças é um fator muito importante, uma vez que enriquece e embeleza as esculturas. Outro fator que a educadora considerou importante foi o número de adultos disponíveis para apoiar a atividade, a mesma considerou que foi o número ideal uma vez que ficou um adulto responsável por cada mesa e o quarto elemento fotografou o apoio as três mesas.

O momento de apresentação da escultura ao grupo, foi um momento também ele muito rico a nível expressivo e de linguagem, uma vez que as crianças puderam dar um nome à sua escultura e falar sobre a opção dos elementos da natureza que a caracterizam.

imagens

A Terra — A Casa Onde Todos Vivemos

Telma Alexandra Sampaio Cerqueira e Virgínia de Fátima Comenda Pereira

A Terra — A Casa Onde Todos Vivemos

**nome
da atividade**

Telma Alexandra Sampaio Cerqueira

Licenciou-se, em 2001, em Educação de Infância pela ESE Paula Frassinetti, fez pós-graduação, em 2006, em Educação Especial, problemas cognitivos e motores na ESE Paula Frassinetti e posteriormente, em 2013, o mestrado em Administração de Organizações Educativas na ESE Porto.

autoras

Virgínia de Fátima Comenda Pereira

Virgínia, tem o 12.º ano e fez o curso de Agentes de Desenvolvimento Local organizado pela União das Instituições Particulares de Solidariedade Social (I.P.S.S.), exerce função de assistente operacional.

São a equipa pedagógica da sala dos 5 anos do Passinhos de Rei, Creche e Jardim de Infância.

Certo dia, numa sala de jardim de Infância falhou a luz, mas em vez de ficarmos às escuras...fez-se luz!

As ideias iluminaram as cabeças... e as questões chegaram!

“Como é que a luz (energia elétrica) chega à nossa casa/escola?”

“O que é a energia?” “O que são energias renováveis e não renováveis? Qual a diferença?”

“O que provoca a poluição?” “O que é o efeito estufa e o que provoca?”

Tantas dúvidas! Vamos pesquisar...

resumo

Esta atividade teve início na sala dos 5 anos, do jardim de infância Passinhos de Rei, mas logo a seguir, ficamos confinados e sujeitos ao ensino à distância, resolvemos retomar o projeto que estava a surgir na sala, com a ajuda das famílias.

**palavras–
–chave**

planeta Terra; efeito estufa; poluição e 3 Rs (reduzir, reutilizar e reciclar)

**proposta
de atividade**

Na escola pensaram e questionaram sobre o que queriam saber.
Com a família, em casa (confinamento), vão fazer as atividades que queremos desenvolver.
Vamos conhecer o planeta Terra?
E o sistema solar? Sabes que o homem já viajou no espaço e até pisou a lua?
O nosso planeta está a aquecer, é o efeito estufa, sabes o que o provoca?
O que podemos fazer para melhorar a vida do nosso Planeta?
Todos juntos vamos descobrir!
O ensino à distância vai permitir!

faixa etária

As crianças têm 5/6 anos (sala 5 anos do Jardim de Infância Passinhos de Rei)

1.^a sessão — diálogo na sala de jardim de infância — 45 minutos

2.^a sessão — pesquisa (30 minutos) e construção do “Sistema solar” (2 horas — execução faseada) — em casa, ensino à distância.

3.^a sessão — pesquisa (30 minutos) e construção do “Planeta Terra” (1 hora — execução faseada) — em casa, ensino à distância.

4.^a sessão — pesquisa “Viagens ao espaço” (30 minutos) e experiência foguetão (1 hora — execução faseada) — em casa, ensino à distância.

5.^a sessão — pesquisa “Efeito estufa — o que é? O que o provoca?” (30 minutos) — em casa, ensino à distância.

6.^a sessão — pesquisa “O que podemos fazer para melhorar? Os 3 Rs (reduzir, reutilizar e reciclar) O ciclo do lixo” (30 minutos) — em casa, ensino à distância.

7.^a sessão — pesquisa “Transformação do lixo em arte” (30 minutos) e construção (2 horas — execução faseada) — em casa, ensino à distância.

duração

- Identificar os planetas do sistema solar e as suas diferentes características.
- Conhecer o planeta Terra — único planeta com vida.
- Tomar consciência que os recursos do planeta são finitos e que todos temos um papel na preservação.
- Promover a consciência da importância da preservação do meio ambiente.
- Conhecer o impacto da poluição no planeta.
- Utilizar meios tecnológicos para pesquisa de informação para aquisição de conhecimentos.

objetivos

- Perceber a importância de reduzir, reutilizar e reciclar – os 3 Rs.
- Conhecer o ciclo do lixo.
- Dar a conhecer artistas que transformam lixo em arte.
- Desenvolver a capacidade criativa através de materiais reciclados.

conteúdos

1. Classificação os planetas segundo as suas características.
2. Preservação do planeta Terra e do seu meio ambiente.
3. Relação da poluição com as consequências nefastas para o planeta.
4. Identificação de medidas que contribuem para a preservação do meio ambiente.
5. Intervenção artística – a expressão artística através do lixo.
6. Utilização de diferentes materiais reciclados para a criação artística.

materiais

Materiais recicláveis (diversos), cola, tinta, tesoura, lápis, etc.

espaço de aprendizagem

Sala dos 5 anos do jardim de infância Passinhos de Rei e a casa de cada criança.

processo de trabalho

Na sala, a equipa pedagógica, estabelece um diálogo com as crianças sobre o planeta Terra, o sistema solar, a poluição e o efeito estufa, as consequências para o planeta e que medidas tomar para

melhorar.

Através do ensino à distância, a equipa propõe às crianças e suas famílias, a realização de sessões de pesquisa e aquisição de conhecimentos sobre as várias temáticas e posteriormente a realização de atividades práticas para consolidação da informação, estas temáticas são posteriormente abordadas em sessões síncronas com as crianças.

A apresentação dos trabalhos realizados decorrerá por videoconferência com o grupo de crianças, momento em que cada criança irá apresentar a sua criação com materiais reciclados.

Os materiais usados no decurso da atividade para facilitar a aprendizagem, foram vídeos educativos sobre os temas abordados, músicas, livros, artigos e documentários.

**recursos
didáticos**

Vídeos educativos:

Paxi – sistema solar, disponível em <https://youtu.be/7jkClRdvGlg>

Sistema solar em 3D – Smile and Learn, disponível em https://youtu.be/-oie4EFLs_0

Planeta Terra – Smile and Learn, disponível em https://youtu.be/bi4_0R6dFXE

24 horas no espaço – Visiokids, disponível em <https://youtu.be/4t68UnNaYr0>

Com o meu fato espacial nunca fico mal – VisioKids, disponível em <https://youtu.be/hlkYvJfIXZg>

Paxi – e o efeito estufa, disponível em <https://youtu.be/r7S3Wqgl-1JQ>

Mudança climática – Smile and Learn, disponível em <https://youtu.be/>

be/PH5halrNnfl

Reduzir, reutilizar e reciclar — Visiokids, disponível em <https://youtu.be/K8boBahtWQA>

Músicas:

Sistema Solar (planetas) – Canções da Maria, disponível em <https://youtu.be/4TSZZKWTlcg>

Planeta azul – Sónia Araújo, disponível <https://youtu.be/UdrOHCD-4jK8>

Planeta é um amigo – Panda e os caricas, disponível em <https://youtu.be/qSLmU8ehjj0>

Planeta Limpo – Reciclagem – Filipe Pinto, disponível em <https://youtu.be/lf8PafJYrus>

Proteger a natureza, disponível em https://youtu.be/ktZG7g3Nu_4

Livros:

BUNTING, Philip (2019) Como aqui chegámos? Do Big Bang ao dia em que nasceste. Amadora: 20/20 Editora

WINTER, Jeanette (2019) O nosso mundo está a arder — o grito de Greta Thunberg para salvar o planeta. Alfragide: Oficina do Livro

Documentários:

Chegada do homem à lua, disponível em <https://youtu.be/6xIIA6E-3EU0>

Artigos:

Artistas que fazem arte com lixo, disponível em <https://www.ti-meout.pt/lisboa/pt/arte/artistas-de-plastico-conheca-estes-artistas-que-fazem-arte-com-desperdicio>; <https://www.domestika>.

org/pt/blog/5729-5-artistas-que-transformam-lixo-em-arte-
-com-consciencia-social

Nota: Como as atividades foram desenvolvidas em ensino à distância, recorreremos mais a vídeos, músicas e artigos disponíveis na internet.

Consideramos que com a realização deste trabalho, desenvolvemos o sentido de responsabilidade de cada um para com o meio ambiente e sustentabilidade do nosso planeta.

Foi um trabalho conjunto com as famílias, em período de ensino à distância, o que enriqueceu as partilhas e aquisições conseguidas sobre a temática.

**avaliação
da atividade**

imagens

Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no 2.º e 3.º ciclos da Escolaridade Obrigatória

“ARRÁBIDA STORMING”

Recriação da obra “Guernica” de Picasso à luz de do tema “Arrábida Biosfera”

Alexandra Seabra e turma 10.º B1

“ARRÁBIDA STORMING”

Recriação da obra “Guernica” de Picasso à luz de do tema “Arrábida Biosfera”

**nome
da atividade**

Turma 10.º B1 – 19 alunos de Artes Visuais – disciplina de Desenho – idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos. Escola Secundária da Moita — ano letivo 2017–18

autores

Coordenação: Professora Alexandra Seabra

Trabalho desenvolvido no ano letivo 17–18, com vista à participação na 6.ª edição do Projeto Artístico Internacional “Kid’s Guernica” – promovido em Portugal pela AMRS — Associação de Municípios da Região de Setúbal. Tendo por base a obra Guernica de Picasso, pretendeu-se analisar o seu caráter de intervenção e promotor de valores da paz, igualdade e solidariedade e elaborar recriações à luz de um tema atual (definido para cada edição). Para esta, o tema foi “Arrábida biosfera”.

resumo

Decorreu durante um período e meio em sala de aula, envolveu a abordagem do Cubismo, técnicas de observação, representação e utilização de diversos materiais. Incluiu uma sessão de sensibilização e análise da obra Guernica, dinamizada pela artista plástica Ana Teixeira e uma visita à Serra da Arrábida guiada por técnicos do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF)/ Parque Natural da Arrábida. Nesta visita foi feito o levantamento (parcial e possível) da flora e fauna da região, com registos fotográficos e desenhos e discutidos alguns problemas ambientais que afetam a região.

Culminou com uma Festa de Encerramento a 29 de maio de 2018,

no Parque Augusto Pólvora, em Sesimbra, onde decorreram atividades recreativas e foram apresentados em vídeo as 895 obras concorrentes (participaram nesta edição 40 escolas e aproximadamente 4500 alunos). Conforme previsto no Regulamento o júri selecionou 1 trabalho por escalão de ensino (2.º, 3.º ciclo e Secundário). No escalão do Secundário a nossa proposta – “Arrábida Storming”, foi a escolhida.

**palavras–
–chave**

guernica, intervenção, ambiente, mar, natureza, floresta, biodiversidade, poluição, plásticos, turismo e desenvolvimento sustentável

**proposta
de atividade**

PENSAR E RECRIAR A OBRA “GUERNICA” DE PICASSO
(à luz de um tema (problema ambiental/ social ...))

faixa etária

3.º Ciclo: 12–15 anos

duração

2 Períodos letivos de 12 semanas = 24 aulas de Educação Visual (100 minutos semanais)
Apresentação e planificação do trabalho de Projeto em Educação Visual:
2 AULAS — com eventual encaminhamento de aprendizagens e abordagens específicas de disciplinas do currículo, organização de visitas de estudo;
8 AULAS: Pesquisa e aprendizagens específicas em Educação Visual;

Visualização de filmes sobre o tema, pesquisas online e em recursos digitais recurso à Biblioteca Escolar;

Observação direta e possível no espaço escolar – registos fotográficos e representações visuais e/ ou eventual visita de estudo.

OBS: A Pesquisa e organização da informação realiza-se durante todo o projeto

4 AULAS: Realização de projeto(s) – continuação do desenvolvimento de aprendizagens específicas na área da educação visual

4 AULAS: Realização do trabalho final

2 AULAS: avaliação e elaboração de relatório

Desenvolver:

- A cidadania ativa, crítica e participante.
- A consciência sobre a inter-relação entre o ser humano e o meio ambiente e o espírito cooperativo e comprometido com o futuro do planeta.
- O conhecimento e desenvolvimento de atitudes voltadas para a conservação do meio ambiente, essencial a uma qualidade de vida saudável e à sua sustentabilidade.
- A consciência histórica e cultural.
- Capacidades de observação, análise e interpretação.
- Capacidades de representação, expressão e comunicação.
- Métodos de trabalho individual e colaborativo.
- A sensibilidade estética e a capacidade de intervenção artística.

objetivos

conteúdos	(conhecimentos, habilidades e atitudes)
	SABER 1. Expressão e comunicação visual. 2. Análise e apreciação crítica de referentes visuais. 3. Mobilização de conhecimentos. SABER FAZER 1. Adequar as técnicas aos processos. 2. Executar técnicas e metodologias. 3. Desenvolver a criatividade e originalidade. SABER SER 1. Desenvolver a responsabilidade e o interesse. 2. Desenvolver a participação e o empenho. 3. Desenvolver a capacidade de cooperação.
materiais	Papeis variados, lápis de grafite, materiais riscadores (Lápis de cor, canetas de feltro, carvão, cera, e ou pastel de óleo), guaches e tintas (pincéis e godés).
espaço de aprendizagem	Sala de aula, espaço exterior, recreio, jardim, Biblioteca Escolar, imediações da escola, espaço virtual.
processo de trabalho	Situação /Problema Visionamento de Vídeo sobre o Projeto Kid's Guernica e o tema da edição do ano 2017/18

– Questionamento sobre o tema “Arrábida Biosfera” e levantamento de problemas parcelares, relacionados com a relação homem /natureza (Serra da Arrábida).

Pesquisa:

- Sessão de análise do contexto de realização da obra Guernica, e da obra em si: elementos principais, composição e cores utilizadas.
- Visita à Serra da Arrábida: levantamento de dados para caracterização da serra, mar, praias, escarpas, pedreira e geologia característica, flores, arbustos e animais) – registos visuais e fotográficos.
- Pesquisas online, para ampliação de conhecimentos
- Pesquisas em livros, monografias regionais e outras consideradas importantes – Biblioteca Escolar.

Projeto:

- Considerada a estrutura triangular do quadro Guernica assemelhou-se a mesma à forma da serra. A partir da observação de um pequeno arbusto desenvolveu-se um processo de simplificação por nivelamento e adaptou-se o trabalho à forma triangular que se pintou com guache procurando retratar a paleta de cores da serra.
- Imaginou-se um lado mais “negro”, da Arrábida marcado pela exploração da serra (pedreiras, poluição das fábricas, destruição da serra pelos incêndios, uma árvore quebrada, um pássaro morto, mas este lado só ocupou um terço do trabalho porque... ... a biosfera subsiste e decidiu-se que ocuparia o espaço maior (dois terços do quadro) ... com toda a sua beleza, flores, animais, cores, água, biodiversidade e o homem parte integrante da natureza, usufruindo do espaço com consciência e respeito pela sua preservação.
- Cada aluno ficou responsável por representar determinados elementos e também as figuras do Guernica em novo contexto, dese-

nhando-os a partir dos elementos trazidos da Arrábida, das fotografias efetuadas, de pesquisas online e bibliográficas em livros da Biblioteca Escolar.

– Aos poucos e poucos o trabalho foi surgindo. Pensado e repensado até ser configurado o trabalho global final.

Realização do trabalho final:

– A partir da estrutura delineada inicialmente, o trabalho foi “montado” com o auxílio de todos, integrando os elementos que cada um tinha trabalhado e rematado finalmente com alguns elementos naturais trazidos da serra (terra, folhas de arbustos).

avaliação da atividade

Foi feito um balanço do trabalho desenvolvido, tendo em conta as discussões temáticas, as visitas realizadas, os estudos feitos, os trabalhos desenvolvidos por cada aluno e sua contribuição para o projeto global bem como as decisões tomadas para elaborar o trabalho coletivo final.

recursos didáticos

Vídeo de apresentação do Projeto Kid's Guernica: <https://www.youtube.com/watch?v=ent1N6XnzO8> (elaborado em 2020)
Guernica de Picasso – <https://www.museoreinasofia.es/coleccion/obra/guernica>
Picasso: Guerra e Paz : Vídeo da UNED — Universidade elaborado por ocasião do regresso do quadro a Espanha, em 2011
Repensar Guernica: <https://guernica.museoreinasofia.es/>
Explicar o cubismo: <https://www.youtube.com/watch?v=ZONg-49dyZsg&feature=youtu.be> (Vídeo elaborado por Nicolás Brando,

como parte do seu projeto final de Licenciatura em Letras, na Universidade de Pompeu Fabra, de Barcelona, 2013)

Monografias

Warncke, Carsten-Peter – Pablo Picasso. Taschen, 2006

Gantfuhrer-Trier, Anne – Cubismo. Taschen, 2010

imagens

Análise do *Guernica*

Trabalho em sala de aula

Visita à Serra da Arrábida

imagens

BD Sobre o Coronavírus

Cristina Pinto

BD Sobre o Coronavírus

**nome
da atividade**

Cristina Pinto

autora

Curso de Artes Plásticas/ Pintura pela ESBAP, atual FBAUP, com trabalho publicado em Ilustração. Professora de Artes Visuais da Escola EB3/Secundária de Valbom. Coordenadora de Departamento no Agrupamento de Escolas de Valbom e subcoordenadora de grupo. Extensa experiência de Docência e Coordenação de Atividades em Educação Visual/Artes Visuais ligadas a arte pública, informática, performance, com presença na envolvente, em parceria com a autarquia, Centros culturais/Científicos e o Lugar do Desenho/Fundação Júlio Resende em especial, onde tem promovido, coordenado e montado Exposições anuais do Agrupamento de Escolas a que pertence: a de 2019, incorporou desfile que atravessou Valbom – de todos os níveis etários e incluindo jovens com necessidades especiais – e envolveu também as Associações de Pais.

“Na disciplina de Complemento à Educação Artística (CEA), este foi o primeiro trabalho que os alunos fizeram e que serviu também como diagnóstico para orientar as minhas aulas.”

resumo

banda desenhada; eco-sustentabilidade; expressão/comunicação; pandemia de coronavírus; qualidade de vida cidadã

**palavras-
chave**

**proposta
de atividade**

“Propus o Tema aos alunos, clarificando que:

. Escolhi este tema por achar necessário refletir sobre o momento atual, e para os alunos desenvolverem consciência crítica e de cidadania enquanto tomavam contacto com uma linguagem específica de comunicação através da arte, como é o caso da banda desenhada.

. Escolhi-o ainda por ser uma forma de educar através da arte, não só a eles próprios mas também através da disponibilização da mensagem aos outros, ao expor fisicamente os trabalhos na escola e virtualmente na página do Agrupamento de Escolas de Valbom a que pertencem, bem como por esta experiência se integrar no grande tema a ser trabalhado por todos os docentes deste Agrupamento, e que é, neste ano letivo: Cidadania e Valores.”

faixa etária

Alunos do 9.º ano, 14–15 anos.

duração

Início do 1.º semestre 2020–2021, aulas de 2h/semana.

objetivos

- Usar a linguagem da BD para expressar o sentir de cada um – no presente caso, face ao coronavírus na envolvente.
- Partilhar as formas criadas com funcionalidade e resiliência para a eco-sustentabilidade da qualidade de vida.
- Crescer em compreensão ao atender aos modos de expressão partilhados pelas criações dos outros; COM–viver expondo.

1. Observar a envolvente no fenómeno da pandemia.
2. Conhecer os desenvolvimentos mais relevantes em BD.
3. Entender a linguagem gráfica da BD.
4. Organizar formalmente a prancha de BD.
5. Auto e hetero-avaliar.
6. Partilhar e disseminar o trabalho criado.
7. Crescer em capacidade de resiliência, competência em crítica e intervenção na envolvente através da arte.

conteúdos

Papel e meios riscadores.

materiais

Sala de aula e online, na disciplina de CEA – Complemento à Educação Artística.

Nota: A disciplina de CEA é semestral e as turmas são divididas em dois grupos, funcionando um grupo no primeiro semestre e o outro no segundo semestre do ano letivo. O 2º turno trabalhou o mesmo Tema, totalmente online; estes trabalhos já refletem o facto de haver vacina anti -covid.

espaço de aprendizagem

Metodologia de projeto – individual na concepção de BD e de grupo na avaliação e exposição.

Foi-lhes explicada a metodologia de projeto e os vários passos necessários à concretização da BD, com exemplos no power point que lhes foi apresentado. A proposta foi: contar um aspeto do momento atual vivido em tempo de pandemia, provocado pela covid19, numa

processo de trabalho

prancha em tamanho A4. A proposta de trabalho e o power point foram-lhes disponibilizados no grupo-turma, na plataforma Teams usada pelo Agrupamento, para consulta sempre que quisessem.

1.º passo– Debate coletivo sobre a pandemia e as várias implicações (técnica de brainstorming).

2.º passo — Criação do guião – individualmente pensar o quê, escrevendo a história a contar; e o como, pensando o número de vinhetas necessário aos quadros, as imagens, os textos... E elaboração de alguns estudos.

3.º passo — Análise do guião com a professora.

4.º passo — Desenho da prancha e execução final da BD.

5.º passo — Disseminação–exposição por foto do trabalho por cada aluno partilhada online.

Nb: Este passo ocorreu já em tempo de confinamento pandémico.

recursos didáticos

Livros, vídeos, documentários, sítios da internet, programas informáticos, imagens, obras de arte, entre outros, para motivação. Recurso à Internet na aula para visionamento de imagens significativas.

Hiperligação para dois sítios da internet, integrados no power point explicativo e motivacional:

<https://www.slideshare.net/sandramvsousa/banda-desenhada>

<http://impressionartetavira.blogspot.com/2014/04/a-banda-desenhada.html>

Livros/Bibliografia:

Modesto A(ntónio), Neves C(láudia), Ferrand M(aria) — (2013). Manual de Educação Visual 7/8/9. Porto: Porto Editora.

Bilal, E(nki) (2006). Encontro em Paris. Porto: Edições ASA
Mordillo (1976). Opus 2. Lisboa: Meribérica/Liber
Quino (1995). Gente. Lisboa: Publicações D. Quixote
Devido às restrições pandémicas, os livros foram mostrados pela professora mas não manipulados pelos alunos.

Constatei que a linguagem da BD era praticamente desconhecida dos alunos por falta de contacto com histórias aos quadrinhos. Nos resultados, foi já patente um conhecimento dos recursos expressivos da BD, satisfatório em geral e elevado em alguns; e uma maior competência em comunicar graficamente, criticar e expor. Verificou-se a sensibilidade dos alunos aos condicionamentos no quotidiano ambiental pela pandemia, com respostas criativas e construtivas.

A avaliação foi realizada em diálogo online com cada aluno. Foram considerados vários aspetos: o desenvolvimento, o empenho e o trabalho em si.

**avaliação
da atividade**

imagens

Construção de uma Capa Individual de Desenho Através da Reutilização de Pacotes de Café

Sónia Miranda

Construção de uma Capa Individual de Desenho Através da Reutilização de Pacotes de Café

**nome
da atividade**

Sónia Miranda

autora

Docente na EB 2,3 Rui Galvão de Carvalho, Rabo de Peixe, nas disciplinas de EV e ET, com o curso de professores do EB na variante de EVT de 2001, na ESEB (Bragança). Formadora na área de expressão Plástica direcionada para a reciclagem e reaproveitamento de materiais, participando em várias formações e encontros da temática desde 2008. Para além desta área já se envolveu em projetos relacionados com ilustração, fotografia e teatro.

Atividade realizada com crianças do segundo ciclo nas aulas de Educação Visual e Educação Tecnológica. As crianças construíram uma capa para os seus desenhos reutilizando pacotes de café.

resumo

educação visual; educação tecnológica; reutilização de materiais; capa individual de desenho

**palavras-
chave**

O que acontece com os sacos de café? Será que os podemos reutilizar e assim dar-lhes uma nova função? Sabes quantos sacos de café são colocados no lixo diariamente? E se fizéssemos uma capa para os desenhos com esse material usado e dar-lhe uma nova função?

**proposta
de atividade**

1. Vais medir nos sacos de café 25 cm na altura e 35cm de largura, em 3 sacos, se necessitares de mais sacos mede os que forem precisos para completar as medidas.
  2. Depois de medires vais cortar para acertar as medidas.
  3. Juntas os sacos e passas a fita-cola de cor, primeiro pelos lados por onde se juntam (frente e por trás) e depois quando estiverem ligados a passas a fita cola a toda a volta para tornar mais resistente.
  4. Vais fechar a capa até ficar pelo menos a sobrar 20cm de saco para depois dobrares para cobrir a capa.
  5. Voltas a passar a fita-cola para fechar os lados. Colas o velcro na parte onde fecha por dentro.
  6. Por último, colas o teu nome na parte da capa onde tem melhor visibilidade, por causa da cor do saco, e está pronta.
- Dica: Podes ainda construir esta capa recorrendo a um ferro de engomar e papel vegetal (para não queimar) e dessa forma não necessitas de utilizar fita cola, tornando-a ainda mais sustentável, tens é que unir as partes pela parte prateada do saco pois só assim estas aderem. Ainda podes fazer estojos com a mesma técnica.

faixa etária

10 a 12 anos

duração

3 sessões de 30 minutos para a construção da capa (medir, traçar, cortar e colar); 2 sessões de 30 minutos para a realização do nome e colagem.

- Compreender a necessidade de reutilizar materiais e atribuir novas funções a materiais velhos.
- Analisar e compreender as fases de um projeto e compreender o método de resolução de problemas.
- Refletir e tomar posição face ao impacto social do esgotamento de fontes energéticas naturais;
- Motivar a criança para a descoberta de si próprio e do outro;
- Compreender a relação entre a forma e as suas funções.
- Compreender a relação entre a forma das coisas e os materiais e técnicas utilizadas na sua produção;
- Selecionar e aplicar as ferramentas específicas aos materiais a trabalhar;
- Selecionar e aplicar os materiais tendo em conta as suas qualidades expressivas/estéticas;
- Manter comportamentos saudáveis e seguros durante o trabalho prático;
- Organizar o espaço de trabalho;

objetivos

Material/ Medida/ Comunicação Visual

conteúdos

Sacos de café, régua, lápis, tesoura, fita-cola de cor, papel autocolante de cor para a identificação.

materiais

Sala de aula

espaço de aprendizagem

**processo
de trabalho**

1. Diálogo sobre a importância da reutilização dos materiais;
2. Visualização de vídeos e apresentações relacionadas com a temática;
3. Proposta da realização da capa individual a partir de embalagens de café;
4. Traçagem das medidas e corte;
5. Colagem com a fita-cola das partes que a compõem;
6. Desenho da identificação do aluno em papel autocolante de cor e recorte.
7. Colagem da identificação na capa tendo em conta a finalidade da mesma.

**recursos
didáticos**

Páginas do manual, Ficha formativa (documento anexo), links de vídeos e apresentações (bem-vindo à Cidade da Energia– galpe-nergia.com; <https://youtu.be/ySdrdwh6S1E>); fotos de trabalhos elaborados por alunos (em anexo).

**avaliação
da atividade**

- Revelar autonomia e empenho no desenvolvimento do projeto;
- Usar as linguagens elementares das artes;
- Revelar no seu projeto o desenvolver a imaginação, da criatividade, da destreza manual e da descoberta;
- Aplicar corretamente os conhecimentos adquiridos dos conceitos abordados;
- Valorizar a expressão espontânea.

Construção da capa

1. Vais medir nos sacos de café 25 cm na altura e 35cm de largura, em 3 sacos, se necessitares de mais sacos mede os que forem precisos para completar as medidas.

2. Depois de medires vais cortar para acertar as medidas.

3. Juntas os sacos e passas a fita-cola de cor, primeiro pelos lados por onde se juntam (frente e por trás) e depois quando estiverem ligados a passas a fita-cola a toda a volta para tornar mais resistente.

4. Vais fechar a capa até ficar pelo menos a sobrar 20 cm de saco para depois dobrares para cobrir a capa.

5. Voltas a passar a fita-cola para fechar os lados. Colas o velcro na parte onde fecha por dentro.

6. Por último, colas o teu nome na parte da capa onde tem melhor visibilidade, por causa da cor do saco, e está pronta.

Qual é o impacto da extração de matérias-primas no ambiente?

A extração de matérias-primas tem consequências negativas para o ambiente.

Qual é o impacto da extração de matérias-primas no ambiente?

Impacto ambiental da extração de matérias-primas

A produção de papel e de madeira cria desequilíbrios nos ecossistemas, devido à desflorestação ou, no caso da indústria de papel, devido à substituição de floresta autóctone (nativa) pelo eucalipto (o eucalipto é uma espécie que tem um crescimento muito rápido, o que a torna mais rentável, mas que provoca a secagem e a desmineralização do solo).

90

A extração de argila ou de minério para a produção de metais origina frequentemente a contaminação dos solos e das águas, o que afeta os seres vivos e provoca alterações de paisagem muito significativas.

O cultivo e produção de matérias-primas têxteis, como o algodão, também pode afetar o ambiente, pois utiliza pesticidas, fertilizantes artificiais e outros produtos químicos tóxicos e altamente poluentes.

Todos estes fatores são prejudiciais para o ambiente. São responsáveis pela diminuição da biodiversidade e podem originar graves consequências para o nosso bem-estar e qualidade de vida.

Qual é o impacto da extração de matérias-primas no ambiente?

A reciclagem e a redução do impacto ambiental

A reciclagem é fundamental para travarmos a destruição do ambiente. A reutilização de materiais e a transformação dos usados em novos permite aumentar o tempo de vida dos materiais, reduzir a extração de matérias-primas e o impacto ambiental que isso provoca.

Para perceberes como a reciclagem é importante para a preservação do nosso planeta, uma vez que há objetos que, se não forem reciclados, demoram séculos ou mesmo milénios a desaparecer, observa a tabela seguinte:

Material	Tempo médio de degradação na natureza
Papel	3 meses
Plástico	50 anos a 450 anos
Metal	50 anos a 500 anos
Vidro	4 mil anos a 1 milhão de anos
Borracha	Tempo indeterminado

os «3 Rs»

A «chave» da redução do impacto ambiental da ação humana está na aplicação dos «3 Rs».

1. Reduzir a quantidade de lixo produzida.
2. Reutilizar produtos e embalagens, optando pelas que possam ser usadas mais do que uma vez.
3. Reciclar os produtos e embalagens usadas.

Experimenta

Constrói uma flor colorida através da reutilização de garrafas de plástico.

1. Corta a parte de cima de uma garrafa de plástico com 50 cm de altura. Com uma caneta de acetato, divide na vertical a parte de cima da garrafa em quatro partes iguais.
2. Corta até 5 cm da tampa e arredonda os cantos superiores de cada parte, formando assim as pétalas. Dobra as pétalas da tua flor para fora.
3. Corta uma tira de plástico da garrafa com 15 cm de altura e corta-a em tiras mais pequenas.
4. Faz um rolo com as tiras cortadas e cola-o no centro da tua flor.
5. Agora é só pintares a flor com cores a teu gosto.

Faz mais

Com os teus colegas, faz um cartaz informativo sobre os riscos do plástico para o ambiente e deco- ra-o com as flores construídas.

imagens

E Se Fosses Uma Gota De Água?

Maria da Conceição Vitorino Ventura Tendeiro Pedroso Pimenta

E Se Fosses Uma Gota De Água?

**nome
da atividade**

Maria da Conceição Vitorino Ventura Tendeiro Pedroso Pimenta Nasceu em 1954, em Almada. Desde muito nova deixou-se cativar pelos escritores clássicos portugueses e pela escrita. Aos doze anos viu nascer a paixão pela arte e História Mundial. Em 1977, abraçou de corpo e alma o ensino, como professora de Português e Francês.

autora

Curso de Guia-intérprete pelo Instituto Superior de Línguas e Administração de Lisboa; Grau de Bacharel em Português / Francês pela Universidade dos Açores.

Esta atividade é um recorte de um projeto de turma “A água”, desenvolvido no ano letivo de 2019–2020, com a turma E do 5.º ano de escolaridade no Agrupamento de Escolas José Belchior Viegas (AEJBV), São Brás de Alportel. O projeto foi inserido no “Lig@rte: Projeto de implementação da Estratégia do Plano Nacional das Artes 2019–2024 no AEJBV”, da responsabilidade das coordenadoras do Projeto Educativo de Escola, M. João Gonçalves e Teresa Henriques. O projeto “A água” teve a colaboração de todas/os as/os docentes da turma envolvida, o apoio da Biblioteca Escolar e parcerias com a Câmara Municipal, a Biblioteca Municipal, e a Quinta do Peral. No início do ano letivo, na aula da disciplina de Português, foi feito um levantamento dos temas a tratar em trabalho de projeto. Sendo explicado que o projeto a desenvolver pela turma pretendia ir para além da disciplina, que o mesmo tinha como objetivo envolver os conhecimentos adquiridos nas outras disciplinas e

resumo

sair das quatro paredes da escola, partindo à descoberta de novos conhecimentos e experiências. Os/as alunos/as manifestaram, de forma inequívoca, interesse e preocupação pelo Ambiente. A partir da pesquisa de algumas obras literárias sobre o tema, a turma foi captada pelo livro “Água Doce: Fluir com o rio” (Wojciechowska & Duarte, 2018), que faz parte do Plano Nacional de Leitura. Seleccionada a obra, as/os alunas/os tomaram contacto com a mesma, admirando as ilustrações, relacionando com os conteúdos já adquiridos, quer nas diferentes disciplinas, quer nas visitas realizadas no âmbito do projeto ao Fluviário de Mora e à Barragem do Alqueva. Colocando perguntas, a curiosidade crescia e foi-se desenhando o projeto, onde se insere a atividade “E se fosses uma gota de água?”

**palavras-
-chave**

gota, água, rio, mar, chuva

**proposta
de atividade**

Eu sou água, e tu? Juntas e juntos podemos correr pelos campos, tropeçar nas pedras, caminhar nas nuvens, banharmo-nos no mar. Queres ser meu amigo? Queres ser minha amiga? Então, dá-me a mão e partamos à aventura.

faixa etária

9 – 10 anos

duração

4 sessões:
1.ª sessão: 50 minutos

- 2.^a sessão: 50 minutos
- 3.^a sessão: 50 minutos
- 4.^a sessão: 180 minutos

No final da atividade as/os alunos/as deverão saber:

- Reconhecer todas as fontes de água como um “património universal da humanidade”.
- Valorizar a importância da água na sobrevivência dos ecossistemas, dos animais e das plantas no nosso planeta.
- Relacionar consumismo, poluição e escassez de água potável.
- Preservar e defender os recursos hídricos e as espécies que habitam os nossos rios e lagoas.
- Apoiar e promover práticas de educação ambiental através da Arte.

objetivos

1. Conhecer as várias fontes, naturais e artificiais, de recursos hídricos.
2. Identificar várias espécies de animais e plantas que dependem de ambientes de água doce.
3. Desenvolver o prazer pela leitura de literatura relacionada com a temática.
4. Produzir conteúdos artísticos a partir da leitura e análise de livros e fotografias.
5. Desenvolver o “pensamento crítico e criativo” e a “sensibilidade estética”.
6. Tornar-se um/a cidadã/o ativo/a e participativo/a na comuni-

conteúdos

dade escolar e na sociedade civil como defensor/a de práticas de consumo amigas do ambiente.

materiais

Livros, giz pastel, papel de óleo, lápis de várias cores, recipiente com água e panos.

**espaço
de
aprendizagem**

Fluviário de Mora, Barragem do Alqueva, Quinta do Peral, sala de aula e biblioteca escolar.

**processo
de trabalho**

Etapa 1: Leitura orientada do livro “Água doce: Fluir com o rio” de Danuta Wojciechowska e Joaninha Duarte (2018).

Etapa 2: Realização das atividades propostas no livro referido, como "por exemplo", realizar experiências em laboratório para conhecer os três estados físicos da água e o modo como se transformam; descobrir e desenhar pequenos organismos que se agarram às pedras do rio; criar um *rap* sobre o ciclo da água a partir de um poema; identificar nomes de peixes e tipos de barcos de pesca; escrever uma carta aberta sobre a importância da água doce e a necessidade de a preservarmos.

Etapa 3: Produção de escrita criativa a partir do texto original.

Etapa 4: Produção de desenhos a partir de fotografias de animais que vivem no ambiente aquático.

Etapa 5: Oficina de ilustração de desenhos realizados pelas/os alunas/os sob a orientação de uma das autoras do livro, e também ilustradora, Danuta Wojciechowska.

Livros, fotografias e filmagens realizadas nas visitas de estudo ao Fluviário de Mora e à Barragem do Alqueva.

**recursos
didáticos**

A avaliação foi realizada através da observação direta da professora responsável pelo projeto e por esta atividade, em particular, pelos/as professores/as envolvidos/as na atividade, pela professora bibliotecária e pela própria Danuta. As/os alunas/os participaram ativamente na atividade, quer através da atenção que mostraram na introdução à atividade realizada pela autora e as perguntas pertinentes que colocaram à mesma, quer através do envolvimento e plena concentração que demonstraram na realização da atividade de ilustração. No entanto, a auto-avaliação que as/os alunas/os realizaram sobre o seu processo de aprendizagem, assim como os resultados obtidos através da escrita criativa e das ilustrações, revelam que “o poder indisciplinador das artes” (Plano Nacional das Artes [PNA], 2019, p. 18) contribui para o desenvolvimento de competências em várias áreas disciplinares e transdisciplinares que se traduzem no saber ser/fazer/transformar com criatividade e cidadania.

**avaliação
da atividade**

Wojciechowska, D., & Duarte, J. (2018). "Água Doce: Fluir com um rio". Lupa Design.

referências

Equipa Técnica do Plano Nacional das Artes. (2019). "Plano Nacional das Artes: Uma estratégia, um manifesto — 2019–2024". [https://www.portugal.gov.pt/download\(ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3D%3DBAAAAB%2BLCAAAAAAABACzMDQ0BgBR5v9IBAAAAA%3D%3D](https://www.portugal.gov.pt/download(ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3D%3DBAAAAB%2BLCAAAAAAABACzMDQ0BgBR5v9IBAAAAA%3D%3D)

imagens

Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Escolas no Ensino Secundário

Info_etiqueta, Projeto na Área do Desenvolvimento Sustentável

Ana Paula M. Pires

Info_etiqueta, Projeto na Área do Desenvolvimento Sustentável

**nome
da atividade**

Ana Paula M. Pires

autora

Professora de Artes Visuais do Agrupamento de Escolas da Trofa.
Licenciada em Artes Plásticas – Escultura, pela Faculdade de Belas
Artes do Porto. Profissionalização em Serviço pela FPCEUP.

O projeto foi desenvolvido no âmbito da oficina de formação
“Aprendizagens Transformadoras a partir de projetos participativos
(ambiente – arte – educação)”. É um projeto que conjuga
problemáticas ambientais e questiona o papel da escola na atual
sociedade. Esta reflexão é feita a partir da problemática da FAS–
T–FASHION, o consumo desenfreado de roupa a baixos preços.
Lança-se, assim, aos alunos, o desafio para que investiguem e
descubram as implicações da produção têxtil nos seus vários ciclos:
utilização de diferentes matérias-primas, transporte, venda e des-
perdício em fim de vida.

resumo

Qual a pegada ecológica da atual produção e porque está associa-
da à mão de obra infantil? O projeto é um mote para fazer a ponte
com alguns dos 17 ODS, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável,
lançados pela ONU, tendo em conta que o ano 2021 é o
ano da erradicação do trabalho infantil. A importância da formação
e as suas interdependências na produção sustentável, nomeada-
mente o papel no eco-design. O Vale do Ave, zona de indústria têx-
til, o que foi e o que promete ser. Algumas empresas
inovadoras que descobriram formas de reutilizar materiais como,
por exemplo, plásticos retirados do mar, de fabricar fio com res-

tos de produções anteriores ou reutilizar excedentes de produção. Portugal está a crescer como referência na produção sustentável, aliando conhecimento científico e tecnológico para criar soluções inovadoras em diversas áreas, desde o upcycling à reciclagem. O projeto também pretende aflorar o conceito de mercado circular, troca direta, como forma de reduzir o desperdício. O projeto foi implementado em várias turmas do ensino secundário, Cursos Científico–Humanísticos de todas as áreas, do 10.º ao 12.º anos. A proposta foi lançada aos diretores de turma para ser implementado no contexto da Cidadania e eventualmente como DAC (Domínio de Articulação Curricular) nas disciplinas onde se propicie o encaixe nos conteúdos programáticos / aprendizagens essenciais. O projeto vai decorrer até ao final deste ano letivo. Cada turma seguirá uma dinâmica própria.

**palavras–
–chave**

educação e formação; trabalho; indústria; arte; ambiente; desenvolvimento sustentável

**proposta
de atividade**

Gostas de moda? Sabes o que é a FAST–FASHION? Sabes qual é a pegada ecológica do teu guarda-roupa? E de uma simples t–shirt? Já pensaste se o preço da roupa que compras é um preço justo? Costumas ler as etiquetas antes de comprar uma peça de roupa? Sabes de que é feita, onde foi fabricada e em que condições? Consideras–te um consumidor informado?

Dá resposta a estas e a outras questões que vais descobrir.

Escolhe uma peça de roupa que gostes, que tenha um significado especial, ou não, que já não usas e mora ao abandono no teu

guarda-fato. Cria uma ETIQUETA GIGANTE para essa peça, com a informação que vais encontrar sobre a sua pegada ecológica.

Podes inventar uma história, criar um logótipo, um poema, uma banda desenhada.

Podes fazer um vídeo com leitura através de um QRcode. Toda a informação que vais pesquisar pode ir parar à tua etiqueta.

“Qual a forma e o tamanho da etiqueta?”, estás tu a pensar. É a que quiseses. Tu é que vais experimentar e decidir.

Partilha informação com os colegas da tua e de outras turmas.

Aproveita o facto de cada turma ter áreas de estudo diferentes, o que fará com que os seus interesses levem a outras pesquisas.

Articula informação. Encontra parcerias na comunidade educativa e/ou em entidades externas. Forma um grupo de trabalho transdisciplinar.

Cada um cria uma etiqueta dentro da mesma temática, ou temáticas complementares.

Por exemplo, imagina que quero participar com um belo par de meias, novinhas, às riscas. Posso investigar sobre o processo de produção de um par de peúgas... posso juntar-me com colegas que também queiram fazer o mesmo. Peúgas de homem, de senhora, collants de licra, meias de desporto. Todas fabricadas na China?! Não. As minhas, as das riscas, foram feitas pela minha avó. Lã da serra tricotada à mão!

Junta ao grupo um colega de artes visuais. Ele irá contribuir com a sua criatividade para a estruturação gráfica e a execução plástica/expressiva da etiqueta.

Quem diz um par de meias diz umas calças, um casaco, uma mochila...

No fim vamos juntar todas as peças de roupa, devidamente etiquetadas, e criar uma instalação/mercado de troca. A peça vai para troca direta, levo uma e trago outra. Cada etiqueta será o teu apelo ao consumo consciente e sustentável.

faixa etária

Alunos do Ensino Secundário do 10.º ao 12.º, de várias áreas: Artes Visuais, Ciências e Tecnologias, Línguas e Humanidades, Economia.

duração

Dois períodos letivos. O projeto é transdisciplinar. Cada turma terá a sua dinâmica na planificação e implementação do projeto.

objetivos

- Sensibilizar os alunos e a comunidade educativa para o consumo sustentável e, ao mesmo tempo, valorizar a ESCOLA, peça fundamental no desenvolvimento das pessoas, individual e coletivamente, como elementos intervenientes numa sociedade melhor e plural, cooperante e crítica.
- Desenvolver a capacidade crítica e reflexiva dos alunos despertando-os para a importância da cooperação na construção de um objetivo comum.
- Promover a capacidade de pesquisa, compilação e organização de informação.
- Partilhar informação de várias áreas, percebendo a importância das relações entre áreas do saber.
- Pretende-se a interação entre as diferentes áreas disciplinares, promovendo a interdisciplinaridade, tendo em conta que o tema

também é multidisciplinar e abrangente.

- Promover a capacidade de intervenção e o empreendedorismo.

Os conteúdos serão propostos de acordo com as disciplinas intervenientes.

conteúdos

Uma peça de vestuário, materiais que os alunos quiserem e acharem pertinentes para a criação/construção da etiqueta.

materiais

Sala de aula das disciplinas, biblioteca, Web.

Palestras (neste momento Online).

Visita a uma fábrica têxtil, aterro, Etar (neste momento impossível).

Atualmente, tendo em conta a pandemia, tudo vai ser concretizado à distância.

Exposição final em espaço da escola a designar.

**espaço
de
aprendizagem**

I. Apresentar o projeto da criação de etiquetas.

II. Sensibilização à temática (trabalho infantil e indústria têxtil) a partir do preenchimento

de um formulário pelos alunos, em casa e individualmente, que aflo-
ra as várias

questões envolvidas.

Formulário:

[https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=GF-](https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=GF-CwH0BAHUeQ4HeMvN10_P7jvd0thjVHmr1iWxALXc9URjFXMDVNR-)

[CwH0BAHUeQ4HeMvN10_P7jvd0thjVHmr1iWxALXc9URjFXMDVNR-](https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=GF-CwH0BAHUeQ4HeMvN10_P7jvd0thjVHmr1iWxALXc9URjFXMDVNR-)

**processo
de trabalho**

TdVQkIENUhTSkFYWFFNU09EUi4u

III.Em aula, sob orientação do professor de Filosofia e com a participação de vários professores, promover um debate reflexivo sobre a temática, alicerçada no tratamento das respostas do formulário preenchido pelos alunos.

IV.Escolher 3 ou 4 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) por turma ou por grupo de trabalho. Dentro da mesma turma cada grupo pode escolher um ODS principal ou os grupos podem ser formados consoante os interesses.

V.Escolher uma peça de roupa a integrar o mercado de troca.

VI.Investigar e reunir informação (orientada por diversos professores de diferentes áreas). Cada professor destina o tempo letivo que entender necessário para trabalhar com os alunos um conteúdo, de acordo com as aprendizagens essenciais e o programa da sua disciplina. Cada aluno, isoladamente ou em grupo de trabalho, pode aprofundar uma área e, depois de compilada a informação, junta-se aos outros grupos, partilhando o que descobriram. Em conjunto podem definir como vão ser as etiquetas: estabelecer hierarquias para a informação, decidir o que vão colocar e como.

VII.Momentos de debates e conferências online, com convidados ligados ao mercado têxtil e ao eco-design.

VIII.Nas aulas de artes ou com o apoio de professores e alunos de artes, definir layout, criar infografia, desenhos, logótipo, vídeos ou outros, dando visibilidade à informação/dados pesquisados.

IX.Criação de textos, poemas, etc.

X.Etiquetar a roupa.

XI.Criar o mercado/ instalação/ exposição.

XII.Divulgar o mercado de troca na comunidade educativa.

XIII.Participar no processo de trocas.

XIV.Fazer um Storymap com o processo do trabalho.

Vídeo de apresentação do projeto.

Formulário criado para sensibilização ao tema, com imagens e vídeos. Pesquisa de documentários, notícias de jornais.

https://forms.office.com/Pages/ResponsePage.aspx?id=GF-CwH0BAHUeQ4HeMvN10_P7jvd0thjVHmr1iWxALXc9URjFXMDVNR-TdVQkIENUhTSkFYWFFNU09EUi4u

Portugal Têxtil | O Portal da Industria Têxtil Portuguesa (portugal-textil.com)

True Cost-OfficialTrailer

https://www.youtube.com/watch?v=OaGp5_Sfbss

How to Engage with Ethical Fashion| ClaraVuletich|TEDxSydney

<https://www.youtube.com/watch?v=WXOd4qh3JKk>

Artigo do Jornal Público: “A pegada da nossa roupa” de Cátia Mendonça (Infografia), Célia Rodrigues (Infografia), Vera Moutinho (Jornalista) e Rita Robalo Rosa

<https://www.publico.pt/2019/11/29/infografia/pegada-roupa-391>
RTP vídeos

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/trabalho-infantil-em-portugal/>

<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/trabalho-infantil-na-industria-do-calcado/>

<http://www.cnasti.pt/cnasti/documentos/1403450735.pdf>

Relatório sobre a caracterização social dos Agregados Familiares Portugueses com menores em Idade Escolar.

Relatório nacional sobre a implementação da Agenda 2030 para o

**recursos
didáticos**

Desenvolvimento Sustentável em Portugal.

Plataforma eTwining para partilha do projeto com outras escolas/ países.

avaliação da atividade

A avaliação do trabalho será formativa e sumativa e estará a cargo de todos os intervenientes, professores e alunos. Os conteúdos/ aprendizagens específicas serão avaliados pelo professor de cada disciplina e os conteúdos transdisciplinares serão avaliados de acordo com o perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, tendo em conta as competências essenciais desenvolvidas pelos alunos no processo de trabalho: Investigador/ Reprodutor/ Participativo/ Colaborativo /Responsável/ Sistematizador / Organizador /Criativo.

A avaliação pressupõe a heteroavaliação e autoavaliação do processo.

Observações:

Este projeto nasceu das maravilhosas conversas que tenho com a professora Emilia Torres, do grupo de Física e Química lá da escola, que sugeriu que o tema fosse a irradiação do trabalho infantil. Obrigada Emilia. Também quero agradecer a todos os colegas da EST que estão dispostos a participar com grande entusiasmo, aos Diretores de Turma (M^a José Rodrigues, Manuela Pinho, Elisabete Lourenço, José Pelayo,) que abraçaram o projeto e aos alunos das turmas 1001, 1007, 1101 e 1103, entre outras.

imagens

Intervir | Postais Serra da Lousã

Ana Seco

Intervir | Postais Serra da Lousã

**nome
da atividade**

Ana Seco

autora

1970, nasce em Coimbra, onde habita no momento.

Realiza o seu percurso académico em Coimbra tendo finalizado a licenciatura em Pintura na Escola Universitária de Artes de Coimbra (EUAC) em 1994. Em 10 de setembro, do mesmo ano inicia a sua atividade como docente no grupo 600.

Entre 1993 – 1999, foi fundadora e colaboradora no “Atelier Mas...”, Atelier de Design Gráfico e Decoração, em Coimbra.

Participou em exposições coletivas de Pintura.

A 28 de julho de 2000 finaliza a Profissionalização em Serviço.

Entre 2009–2012 realizou projetos artísticos no Second Life.

Desde 2013 que se encontra a lecionar no Agrupamento de Escolas de Pombal.

Fluência de linguagem oral e escrita de Inglês e Italiano

É de realçar a frequência em diversas áreas de formação académicas. Salienta-se a área da multimédia e da arte contemporânea.

“Se as abelhas desaparecerem da face da terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência. sem abelhas não há polinização, não há reprodução da flora, sem flora não há animais, sem animais não haverá raça humana.” Albert Einstein

resumo

Esta atividade,” Intervir | postais Serra da Lousã”, foi testada no Agrupamento de Escolas de Pombal.

Partiu do desejo de duas professoras em colaborar com a Cáritas

Diocesana de Coimbra na angariação fundos para a ajuda na alimentação artificial das abelhas da Serra da Lousã.

Os incêndios que atingiram a região centro em 2017 destruíram milhares de colmeias e pasto das abelhas em vários concelhos, o que irá diminuir a produção de mel certificado da Serra da Lousã nos próximos anos.

Esta atividade teve início com a execução de ilustrações, realizadas por uma turma de alunos do 12.º ano na disciplina de Oficina de Artes do Curso Científico Humanístico de Artes Visuais, para futuramente se realizar uma coleção de postais. Posteriormente foi realizada, por parte dos alunos e docentes, a seleção das ilustrações e, por fim, a preparação do material para ir para a gráfica.

Numa segunda fase, foi feita a angariação de fundos estando envolvidas a minha turma e da turma da professora Conceição Saraiwa.

Foi, ainda, dinamizada, pelas docentes, a entrega dos fundos angariados pelos alunos à engenheira da Cooperativa do Vale do Ceira. Neste encontro foi possível um esclarecimento dos alunos relativamente à destruição das colmeias e abelhas da Serra da Lousã e explicado onde seriam aplicados os fundos recolhidos e onde seriam aplicados os fundos recolhidos. Posteriormente, a Cooperativa convidou as docentes e discentes para uma feira onde fomos agradecidos com o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelas mãos do Sr. Secretário de Estado das Florestas.

proposta de atividade

Esta atividade divide-se em duas partes, a primeira em que se realizará duas composições/ilustrações através de “técnicas mistas” e, uma segunda parte, em que realizarás duas composições através de colagens com materiais reciclados.

Futuramente será selecionado um trabalho por aluno e realizada uma coleção de postais para venda e angariação de fundos para contribuir para a alimentação artificial das abelhas da Serra da Lousã.

A expressão “técnicas mistas” emprega-se para designar obras plásticas cuja elaboração se misturam meios ou técnicas de desenho e pintura.

Esta forma de trabalho abre grandes possibilidades ao conjugar meios com diferentes comportamentos técnicos e expressivos. É uma forma de trabalhar com muitas potencialidades, uma forma comum e constante no desenvolvimento e realização contemporânea de obras gráficas e plásticas. No entanto é muito importante conhecer a natureza física dos meios, assim como as características plásticas do tema que se quer representar. Ou seja, deverá considerar-se os efeitos que se querem conseguir são possíveis com os meios a utilizar.

A colagem é uma realização pictórica nascida da associação de diversos elementos recortados que, à partida, nada tem em comum. Esta associação de fragmentos constitui-se, por si só, num modo de criação no qual a justaposição e sobreposição são os princípios de mistura com vista a realizar uma nova imagem, de acordo com a criação pessoal.

É aqui que residem as vantagens da colagem: uma relativa facilidade de execução e uma rápida realização aliada a uma fonte inesgotável de material.

Nas composições apresentadas, além da pretendida eficácia em transmitir uma determinada mensagem, pretende-se que as peças criadas sejam apelativas e geradoras de grande impacto visual, unindo forma e conteúdo na melhor configuração possível.

faixa etária

Esta atividade poderá ser destinada a alunos do secundário

duração

5 sessões de 45 minutos e 5 sessões de 90 minutos

objetivos

- Dominar as diferentes fases metodológicas de desenvolvimento de um projeto, nas diversas áreas em estudo.
- Romper limites para imaginar novas soluções.
- Experimentar materiais, técnicas e suportes com persistência.
- Dinamizar intervenções artísticas colaborativas no âmbito da cidadania e da sustentabilidade pessoal, social e ambiental.

conteúdos

Módulo 1 — Área de Diagnóstico (Temas Estruturantes)

1. Linguagem plástica
2. Materiais, suportes e instrumentos
3. Técnicas de expressão e representação

1. Técnicas mistas

Suportes: Papéis e formatos A4 (à escolha do aluno o formato, as propriedades e tipos).

Meios atuantes: Grafites, lápis de cor, canetas de acetato, caneta de tinta preta, marcadores, aquarela, tinta-da-china, guache, acrílico, etc.

2. Colagem

Materiais e equipamentos: Revistas e outros papeis/materiais reciclados da escola, cola, tesoura e ou x-acto.

materiais

Na escola ou noutro espaço que sirva para o efeito.

**espaço
de
aprendizagem**

1. Técnicas mistas

Realize através da junção de técnicas dois trabalhos/composições/ilustrações plásticas proporcionais ao formato A4 (preferencialmente use o formato A4).

Neste trabalho poderás usar imagens impressas e desenhos executados por ti.

2. Colagem

Tendo presente, os conhecimentos adquiridos no trabalho anterior, relacionados com a noção de composição plástica, realize através das técnicas de colagem dois trabalhos/composições/ilustrações plásticas proporcionais ao formato A4 (preferencialmente use o formato A4).

As composições plásticas (organizações do espaço bidimensional),

**processo
de trabalho**

devem obedecer a um princípio básico de relação forma/fundo, em que, as formas deverão ser figurativas, (, animais, vegetais, etc.), e os fundos deverão representar espaços paisagísticos. Tanto as formas como os fundos deverão ser de algum modo transformados e ou deformados. Para a realização do trabalho, utilize imagens de revistas e de outros papéis reciclados. As técnicas a aplicar são o recorte e a colagem.

**recursos
didáticos**

Foi realizada uma sensibilização com o filme “Abelhas e Homens” de Markus Imhoof.

**avaliação
da atividade**

A avaliação foi realizada tendo por base os objetivos propostos.

imagens

Projeto Salvar as Abelhas da Lousã

Parceria com Cooperativa Agrícola de Vila Nova do Celra
com o apoio da Cáritas Diocesana de Coimbra

"De Mãos Dadas" | Plataforma de Voluntariado Incêndios 2017

**Agrupamento de
Escolas de Pombal**

Rua Dr. António Fortunato Rocha Quaresma, 1500-004 Pombal
Tel: (236) 212 184
Email: geral@escolas.pombal.pt
www.escolas.pombal.pt

Instituição Andressa Gaspar, aluna do Curso C.M. Artes, disciplina de Oficina de Artes, Escola Secundária de Pombal, 2017 | 2018

"Sem abelhas humanidade sobrevive apenas 4 anos"

●●● Foi o cientista Albert Einstein que fez a afirmação. "Se as abelhas desaparecerem da face da terra, a Humanidade terá apenas mais quatro anos de vida", disse. E explicou porque "sem abelhas não há polinização, não há produção da flor, sem a qual não há animais, nem humanos". "Com as abelhas, os frutos vingem, sem elas, muitos frutos e grande parte dos hortícolas desaparecem", afirma Rui de Sousa, engenheiro agrícola do Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV).

"Morangos, cerejas, kiwis são alguns dos frutos que dependem da polinização", explicou o especialista em fruticultura ao Diário As Beiras. Ora, "a

vespa alimenta-se da abelha porque precisa da proteína dela, o que faz com que diminua a quantidade de abelhas e isso é um problema", refere Rui de Sousa. "Se não fizermos nada disso, seguem a diminuir as abelhas e assumem a polinização, o que é um problema para a produção de frutos e para a alimentação humana". "A vespa é uma espécie muito voraz e come muitos frutos, especialmente a maçã, a pera, a pêra, a maçã e a pêra. É necessário ter agentes de controle das abelhas, mas as abelhas são mais fáceis de controlar porque vivem em colmeias e quando não há colmeias, é um enxame de um milhão de abelhas para o outro. Estamos a interferir na polinização e a utilizar a nossa favor", concretiza Rui de Sousa.

plano de orçamento municipal para 2023, prevê contratar empresas que façam este combate", adianta Serra Constantino. Outras autarquias, sobretudo mais a Norte, como a do Porto, já o fizeram. O ninho da vespa asiática é de grandes dimensões e

interior das casas, das lojas e das empresas. As vespas. A Proteção Civil regista

"Estamos sozinhos"

► É uma espécie de vespa nativa do Sudeste Asiático. Em Portugal é considerada invasora.

► Também ataca humanos, mas não é um

Take a Stand

Clara Antunes e Ricardo Machado

Take a Stand – palestra performativa sobre alterações climáticas

**nome
da atividade**

Clara Antunes
(Lisboa, 1988)

autores

Licenciada em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da UTL, detém uma pós-graduação em Programação e Gestão Cultural pela Universidade Lusófona e é actualmente Mestranda em Culture Studies pela Universidade Católica – The Lisbon Consortium, onde desenvolve investigação sobre o papel da cultura e das expressões artísticas na consciencialização pública para questões ambientais e no combate às alterações climáticas.

Colaborou com a Vo'Arte como produtora entre 2010 e 2013. Assumiu a direcção de comunicação da Materiais Diversos e respectivo Festival entre 2013 e 2015, sob coordenação de Tiago Guedes. Fez a produção executiva e apoio à programação com comunidades no Festival TODOS – edições 2015 e 2016 –, tendo desde então colaborado com os directores artísticos Madalena Victorino e Giacomo Scalisi em diversos projectos, entre os quais: “VÃO” (co-concepção e orientação pedagógica), “Companhia Limitada – Estação Terminal”, “Pasta e Basta – um mambo italiano”, “Teatro das Compras” e Lavrar o Mar – as artes no alto da serra e na costa vicentina, programa que apoiou a implementar. Foi responsável pela comunicação da Rua das Gaivotas 6/Teatro Praga pelo período de dois anos, concorrentes com a abertura do espaço ao público. Colaborou com criadores independentes na produção, comunicação e assessoria de imprensa, entre eles os coreógrafos Jonas&Lander (2012–2014), Mariana Nabais (2016) e o encenador André Amálio/Hotel Europa (2017). Integrou, em 2018, o programa de estágios

INOV Contacto, assumindo a direcção de produção da Ponte 9 – Creative Platform, em Macau, onde organizou a edição pioneira na Ásia da iniciativa Open House. Entre 2018 e 2020, foi responsável pela direcção de produção da Formiga Atómica, dirigida por Miguel Fragata e Inês Barahona. Hoje, desempenha, na Artemrede, a gestão do projecto europeu “Stronger Peripheries — a Southern Coalition” (2020–2024). Juntamente com o coreógrafo Ricardo Machado, é co-autora da palestra performativa sobre alterações climáticas “TAKE A STAND”.

Ricardo Machado

(Vila Nova de Famalicão, 1983)

Coreógrafo e intérprete regular em múltiplos contextos das artes performativas contemporâneas, integrando habitualmente núcleos de pesquisa transdisciplinares em regime de co-criação artística. Trabalhou como intérprete e co-criador com diversos coreógrafos e encenadores, tais como Aldara Bizarro, Né Barros, Moncho Rodriguez, Victor Hugo Pontes, Rui Lopes Graça, Kurt Demey, Marielle Morales, Olga Roriz, Karine Ponties, Anna Réti, Ido Batash, Madalena Victorino, Circolando, Luiz Antunes, São Castro, António Cabrita, Roberto Olivan, Hotel Europa, entre outros. O grande motor da sua presença artística é, invariavelmente, o movimento, e a sua área de criação, a dança — em situações formais puras (a sala de teatro), mas também nas que são ditadas pelo próprio espaço e contexto da criação. A sua afeição temática mais recorrente é a de um questionamento do modo de estar performativo e do lugar da audiência. “Como pedras fora do chão”, co-criado com Pedro Salvador; “REI-SOL”; “L’après-midi d’un sportif”; “Point of You”, co-criado com Anna Réti; “Ponto Ómega”, co-criado com Madalena Victorino;

"TAKE A STAND", co-criado com Clara Antunes e "MARKULUS" dão nome às primeiras propostas que assinou.

Carla Galvão
(Lisboa, 1980)

intérprete

Actriz, formada em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Começou a trabalhar profissionalmente em 1998. Colaborou como actriz em vários espectáculos dirigidos por Joaquim Nicolau, Maria Emília Correia, Madalena Victorino, Francisco Luís Parreira, João Brites, Paulo Filipe Monteiro, Richard Foreman, Gonçalo Amorim, Maria Gil, Maria João Luís, Tonan Quito, Tiago Rodrigues, Victor Hugo Pontes, Fernanda Lapa, Marta Lapa, Alexandre Tavares, Carla Maciel, Sara Carinhas, Daniel Gorjão, Nuno Gil, Romeu Costa, Rui Horta, Bruno Bravo, Catarina Requeijo, Miguel Fragata, Sara de Castro, entre outros. Desenvolveu trabalho regular com as companhias Artistas Unidos, Teatro Meridional, Teatro dos Aloés, Escola de Mulheres, Formiga Atómica, tendo trabalhado textos de autores como Eurípides, William Shakespeare, Clarice Lispector, Bertolt Brecht, Jacques Prévert, Anton Tchekov, Sarah Kane, Enda Walsh, Pepetela, José Luís Peixoto, Athol Fugard, David Harrower, entre outros. Em cinema trabalhou com Solveig Nordlund, Luís Fonseca, Luís Alvarães, João Constâncio, Edgar Medina, Jeanne Waltz, Pedro Pinho, Luísa Homem, Leonor Noivo, Tiago Hespanha, Pedro Filipe Marques, Luís Zeferino. Em Televisão participou em "Liberdade XXI", "Laços de Sangue", "Maternidade", "Doida por Ti", "Belmonte", e "Dentro". Trabalhou de forma regular com a plataforma Stage One onde desenvolveu várias criações para a infância com Fernando Mota, Crista Alfaiate, Cláudia Andrade e Mafalda Saloio.

Colabora regularmente com a RTP2 em programas vocacionados para a infância e para o público em geral, nomeadamente nas rubricas “A peça que faltava” e “Conta um conto”. Nomeada para os Globos de Ouro na categoria de Melhor Actriz de Teatro nos anos 2005 e 2008. Recebeu a Menção especial da crítica 2008, atribuída pela Associação Portuguesa de Críticos de Teatro e o Prémio Bernardo Santareno 2009 para a categoria de Actriz Revelação. Galardoadada pela Revista Time Out com o Prémio Corvo de Ouro na Categoria de Melhor Actor do Ano 2012. Ganhou ainda o prémio de Melhor Actriz Secundária no Festival Caminhos do Cinema Português, em 2020.

resumo

“TAKE A STAND” é uma sessão de reflexão sobre as alterações climáticas, que se debruça sobre a ciência actual neste tema e sobre um futuro que, mantendo-se inalterado o presente modo de vida, se estima como potencialmente insustentável à vida humana. Desenvolvida em resposta ao convite do MIRAGEM! 2019 – Projecto Artístico e Pedagógico no domínio das Artes do Espectáculo (Programação ODETE, Odemira Território Educativo, Câmara Municipal de Odemira), dirigido por Madalena Victorino, esta palestra foi inicialmente apresentada em inglês a onze turmas dos 8.º e 9.º anos de escolaridade nos concelhos de Odemira e Lisboa. Foi posteriormente desenvolvida uma versão em português e ajustado o público-alvo a estudantes do ensino secundário: 10.º e 11.º anos. A proposta torna a apresentar-se a dez novas turmas em Outubro de 2021, ainda no âmbito da 7ª edição do MIRAGEM!, encontrando-se disponível para circular por outras escolas do país. Protagonizada pela actriz Carla Galvão e pelo coreógrafo e bailarino Ricardo Machado,

“TAKE A STAND” toma a forma de uma palestra performativa e participativa que atravessa um conjunto pertinente de dados factuais que implicam individual e colectivamente todos os participantes. O fim? Impelir à acção.

alterações climáticas; performance; participação; ciência climática; mobilização para a mudança

**palavras-
-chave
materiais**

Nós temos um problema.

Um problema transversal a todos os sectores da sociedade, a todas as gerações. Um problema que trará consequências definitivas e devastadoras num futuro próximo, futuro este que vamos ainda experimentar.

Alguns de nós não querem olhar de frente para o problema. Outros empurram-no despreocupadamente para a frente. Outros ainda, circundam-no com displicência. A sua magnitude é difícil de compreender. As projecções do problema ultrapassam o nosso entendimento. Debatem-se as suas origens: qual a responsabilidade de todos e de cada um na confusão instalada? Há discussão sobre a sua matéria: de que é feito? como é que as partes afectam o todo, e que todo tão frágil é este?

Quando olhamos de perto para o problema, ele engole-nos. É uma massa disforme, muito grande e muito escura, feita de tantos focos que a nossa visão unifocal não apreende. Tragados pelo problema, lançamos as mãos para o que temos ao alcance: recusar participar no problema. Ou por outra, evadimo-nos. Será suficiente?

Nesta palestra performativa, todos são convocados a ocupar o seu

**proposta
de atividade**

lugar na estatística do problema. Colectiva e individualmente. Olhamos para a ciência do problema, entendemos os vários campos de acção que o fazem alastrar indefinidamente, sentimos como operam as suas consequências futuras no corpo de hoje, mas também discutimos soluções e... tomamos posição: TAKE A STAND.

faixa etária

Alunos do 10.º e 11.º anos do Ensino Secundário (1 turma por sessão).

duração

A palestra performativa desenvolve-se numa única sessão por cada turma participante, com duração aproximada de 2 horas (incluindo um intervalo de 10 minutos).

objetivos

Consubstanciado em dados oferecidos pela ciência climática actual, “TAKE A STAND” visa, mediante uma experiência estética e reflexiva, provocar a consciencialização colectiva para a emergência climática e instigar nos alunos a tomada de posição a nível individual enquanto agentes políticos, capazes de mudança. Os dados apresentados ao longo da sessão concorrem para fundamentar a conclusão proposta.

“Combustíveis fósseis, terra, animais, água, recursos. Queremos sempre mais. Tal como comemos alegremente peixe sem vermos o que tem dentro [alusão aos microplásticos, tema tratado na ses-

são], também devoramos o nosso planeta, alheios às consequências. Somos vorazes. Tragamos recursos como se não houvesse amanhã. E, mantendo este ritmo, pode mesmo não haver amanhã. Apesar de tudo isto, enterramos a cabeça na areia e continuamos as nossas vidas como se nada estivesse a acontecer, fingindo que está tudo bem. Lamento dizer-vos, mas não está tudo bem. O que é que precisamos de fazer? PARAR. Precisamos de PARAR e REDUZIR. Parar de fazer as coisas como estamos habituados a fazê-las, só porque é assim que se faz. Reduzir o consumo excessivo. Repensar a forma como nos alimentamos. Quanta água utilizamos. Como escolhemos transportar-nos. Rever as nossas necessidades reais.

E sobretudo: “TAKE A STAND” — tomar uma posição. Fazer saber aos nossos líderes políticos como nos sentimos a respeito das alterações climáticas. Prestar muita atenção à forma como estão a planear actuar sobre isto. Mostrar-lhes que estamos a prestar atenção, e responsabilizá-los quando não agem. Porque, de facto, devíamos mesmo prestar atenção.

E ninguém é demasiado pequeno para fazer a diferença. Todas as revoluções na história da humanidade aconteceram graças a um conjunto de pessoas que acreditaram que as coisas podiam ser diferentes. Lembrem-se disto: basta que 1% da população se mobilize para provocar a mudança.”

[segue-se a projecção do vídeo “This is not a drill”, de Greta Thunberg: bit.ly/3y83ftc]

No final da sessão, um conjunto limitado de alunos é convidados a seleccionar um cartaz de protesto de entre os dispostos numa pa-

rede da sala (parte do cenário da sessão), que traduza a mensagem que gostariam de fazer chegar aos seus líderes políticos*. Seguidamente, e por intermédio do/a delegado/a de turma, os alunos são impelidos a participar de uma petição inspirada no Manifesto da Greve Climática Estudantil, sendo-lhes atribuída a responsabilidade de recolher assinaturas junto dos seus colegas, respectivas famílias e professores. O conjunto de petições reunidas ao longo das várias sessões realizadas é posteriormente remetida, pela equipa de criadores, ao Sr. Primeiro Ministro, António Costa, ao Ministro do Ambiente e da Ação Climática, João Pedro Matos Fernandes, e à Assembleia da República.

Simultaneamente, e antecedendo o término da sessão, é ainda proposta a redacção de um compromisso pessoal num post-it a exibir em local visível do caderno, sugerindo-se a sua revisão no final do período lectivo, momento de balanço: “Cumpriram o vosso compromisso? Mudou alguma coisa? Se sim, é altura de fazer um novo, se não, esta mensagem serve de lembrete, para vocês próprios, que num momento do tempo este assunto teve importância suficiente para quererem agir. E talvez seja possível, ao relê-lo, recuperar essa sensação.”

Na conversa final mediada pelos autores/intérpretes, os alunos mostram habitualmente pensamento crítico sobre as informações veiculadas, procurando esclarecer alguns dos dados apresentados e contribuir para a discussão com o seu conhecimento consolidado. Sectores como a agropecuária ou a transição energética são comumente abordados, e revistos dados-chave anteriormente expostos. Abordam-se ainda com frequência possibilidades de acção individual ajustadas às rotinas e instrumentos acessíveis à faixa etária em questão.

“TAKE A STAND” atravessa diferentes temas relacionados com a ciência climática. Na primeira parte, inicia-se por assumir a emergência climática, reconhecida por políticos e assimilada pelos principais órgãos mediáticos a nível mundial. Parte-se seguidamente para uma resenha histórica: analisa-se o lugar do Homem no ciclo geológico e conhecem-se as variações normais do clima ao longo da história — atravessando um período de 600 milhões de anos —, como forma de relevar a singularidade histórica do tempo recente no que se refere à concentração de CO₂ na atmosfera e concomitante aumento de temperatura, com taxas muito superiores às registadas na era pré-industrial. Aborda-se o conceito do Antropoceno e a teoria da “Grande Aceleração”. Explana-se o ciclo de carbono — apontando-se igualmente a existência de outros gases com efeito de estufa —, para concluir que as emissões de origem humana são grandemente responsáveis pelas presentes alterações no clima, o que o consenso científico, conforme exposto, atesta. Fala-se do Acordo de Paris e de como os compromissos avançados pelos países que o subscrevem são insuficientes para cumprir as metas desenhadas, e avançam-se cenários prováveis de aumento de temperatura até ao final do século, abordando-se o conceito do “orçamento de carbono”. Incide-se ainda sobre as consequências das alterações climáticas no derretimento do permafrost; maior incidência e frequência de eventos climatéricos extremos, subida do nível do mar (e consequentes cheias, salinização de campos de cultivo e inundação de cidades); seca e escassez de água; ondas de calor; poluição atmosférica; refugiados climáticos e, finalmente, na perda da biodiversidade, ou ecocídio. Todos os pontos abordados são ilustrados por dados obtidos a partir de instituições científicas

de referência, e, sempre que possível, indicadas projecções previstas para Portugal. A apresentação é acompanhada pela presença performativa de um intérprete e de uma voz sem corpo, que surgem inadvertidamente, assinalando momentos relevantes da dramaturgia. Na segunda parte da sessão, os alunos são convidados a participar activamente de estatísticas, fazendo-se representar por embalagens pintadas de negro, num gesto simbólico que os implica nos até então abstractos números apresentados. Estas embalagens são convocadas a espelhar diferentes variáveis, dispondo-se sobre uma área delimitada das mesas ao centro da sala, dando a ver a dimensão do absurdo implicada nas relações de desproporção entre os diferentes agentes envolvidos nas alterações climáticas. Aprofundam-se as origens das emissões de gases com efeito de estufa, assinalando-se quais os principais países responsáveis por emissões, bem como a relação entre emissões e estratos económicos. Identificam-se ainda as maiores empresas responsáveis pela queima de combustíveis fósseis, responsáveis por uma porção importante de emissões, alertando-se para a importância da transição para energia limpa, desde logo com o fecho de grandes centrais termoelétricas. Aprofunda-se um outro sector responsável por uma parte significativa das emissões globais: a conversão e uso do solo, incidindo sobre a desflorestação – respectivo legado histórico e consequências – e a produção animal. A agropecuária é escrutinada no que respeita às emissões e ao desproporcional uso de recursos que lhe está associado. No domínio da alimentação, incide-se ainda sobre o desperdício alimentar e impactos ambientais e sociais implicados. Por fim, conhecem-se as inferências do consumo e descarte dos plásticos, o seu ciclo de vida e fim, com consequên-

cias de grande magnitude no equilíbrio de ecossistemas e inclusive na saúde humana. Também no decurso desta segunda parte, os dados prestados são intermediados por experiências performativas que instalam um espaço de silêncio e contemplação necessários à assimilação da enormidade do que se escuta.

A sessão termina com um gesto auto-crítico e chamada para acção, convocando a implicação pessoal e colectiva na mudança, a este ponto assumida como indispensável à sobrevivência.

No que respeita a recursos técnicos e físicos necessários para implementação da sessão no espaço da sala de aula, a equipa transporta consigo computador; projector; coluna de som; megafone; cartazes de protesto; abraçadeiras para sustentação da ilha de mesas dispostas ao centro da sala; materiais para desenvolvimento e apresentação das estatísticas propostas; petição e envelope pré-selado; post-it, entre outros.

A Escola deverá assegurar a limpeza do espaço e disponibilizar o acesso à sala por um período total de 4h30min: 1,5h para montagem, 2h-2h15 para decurso da sessão e 45min para desmontagem. O ambiente deve obscurecer-se com recurso a estores ou persianas, para melhor leitura da projecção.

Sala de aula, transformada para acolhimento da sessão. As mesas formam uma ilha ao centro da sala, dispondo-se os alunos em torno desta, sentados em cadeiras. Conteúdos visuais são projectados numa parede branca, habitualmente oposta à do quadro, e os in-

materiais

**espaço
de
aprendizagem**

térpretes movem-se pela sala, entre a manipulação do computador situado junto ao projector e a intencional circulação pelo espaço, servindo o reforço/complemento dramático do texto exposto. As mesas servem ora de palco para os intérpretes, local neutro onde se move o corpo anónimo — quiçá colectivo — que sofre os impactos das alterações climáticas, ora de superfície na qual se movem variáveis, em estatísticas representativas dos contrastes e desequilíbrios que se jogam hoje na relação entre o Homem e o meio ambiente.

processo de trabalho

A sessão “TAKE A STAND” desenvolve-se em duas partes. Na primeira parte, fundamentalmente expositiva, aborda-se a posição do Homem no decurso da história geológica, as fundações da ciência climática e alguns dos impactos das alterações climáticas, com especial enfoque nos que podemos vir a sofrer em território nacional. A segunda parte debruça-se com maior detalhe sobre alguns dos principais sectores de origem das emissões: a queima de combustíveis fósseis, uso e conversão da terra, produção, consumo e desperdício de alimentos, plástico e resíduos. No decurso da exposição e em relação com cada um destes sectores, são apresentadas estatísticas, nas quais os alunos são convocados a participar activamente. A sessão conclui-se com chamadas de mudança individual e mobilização colectiva. Os conteúdos expostos são permeados pela presença do corpo em movimento, bem como intercalados com experiências poéticas veiculadas através de imagens, vídeos e outros recursos inspiradores.

Finda a sessão, será oferecido às turmas que a experienciem um dossier complementar. Deste dossier consta o guião integral e respectivas apresentações, fontes de referência para os dados exibidos, recursos adicionais a explorar (alguns dos quais se elencam abaixo), guiões para possíveis conversas em aula, sugestões de acções individuais, propostas de actividades e desafios coreográficos. A título ilustrativo apresentam-se, abaixo, dois desafios de movimento e um conjunto de fontes úteis para investigação na abordagem a estas temáticas.

Desafio coreográfico #1: Desflorestação

Senta-te numa cadeira em frente a uma mesa vazia. Imagina que nessa mesa estão árvores em miniatura e que todas juntas fazem uma densa floresta. Passa os teus antebraços pela copa das árvores. Com uma das tuas mãos arranca uma árvore e com a palma da outra esmaga com toda a força uma parte da floresta. Bate com os cotovelos várias vezes nas árvores. Desliza a ponta dos dedos por todo o espaço manipulando e deslocando as árvores de um lado para o outro. Adormece em cima das árvores. Nesse sonho, as árvores devastadas são pessoas que são manipuladas por mãos gigantes. Tu és uma destas pessoas. Foges da cadeira, corres, saltas e reboas, mas as mãos apanham-te, és arrancado, arrastado e devorado. Haverá algum lugar seguro onde possas enraizar-te?

Palavras-chave:

- Manipular
- Bater
- Arrancar
- Esmagar

- Arrastar
- Rebolar
- Saltar
- Enraizar

Vídeo de apoio/inspiração

bit.ly/2WfcXNc

(excerto da obra “What the Body Does Not Remember”, do coreógrafo Wim Vandekeybus, 2013)

Desafio coreográfico #2: Plástico

O nosso corpo pode ser leve e ondulante como um saco de plástico ao vento. Coloca-te num ponto no espaço e fixa bem os pés ao chão. Uma pequena brisa sopra contra o teu tronco, que oscila de um lado para o outro. A brisa transforma-se em vento e os teus braços juntam-se ao tronco. O vento transforma-se em tempestade e os teus pés são arrancados do chão. Todo o teu corpo aceita esta força que o faz deslizar e flutuar por todo o lado.

Palavras-chave:

- Deslizar
- Vento
- Flutuar
- Ondular
- Aceitar
- Sopro

Vídeo de apoio/inspiração:

bit.ly/3y9quDo

(excerto do filme “American Beauty”, de Sam Mendes, 1999)

Fontes e recursos adicionais sobre alterações climáticas

Estes recursos poderão ser investigados e explorados em conjunto com os alunos, e subsequentemente propostas actividades de análise, exposição, ação e/ou criação artística. Nota: a maior parte das fontes encontra-se disponibilizada em língua inglesa.

Introdução à ciência climática:

- CliMag#1: exercício académico de design contendo um resumo expressivo sobre ciência climática, editado pelo activista da Climáximo Henrique Frazão, contando ainda com contributos de outros activistas.

bit.ly/3sDjyNv

- 350.org: “Factos fundamentais da ciência climática”

bit.ly/3msmHy

- National Geographic: “Causes of global warming, explained”

on.natgeo.com/2WiTXgE

- BBC: “Climate change: Where we are in seven charts and what you can do to help”

bbc.in/3zbQeQJ

- The World Counts: “State of the Planet”

bit.ly/3j4Avxc

- Information is beautiful: “Climate Change Deniers vs The Consensus”

bit.ly/3kcmexX

- Our World in Data: “CO2 and Greenhouse Gas Emissions Country Profiles”

<https://ourworldindata.org/co2-and-other-greenhouse-gas-emissions>

- Climate Action Tracker: “Addressing global warming”:
bit.ly/3j3mcch
- Carbon Brief: “The impacts of climate change at 1.5C, 2C and beyond”
bit.ly/3sEDPCD

Gráficos e mapas interactivos:

- Global Carbon Atlas: “Enter the past / Enter the present / Enter the future”
bit.ly/3sH3UB0
- NASA: Climate Time Machine
go.nasa.gov/3D8dWQ9
- The Carbon Map
bit.ly/3gpZLfP
- Global Carbon Atlas
bit.ly/3sH3UB0
- World Resources Institute: “The Top 10 GHG Emitters”
bit.ly/3AZp0xe
- World Resources Institute: “The Past, Present and Future of Carbon Emissions”
bit.ly/2W8yh7C
- Global Footprint Network: “Ecological footprint data”
bit.ly/3goGWtk
- Show your stripes: “Warming Stripes from 1850–2019”
bit.ly/37Now0Q
- Climate Watch data (por país)
bit.ly/2Whx11j
- Climate Resilience and Preparedness (por país)
bit.ly/3zbVQKN

- World Resources Institute — Aqueduct: “Identify and evaluate water risks around the world”
bit.ly/3mr4QbE
- Climate Central: Coastal Risk Screening Tool
bit.ly/3B2MCRE
- SNM Portugal: “Cartografia de Inundação e Vulnerabilidade Costeira”
bit.ly/3mvYDLz

Alimentação & Recursos:

- National Geographic: “The Future of Food: where will we find enough food for 9 billion?”
on.natgeo.com/3B7zxXs
- FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations: “The State of Food and Agriculture 2020 – Overcoming water challenges in agriculture”
bit.ly/2WhiEdW
- Earth Overshoot Day
bit.ly/3gt18Ku

Plástico:

- Reuters graphics: “Drowning in plastic – Visualising the world’s addiction to plastic bottles”
tmsnrt.rs/2XPqagB
- Our World in Data: “Plastic Pollution”
bit.ly/3zp6WfP

Activismo & Ações:

– Greve Climática Estudantil

bit.ly/3e9QEyK

– Extinction Rebellion Portugal

bit.ly/3zdhHS3

– Climáximo

bit.ly/384KdcH

– Pessoas Preocupadas com as Alterações Climáticas (grupo de Facebook)

bit.ly/3DcKXej

– Nações Unidas — Campanha “Act Now”

bit.ly/38vomv3

– Meatless Monday

bit.ly/3y8NYIQ

– Desafio vegetariano

bit.ly/38d5HE9

– Calculadora de pegada carbónica

bit.ly/3zd1fKL

– Myclimate: “Calculate and offset your emissions”

bit.ly/3B2OdXE

Vídeos:

– “This is not a drill”, Greta Thunberg [vídeo apresentado no contexto da sessão]

bit.ly/3y83ftc

– “Wake Up, Freak Out – then Get a Grip”

bit.ly/3mFeZ4D

– “Why everything will collapse”

bit.ly/3y6nWFT

- “Why Humanity Destroyed Itself”, The School of Life
bit.ly/3B8pLUD
- It’s ok to be smart [playlist Climate Science videos! by Joe Hanson
bit.ly/2UEMlom

Filmes:

- “HOME”, de Yann Arthus-Bertrand
bit.ly/3zdC9Ci
- “Ice On Fire”, de Leonardo DiCaprio
bit.ly/2XQBfOv
- “Cowspiracy: O segredo da sustentabilidade”
bit.ly/3DlIxey

Livros:

- “Manual de Combate às Alterações Climáticas”, de João Camargo
bit.ly/3ya79IA
- “Tudo Pode Mudar: Capitalismo vs. Clima”, de Naomi Klein
bit.ly/3sFNvfQ
- “O Futuro que Escolhermos”, de Christiana Figueres e Tom Rivett-
Carnac
bit.ly/2W9xBih
- “ATerra Inabitável: Uma história do futuro”, de David Wallace-Wells
bit.ly/2XGGnV8

Outros recursos educativos para professores

- 350.org: bit.ly/3DdHnjM
- NASA: go.nasa.gov/3yItU6d
- We can fix it World cafe: bit.ly/2UE0Bha

- Gates Notes — Quizz “How much do you really know about what causes climate change?” gatesnot.es/2XGAcQW
- Project Drawdown — Quizz “Rank the solutions”: cnn.it/3j9VsHh

Não aplicável.

Sugere-se, contudo, que os Professores responsáveis pelo acolhimento da sessão façam uso dos recursos oferecidos no dossier complementar para aprofundar, com os seus alunos, algumas das temáticas expostas. Caso aplicável no âmbito das disciplinas em curso, poderão inclusive ser explorados, em contexto de aula, os desafios coreográficos propostos. O cumprimento, até ao final do período em que se dá a sessão, dos compromissos individuais avançados pelos alunos, deve igualmente ser monitorizado.

avaliação

imagens

fotografias

créditos © Simão Botelho

ATMOSFÉRICOS EXTREMOS FURACÕES MAIS INTENSOS E MAI
 ONDAS DE CALOR TEMPERATURAS EXTREMAS INCÊNDIOS FLO
 ESCASSEZ DE ÁGUA DEGELO DAS CALOTES POLARES DESTRUI
 DE ECOSISTEM' INHOS EFEITOS S OS NA SAÚDE H
 MORTE PREMA S DE INFRAE'EVER RAS CRISE ALI
 CONFLITOS SC IAS CHEIAS TRUTU CO DA AMAZÓ
 ERRETIMENT ROST NOV'COLAPSO GELO DEVA
 OLHEITAS CI AIS EPIDEM IERSAS ALTE' DADE CLIMÁTICAS A
 LARGA ESC REVERSÍVEIS CÕES DOS SOLOS
 LIMENTAR MIGRAÇÃO EROSA DA DO N
 ENÓMENC OS EXT' EM MASSA SUBIL LOR E
 GUA EXT OS ATMOSFERI DAS ESREMOS ONDAS DE CA ORES
 OCIAIS INÇÃO MASSI POLHEPÉCIES INCÊNDIOS FL INTEN
 IDAS DE VASTAÇÃO DE CIR ITAS FURACÕES MAIS II S FLO
 CASSE CALOR TEMPERAT IAS EXTREMAS INCÊNDIO STRU
 ECOS DE ÁGUA DEGELO CALOTES POLARES DES IDE
 RTE PSISTEMAS MARINHOS EFEITOS SEVEROS NA SAÚDE AL
 NFLITO EMATURA FALHAS DE AESTRUTURAS CRIS LAZC

DAS DE CALOR TEMPERATURAS EXTREMAS INCÊNDIOS FLORESTAIS
 CASSEZ DE ÁGUA DEGELO DAS CALÇADAS POLARES DESTRUÇÃO
 ECOSISTEMAS MARINHOS EFEITOS NA SAÚDE HUMANA
 RTE PREMATURA FALHAS DE INFRAESTRUTURAS CRISE ALIMENTAR
 NFLITOS SOCIAIS EPIDEMIAS CHEGADA DO GLOBO DA AMAZÔNIA
 RETIMENTO DO PERMAFROST NO DE DO GELO DEVASTAÇÃO D
 HEITAS CIDADES SUBMERSAS ALTAS TEMPERATURAS ABRUPTAS
 ARGA ESCALA DANOS IRREVERSÍVEIS SOLOS INSTABILIZADOS
 MENTOS DO NÍVEL DO MAR ESCASSEZ DE
 O FLORES AMIGOS DA EXTINÇÃO MASSIVA DAS ESPÉCIES
 A EXTINÇÃO MASSIVA DAS ESPÉCIES DE COLHEITAS
 AIS DEVASTAÇÃO DE COLHEITAS DE COLHEITAS
 AS TAR SECA FOME EMIGRAÇÃO DE POPULAÇÕES
 AMEÇA DE FLORESTAS EROSÃO DOS SOLOS DESTRUÇÃO

Custo Zero

Maria Luísa Luís Duarte

Custo Zero

**nome
da atividade**

Maria Luísa Luís Duarte

autora

Professora de Artes Visuais, desde 1991, e actualmente a lecionar na Escola Portuguesa de Moçambique – EPM–CELP. Licenciada em Design de Comunicação – FBAUL, e mestre em Educação Artística – ESELx– Escola Superior de Educação de Lisboa. Tem desenvolvido investigação na área da Educação Artística e das novas tecnologias, com apresentações nos congressos Matéria– Prima, APECV e no I Congreso Internacional Humanidades Digitales y Pedagogías Culturales, celebrado en el Centre Cultural La Nau de la Universitat de València.

Este projeto pretende proporcionar aos alunos do 12.º Ano de Oficinas de Artes, a aquisição e o desenvolvimento de uma abordagem utilitária do objeto artístico, tendo por base percepção/sensibilidade criativa e estética de cada aluno, numa visão introspectiva do quotidiano, onde se procuram reduzir gastos.

resumo

Neste contexto, tendo os alunos como agentes ativos do processo (ou dos processos) de experimentação (conhecer), descoberta, criação (fazer), sustentabilidade (viver) e mudança (ser), desenvolve-se um projeto promotor da reutilização de objetos e materiais obsoletos (comuns numa sociedade consumista), normalmente chamado “Custo Zero” (criar sem custos), e habitualmente sujeito a projetos no âmbito do Green Design ou Design Ecológico.

Partindo do conhecimento dos conceitos de reutilização, sustentabilidade e Ecodesign, o aluno (re)cria o seu objeto, traduzido numa

abordagem utilitária e sustentável. Organiza o seu projeto/objeto, utilizando as várias competências técnicas, estéticas e metodológicas inerentes ao processo criativo, no ensaio de uma visão racional da arte e do design. Na apresentação do catálogo Made in Portugal, encontramos uma relação entre o design e a sustentabilidade, a noção de novos materiais e a experiência de imaginar novos produtos e novas funções. A exposição Re(f)use, que esteve em Lisboa, nos anos 90, apresentou um conjunto de objetos utilitários criados a partir da reutilização de materiais e objetos obsoletos. Por outro lado, as questões que sustentam a base do consumismo serão também desafiadas, num eventual compromisso com outras atitudes, com outros mundos que traduzam a essência da função. É esta abordagem utilitária do objeto artístico que se pretende enfatizar neste projeto centrado num contexto vivenciado no quotidiano, procurando (novas) relações entre a função e o objeto obsoleto.

Na verdade, as boas ideias nem sempre geram bons produtos, mas os mapeamentos criativos que fazemos alteram a nossa performance, enquanto pessoas, enquanto criadores, enquanto consumidores.

O modo como cada aluno resolverá o seu desafio, sendo este fator de desenvolvimento da actividade intelectual (Dewey,2000), dependerá da sua visão/conceito e promotor de criatividade (Weisberg,1986).

**palavras-
-chave**

custo zero; design; sustentabilidade; criatividade

“Antes de ser um problema de ordem técnica, a questão do lixo é um problema cultural. Desde que a economia afirma que a produção tem como finalidade o consumo, a sociedade moderna estabeleceu como objetivo aumentá-lo, desenvolvê-lo e o consumo passou a ser entendido como qualidade de vida e bem-estar. Hoje ele é responsável por problemas ambientais, não podendo mais ser compreendido unicamente como sinónimo de felicidade”. (CAPRA, 2003).

“Todos pensam em mudar a humanidade, mas ninguém pensa em mudar a si mesmo”. Liev Tolstoi

Após leitura e reflexão, com base nos documentos anteriores e recorrendo à metodologia projetual, cria um objeto com função utilitária a partir de materiais ou/e objetos obsoletos (que já não são usados), desafiando a sua sensibilidade técnica, estética e ecológica.

Material: vários materiais: cartão, plástico, metal, madeira, etc.

Técnicas de construção: colagem, encaixe, etc.

Dimensões: facilmente transportável e superior às dimensões de uma folha A4.

**proposta
de atividade**

Os alunos do 12.º ano: situam-se na faixa etária entre os 17 e os 20 anos.

No entanto, esta atividade pode ser reformulada para outras faixas etárias.

faixa etária

3 semanas, num total de 12 sessões de 50 minutos.

duração

objetivos	• Conhecer conceitos de green design, Ecodesign, sustentabilidade e criatividade. • Aplicar a Metodologia projetual — faseamento e aplicação. • Desenvolver processos criativos orientados para a construção de objetos de Ecodesign.
conteúdos	1. Conceitos de green design, Ecodesign, sustentabilidade e criatividade. 2. Metodologia projetual — faseamento e aplicação. 3. Representação gráfica de ideias. 4. Desenho técnico— representação. 5. Construção de objetos.
materiais	Os materiais ou objetos podem ser diversos e combinados entre si, dependendo do ”baú “ de cada aluno.
espaço de aprendizagem	Sala de aula ou oficina.
processo de trabalho	1. Lista de materiais ou objetos obsoletos disponíveis 2. Desenvolvimento gráfico de propostas 3. Seleção de propostas 4. Execução técnica do objeto 5. Autoavaliação

Livros, Catálogos, brochuras e recursos online relacionados com a problemática da reutilização e da produção de objetos artísticos.

**recursos
didáticos**

1. Aplicação da metodologia projetual
2. Criatividade das propostas
3. Domínio técnico– representação
4. Domínio técnico– construção
5. Observância do princípio– custo zero
6. Reflexões sobre o processo– breve texto

**avaliação
da atividade**

imagens

Para a Terra não alterar, o
eco-CÓDIGO:
devemos respeitar.
TODOS OS seres VIVOS
acarinhAR. para a

BIODIVERSIDADE
cuidar.

Mais amores vamos plantar,
para o oxigénio não
faltar.

A energia devemos poupar,
para o clima a Terra não alterar.
Os dentes a lavar, a torneira a fechar
e o ambiente a ganhar.
Para os ouvidos preservar,
a música devemos baixar.
A água vamos poupar,
para ela não se esgotar.
Reciclar no presente, para no futuro,
termos um mundo diferente.
Se a pastilha elástica mascar,
no lixo a devemos deitar.
Os transportes públicos devemos preferir
para a quantidade de CO2 reduzir.

pensa **verde,**
Torna-te verde

ABAE
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA ÁGUA E SUSTENTABILIDADE

**PROTEJA O MEIO AMBIENTE
MIGUEL TORRES**

Pré-Produção de um Filme de Animação Sobre o Ambiente

João Pedro Pereira

Pré-Produção de um Filme de Animação Sobre o Ambiente

**nome
da atividade**

João Pedro Pereira

autor

Licenciado no Curso de Professores do Ensino Básico, variante de Educação Visual e Tecnológica, pela Escola Superior de Educação de Coimbra, foi criador do Ateliê de Cinema na Escola da Torre, Câmara de Lobos, e atualmente leciona o Curso Livre de Cinema de Animação no Conservatório — Escola Profissional das Artes da Madeira. Em ambas as atividades, promoveu a realização de várias curtas-metragens de animação com os seus alunos, tendo alguns dos trabalhos sido selecionados para festivais da especialidade, a nível nacional e internacional, destacando-se o prémio “Jovem Cineasta Português (categoria até aos 18 anos)” com o filme “Dependências não-convencionais” no festival CINANIMA e uma Menção Honrosa no “The Stone Flower Youth Film Festival” com o filme “Migrantes do Espaço”.

Esta atividade foi lecionada no ano letivo 2019/20 aos alunos do Curso Livre de Cinema de Animação do Conservatório — Escola Profissional das Artes da Madeira e resultou no filme de animação “Migrantes do Espaço”.

resumo

O trabalho começou com uma chuva de ideias em que se tentou perceber quais eram os temas mais falados na televisão, jornais, conversas, entre outros. Chegou-se à conclusão que haviam dois temas relevantes: as alterações climáticas e os fluxos migratórios (sobretudo de África para a Europa e da América do Sul para os Estados Unidos). Os alunos foram questionados sobre se havia

alguma relação possível entre estes dois temas, de modo a que os pudéssemos integrar num mesmo filme. Após alguma investigação, descobriu-se que as alterações climáticas são um dos fatores causadores de pobreza em África e que potenciam os fluxos migratórios. Então, procurou-se fazer uma história em que um grupo de pessoas teria de migrar por causa das alterações climáticas. Para tornar o filme mais impactante, tentámos criar um efeito de identificação dos espetadores com os personagens migrantes, independentemente do país ou estrato social a que pertencessem. Surgiu então a ideia de “fazer migrar” toda a humanidade para outro planeta.

**palavras-
-chave**

migração; ambiente; animação; desenho

**proposta
de atividade**

Promove um debate com os teus colegas em que vão tentar descobrir quais são os temas mais importantes da atualidade para vocês. Decidam que ideia ou reflexão pretendem transmitir sobre o tema escolhido e criem uma história sobre isso. Depois passem à ação e criem um filme de animação com essa história.

faixa etária

Esta atividade pode ser desenvolvida com alunos entre os 10 e os 18 anos, embora possa ser adaptada a outras faixas etárias.

Para a pré-produção de um filme deverão ser necessárias 6 sessões de 50 minutos.

duração

Os alunos deverão ser capazes de:

objetivos

- Debater e argumentar ideias, chegando a consensos alargados dentro do grupo sobre qual a ideia que se pretende transmitir no filme.
- Elaborar criativamente uma história relacionada com o(s) tema(s) escolhido(s) que transmita a ideia pretendida.
- Criar um Guião e/ou um Storyboard.
- Criar um perfil psicológico dos personagens.
- Criar os personagens do filme, em desenho.

1. Oralidade.
2. Interação discursiva: Aplicar os princípios de cortesia durante os diálogos e debates;
3. Compreensão e expressão: Expressar as suas ideias e sentimentos de uma forma articulada e com um vocabulário rico.
4. O Argumento: Criar uma história que veja refletidos os temas escolhidos e que exprima as ideias chave que se decidiu transmitir.
5. Guião e/ou Storyboard: Separar a história em cenas (diferenciamento por espaço físico e/ou espaço temporal);
6. Descrever a ação dos personagens:
  - Transformar o discurso direto em discurso indireto e vice-versa;
  - Criação de personagens;
  - Definição de um perfil psicológico dos personagens;

conteúdos

– Criação visual, através de esboço desenhado, dos personagens da história.

materiais

Quadro, folhas de papel e riscadores adequados a cada suporte e a gosto.

**espaço
de
aprendizagem**

Sala de aula.

**processo
de trabalho**

1. Realização de uma chuva de ideias em que se vai propor temas que sejam relevantes para os participantes;
2. Debate para a escolha do tema e decisão sobre qual a ideia a transmitir.
3. Realização de uma história na qual o tema escolhido seja abordado;
4. Adaptação da história a um guião e/ou storyboard;
5. Elaboração do retrato psicológico dos personagens;
6. Desenho dos personagens com base no seu retrato psicológico, recorrendo às estratégias elencadas no livro “Desenho Animado — Manual para Cinema de Animação”.

Livros:

PEREIRA, João Pedro. 2020. Desenho Animado — Manual de Apoio para Cinema de Animação. Funchal. Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, Conservatório — Escola Profissional das Artes da Madeira. Disponível online em <https://lojaconservatorio.pt/product/desenho-animado-manual-de-apoio-para-cinema-de-animacao/>

Páginas online:

<https://cinemadeanimacao.madeira.gov.pt/ficheiros/tecnicas.html>

**recursos
didáticos**

Os alunos devem contar a história a outros alunos, pais e professores e aferir sobre se a ideia que inicialmente queriam transmitir foi efetivamente conseguida. – No final, devem novamente fazer um debate em que troquem ideias sobre o que resultou melhor e pior e sobre aquilo que devem mudar num trabalho futuro.

**avaliação
da atividade**

imagens

imagens

Design de Produto a partir de Tecnologias Tradicionais

Graça Martins

Design De Produto a Partir de Tecnologias Tradicionais

**nome
da atividade**

Graça Martins

autores

Professora do Quadro de Agrupamento de Escolas de Ourém, Licenciatura em Artes Plásticas Pintura — FBUL; Mestrado em Avaliação Educacional — Universidade Católica Portuguesa; Doutoramento em Artes e Educação na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona (Doutoramento Internacional). Pintora. Finalista à Menção Honrosa “Adaptação e Inovação no Ensino à Distância” do Global Teachers Prize Portugal 2021.

Turmas de artes do 11.ºF e 12.ºF

Ensino Secundário EBSO–Agrupamento de Escolas de Ourém

No âmbito da disciplina de Desenho A, realizou-se uma exposição de cestaria “Cestari'arte”, de Isabel Graça. Desde a economia circular, à técnica tradicional, à perceção e valorização do nosso património material e imaterial, às soluções criativas e profissionais mais sustentáveis, ao reconhecimento consciente de pessoas com mundo dentro delas, foram entre outros, alguns dos conceitos que motivaram esta visita, além de ser possível acompanhar as etapas de realização de um cesto. Foi desenvolvido o projeto de trabalho, baseado nos conceitos de Design Produto, Eco Design, Economia Circular, tecnologias tradicionais e desenho contemporâneo. Para o efeito e, considerando o impacto do lixo informático, do plástico e na falta de adaptação de conceitos limpos na criação de produtos,

resumo

além da importância do património que nos oferecem as metodologias tradicionais de fabrico de proximidade e respetivo reconhecimento dos autores com pesquisa relacionada, integrada em memória descritiva.

**palavras-
-chave**

sustentabilidade; tecnologias tradicionais; eco-design; património tradicional e imaterial; memória e criatividade

**proposta
de atividade**

“Enriquecer o sistema é muito mais gratificante do que explorá-lo.”
Ernst Götsch

A partir do conceito de Design de Produto cria um objeto que responda aos seguintes princípios: Eco Design, Economia Circular, tecnologias tradicionais e desenho contemporâneo. Para o efeito, parte de exemplos de autores (artesãos e/ou artistas) existentes na tua localidade; Recorre a materiais de reciclagem, aproveitando as suas características, reaproveitando para novas funcionalidades; Usa metodologias dentro das técnicas tradicionais de concepção de produtos; Elabora uma Memória Descritiva justificando as opções incorporando com a investigação realizada.

faixa etária

Ensino Secundário

duração

Tempo calculado em blocos de 45 min.:
20 tempos (45 min.), 19 sessões (90 min.)

objetivos

- Aceder ao património cultural de proximidade.
- Desenvolver estratégias de conceção e objetos e reaproveitamento de materiais.
- Desenvolver o pensamento crítico.
- Criar alternativas cumprindo com os domínios da apropriação e reflexão, a interpretação e comunicação e a experimentação e criação.
- Compreender a diversidade cultural e artística possibilitando o reconhecimento valorativo da diferença. A partilha de ideias, no sentido de encontrar soluções e de compreender o ponto de vista dos outros.
- Aprendizagens Essenciais envolvidas: Refletir sobre o modo como os diferentes contextos das imagens e as circunstâncias em que o fruidor/observador as percebe podem desencadear múltiplas leituras e interpretações.

Manifestar sentido crítico e sentido estético, articulando processos diversos de análise, síntese, argumentação e apreciação, enquanto observador-criador. Compreender a diversidade dos modos de expressão artística das diferentes culturas e o seu papel na construção da(s) identidade(s) cultural(ais). Avaliar o trabalho realizado por si e pelos seus pares, justificando as suas opções relativamente aos processos desenvolvidos e utilizando critérios de análise fundamentados nos seus conhecimentos e em referências culturais e artísticas; Desenvolver processos próprios de representação em torno do conceito de forma (ampliação, sobreposição, rotação, nivelamento, simplificação, acentuação e repetição), selecionando contextos, ambientes, formas de registo e de composição (linha, mancha, sombra, cor, contorno, sobreposição e justaposição, entre outros). Dominar

e utilizar os efeitos da cor, manipulando-a de acordo com o aspeto gráfico/plástico pretendido;

Utilizar o desenho de forma autónoma e intencional, nas suas diferentes vertentes, para comunicar ideias, temas, conceitos e ambientes. Selecionar, de forma autónoma e intencional, diferentes modos de registo, suportes, técnicas e materiais (convencionais e não convencionais). Dominar as relações entre os elementos da linguagem plástica, evidenciando um gradual desenvolvimento estético nas suas composições (unidade, variedade, vitalidade, harmonia, síntese, entre outros);

conteúdos

Visão, Matérias, Procedimentos, Sintaxe, Sentido:

1. Capacidade de análise e representação de objetos e o domínio da proporção, da escala, da distância, dos eixos e dos ângulos relativos, da volumetria, da configuração, dos pontos de inflexão, do contorno da estrutura, da Textura e da cor;
2. Domínio e a aplicação de princípios e estratégias de composição e de estruturação na linguagem plástica;
3. Organização da tridimensionalidade • Objeto: massa e volume • Escala: formato, variação de tamanho, proporção;
4. Estudo de formas artificiais (objetos artesanais e objetos industriais)
5. Invenção: construção de texturas, objetos e ambientes
6. Materialidade e discursividade; A ação do observador; Interpretação, projeção, sugestão e expectativa; Memória e reconhecimento; Atenção, seleção, habituação; Imaginação

Materiais seleccionados pelos estudantes: Desperdício, colas, tesoura, x-ato, tintas acrílicas, etc.

materiais

Comunidade, sala de aula.

**espaço
de
aprendizagem**

- 1– Identificar atividades de criação de objetos/produtos na região (carpintarias, cestarias, tecelagem, confissão de vestuário, pastelaria, etc.);
- 2– Recolha de informação sobre artesãos/artesãs e produtores locais, histórias de vida, economia e retorno da atividade;
- 3– Recolha de informação sobre tecnologias tradicionais de “tempo lento”, economia circular, sintropia, ecologia e sustentabilidade;
- 4– Elaborar uma proposta para a conceção de um objecto ou produto, com design criativo, mas recorrendo a uma confeção de tecnologias low cost e low tech;
- 5 – Criar um objeto ou produto de design, baseado nos factores enunciados;
- 6 – Elaborar uma memória descritiva com os procedimentos, pesquisa efectuada e conclusões.

**processo
de trabalho**

**recursos
didáticos**

Vik Muniz – <https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8> (visualizado em outubro 2020)
Sintropia e Ernst Götsch – <https://quintalflorestal.com.br/ernst-gotsch-o-cara/> (visualizado em outubro 2020)
Domingos Tótor – <https://www.domingostotora.com.br/> (visualizado em outubro 2020)

**avaliação
da atividade**

A avaliação da atividade será incluída nas seguintes categorias de análise:

Participação/Cooperação – 5%

Responsabilidade – 10%

Domínio dos meios actuanes-eficácia técnica – 10%

Domínio da técnica de representação – 20%

Análise – interpretação – pesquisa representação – 25%

Criatividade Selecção, Pertinência, Enquadramento – 15%

Portfolio/MD/Diário Gráfico/Registos reflexivos – 15%

Produto

Os trabalhos realizados apresentaram diferentes configurações de acordo com os materiais e soluções seleccionadas pelos alunos. A consciência do reaproveitamento de desperdício e a recuperação das metodologias tradicionais, a partir de uma experiência concreta sobre o trabalho artesanal de uma criadora local, permitiu o reconhecimento das possibilidades, a proximidade e a identidade com a experiência de desenvolver um projeto com estas características e implicações. A exposição final também confirmou o acolhimento pela comunidade escolar deste trabalho, nomeadamente a partir do

compromisso da sustentabilidade ecológica, na execução de soluções de Design de Produto..

imagens

Atividades de Educação Ambiental através das Artes em Outros Contextos Educativos

Lagarto Azul

Matias Pancho

Centro Alexandre Correia da ASSOL

Lagarto Azul

**nome
da atividade**

Matias Pancho
Centro Alexandre Correia da ASSOL

autor

O projecto Lagarto Azul aconteceu durante o ano de 2009, sendo o ponto de partida para o trabalho desenvolvido pelo Centro Alexandre Correia da ASSOL para a Semana Cultural desse mesmo ano e que decorreu entre 28 de setembro e 2 de outubro.

A escolha do lagarto azul deveu-se ao facto de ser possível observar este lagarto na zona de Lafões, onde a ASSOL tem a sua sede e onde moram a maioria das pessoas que apoia. A “casa” do Lagarto Azul são as margens dos rios e ribeiras, e o bom estado de conservação dos mesmos tal como da vegetação das margens faz com que estes elementos sejam essenciais para a conservação deste magnífico animal.

O desenvolvimento do projecto fez-se com diversas oficinas de pasta de papel, onde se criaram inúmeros lagartos azuis que depois foram espalhados pelos edifícios da ASSOL e que culminaram também com a construção em pasta de papel de um Lagarto Azul gigante que foi colocado no átrio exterior da ASSOL. Foram também desenvolvidas oficinas de desenho e de pintura de Lagartos Azuis para afixação nas paredes exteriores dos edifícios e a Oficina de Encadernação produziu uma colecção limitada de 40 cadernos com esta temática tal como a impressão dos cartazes alusivos à Semana Cultural em serigrafia e de 80 t-shirts do Lagarto Azul num workshop para as pessoas apoiadas do Centro Alexandre Correia.

Durante a Semana Cultural foram também realizados workshops de Observação da Natureza, com o biólogo Paulo Pereira e de Fotografia de Natureza com o fotógrafo de natureza João Cosme. Tiveram participação directa neste projecto cerca de 80 pessoas apoiadas pela ASSOL do Centro de Atividades Ocupacionais que apoia pessoas adultas com deficiência mental e do FORUM Socio Ocupacional que apoia pessoas adultas com doença mental crónica ou incapacitante.

nome comum: Lagarto-de-água
nome científico: *Lacerta schreiberei*

Lagarto azul

«O Lagarto azul é único no mundo.
Tem uma presença muito importante em Lafoes.
O bom estado de conservação dos nossos rios e da
vegetação das suas margens é essencial para a
conservação deste magnífico animal.
Lixos, desmatapão, barragens e canalização do rio
são as principais ameaças ao nosso Lagarto azul.
A sua abundante presença nos nossos rios e
ribeiras indica-nos que ainda temos um pequeno
"paraíso".»

Biólogo Paulo Pereira

Raiogramas — Imagens de Luz

Joana Mateus e Inês Azevedo
Casa da Imagem – FML

Raiogramas – Imagens de Luz

**nome
da atividade**

Inês Azevedo

autoras

Artista Educadora.

Licenciatura em Artes Plásticas–Escultura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Mestrado em Práticas Artísticas Contemporâneas, na Faculdade de Belas Artes da UP.

Mestrado em Ensino de Artes Visuais, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Belas Artes da UP.

Trabalhou no Serviço Educativo do Museu de Arte Contemporânea da Fundação de Serralves como Monitória do Serviço Educativo, no âmbito do qual realizou visitas–guiadas às exposições, oficinas para o público em geral, para escolas e para famílias.

Membro activo e fundador do colectivo artístico “Senhorio”.

Trabalhou em educação artística no “fiuu”, ATL que seguia perspectivas de ensino próximas da Educação pela Arte.

Em simultâneo desenvolve investigação e projecto artístico individual.

Joana Mateus

Artista Educadora.

Licenciatura em Artes Plásticas — Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Mestrado em Arte Multimédia pela Faculdade de Belas Artes da UP.

Pós Graduação em Ciências da Comunicação e Linguagem pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de

Lisboa.

Mestrado em Ensino de Artes Visuais pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Belas Artes da UP.

Docente do Ensino Público em diversas disciplinas de Expressão Plástica e Artes Visuais, em anos lectivos compreendidos entre o 1º Ciclo do Ensino Básico e o Secundário.

Trabalho autoral individual e em colaboração no âmbito do vídeo e da performance. Tem vindo a assistir a montagem de exposições e a produção de trabalhos de diversos artistas contemporâneos.

resumo

A partir da colocação de objetos diretamente sobre um papel fotossensível, produzimos imagens enigmáticas através de uma técnica fotográfica que não recorre a câmaras, mas apenas aos raios de luz. Opacidade, transparência e translucidez, são os conceitos mais simples implicados na prática desta oficina. A partir dela, podemos abordar também conceitos da física da luz e da química dos reagentes.

Trabalhamos num laboratório fotográfico e utilizamos uma química ecológica para revelar os raiogramas, designada Caffenol-C: este revelador fotográfico alternativo de baixa toxicidade, foi criado pelo Dr. Scott A. Williams e pela sua turma do curso de Fotografia Técnica, do Rochester Institute of Technology (RIT) nos E.U.A., nos anos 90. A utilização do Caffenol-C possibilita a revelação de película fotográfica ou cinematográfica recorrendo a reagentes simples, acessíveis, baratos e pouco tóxicos, transformando a prática fotográfica num processo acessível e ambientalmente sustentável. A Casa da Imagem já realizou a oficina de fotogramas “Raiogramas” inúmeras vezes com pessoas de todas as idades, a partir

dos 3 anos. O primeiro teste com crianças desta idade, integradas num grupo misto, entre os 3 e os 5 anos, foi realizado na EB-JI de São Paio, em Canidelo, Vila Nova de Gaia, em fevereiro de 2013. A Oficina foi realizada no âmbito do projeto És um postal!— projeto de conceção crítica da imagem etnográfica de Vila Nova de Gaia pelas escolas do concelho. A temática trabalhada foi o mar, quer pela proximidade da escola com a zona da Afurada, quer pelo facto de alguns dos familiares de crianças da escola serem pescadores. Os objectos a imprimir foram recolhidos pelas professoras, como a rede de pescador, e alguns foram levados pela Casa da Imagem, como as conchas e as algas artificiais. Tanto a experiência do processo vivida pelas crianças como os resultados foram muito positivos e mágicos.

luz; fotografia; fotossensível; revelar; química; opacidade; translucidez; transparência; ecologia; sustentabilidade

**palavras-
-chave**

Para criarmos raioogramas temos que ser como os alquimistas, que é o nome dado aos primeiros cientistas.

Primeiro, trabalhamos com um papel especial fotossensível, para produzimos fotografias misteriosas sem usarmos câmaras, mas apenas raios de luz. Depois, vamos para um laboratório, fazer uma experiência com uma poção química mais ou menos malcheirosa. No início da experiência, as imagens são tão misteriosas que não se veem... estão invisíveis. Temos que preparar uma poção química para revelar as suas formas.

Atenção: esta experiência é mágica e, a certa altura, pode ser um

**proposta
de atividade**

pouco assustadora, porque para revelarmos as imagens temos de estar quase no escuro, no vermelho escuro... Mas não é uma experiência perigosa! A poção química é feita com café, não é tóxica nem polui o ambiente.

faixa etária

Esta proposta está adaptada para crianças dos 3 aos 10 anos.

duração

2 sessões de 45 minutos:

1.^a sessão:

- conversa e composição de uma imagem – 25 minutos
- preparação da química de revelação – 20 minutos

2.^a sessão:

- revelação – 30 minutos
- observação e registo – 15 minutos

objetivos

- Compor uma imagem alusiva a um tema com objetos de formas e materiais muito diversos.
- Realizar figuras compostas por várias partes.
- Reconhecer e descobrir figuras a partir da associação de formas.
- Relacionar o material de que é feito o objeto com a sua opacidade, translucidez ou transparência.
- Descobrir os raios de luz e a ação da luz sobre os materiais fotossensíveis.
- Reconhecer e provocar a sombra como a ausência de luz.

- Reconhecer um processo científico – experimental.
- Reconhecer a diferença entre processos analógicos e digitais na prática fotográfica.
- Reconhecer conceitos básicos da química: o comportamento das substâncias e dos materiais, a mistura, a energia.

Esta formação permite que criança desenvolva as seguintes aprendizagens (conforme as Orientações para a Educação Pré-Escolar e para o 1.º Ciclo do Ensino Básico da Direção Geral da Educação):
Pré-escolar

conteúdos

1. Área de expressão e Comunicação, subdomínio das Artes Visuais:
  - a. Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.
  - b. Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.
2. Área do Conhecimento do Mundo:
  - a. Introdução à Metodologia Científica: Apropriar-se do processo de desenvolvimento da metodologia científica nas suas diferentes etapas: questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, experimentar e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las.

1.º Ciclo Ensino Básico

1. Educação Artística / Artes Visuais:
  - a. Experimentação e Criação: Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão ((...)) foto-

grafia, entre outras) nas suas experimentações: físicas e/ou digitais.

2. Estudo do Meio

a. Aprendizagem Transversal a todos os anos, da área da Natureza/Tecnologia: Utilizar processos científicos simples na realização de atividades experimentais; Saber colocar questões, levantar hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicar, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

b. 1.º ano, Área da Tecnologia: Identificar as propriedades de diferentes materiais (Ex.: forma, textura, cor, sabor, cheiro, brilho, fluatibilidade, solubilidade), agrupando-os de acordo com as suas características, e relacionando-os com as suas aplicações.

c. 2.º ano, Área da Tecnologia: Distinguir vantagens e desvantagens da utilização de recursos tecnológicos (analógicos e digitais) do seu quotidiano. Prever as transformações causadas pelo aquecimento e arrefecimento de materiais.

d. 3.º ano, Área da Natureza: Identificar a existência de transformações reversíveis (condensação, evaporação, solidificação, dissolução, fusão).

e. 3.º ano, Área da Tecnologia: Comparar o comportamento da luz no que respeita à linearidade da sua propagação em diferentes materiais (transparentes, translúcidos e opacos).

f. 4.º ano, Área da Tecnologia: Identificar objetos tecnológicos (analógicos e digitais), utilizados no passado e no presente, relacionando-os com os materiais utilizados no seu fabrico, para constatar permanências e evoluções.

2º Ciclo Ensino Básico

1. Educação Visual:

a. 5.º ano, dos Objetivos Gerais 3 e 9: Desenvolver ações

orientadas para experiências que se transformam numa parte ativa do conhecimento prático. Distinguir códigos e suportes utilizados pela comunicação; identificar meios de comunicação e a sua evolução em função da evolução técnica e social.

b. 6.º ano, dos Objetivos Gerais 3, 5 e 12: Desenvolver ações orientadas para a investigação que transforma os resultados numa parte ativa do conhecimento; desenvolver capacidades de observação e compreensão do meio cromático envolvente. Explorar relações entre a parte interna e a superfície de um objeto, e utilizar na sua representação elementos como dimensão, transparência/opacidade e luz/cor. Dominar atividades coordenadas e interligadas, para a realização de um objetivo.

2. Educação Tecnológica:

a. 5.º ano, particularmente, dos Objetivos Gerais 2, 4, 9: Reconhecer o papel da tecnologia distinguindo a evolução histórica de alguns objetos técnicos e a sua repercussão na evolução da sociedade. Reconhecer tipos de grandeza e respetivos instrumentos de medição. Dominar a comunicação como um processo de organização de factos.

b. 6.º ano, particularmente, dos Objetivos Gerais 2, 3, 10: Reconhecer processos de modificação de matérias primas. Reciclar e empregar materiais, de forma a reduzir o seu impacto ambiental. Dominar a comunicação orientada para a demonstração.

Cartolina branca, papel fotográfico, objetos diversos. Para o revelador Caffenol-C: café, ácido ascórbico, carbonato de sódio, água. Material de laboratório de fotografia: frasco misturador, chaleira

materiais

elétrica, tinas, pinças, candeeiro (ampliador), luz vermelha; ponto de água próximo.

**espaço
de
aprendizagem**

Sala com mesa e cadeiras e espaço escurecido.

**processo
de trabalho**

- 1.º Conversa sobre a experiência que se vai fazer e o método científico implicado. Noções sobre a luz e a sombra e as propriedades dos materiais que se vão utilizar.
- 2.º Composição de uma imagem sobre um tema escolhido a partir de diversos objetos.
- 3.º Revisão dos processo e metodologia do trabalho dentro do laboratório. Normas de segurança.
- 4.º Trabalho no laboratório de impressão e revelação das imagens.
- 5.º Secagem dos trabalhos — observação dos resultados e conversa sobre a experiência: o comportamento dos materiais sob ação da luz, as transformações observadas, etc.
- 6.º Registos, através de desenhos e esquemas gráficos, que expliquem a experiência no laboratório.

**recursos
didáticos**

No decurso da atividade apenas serão utilizados os materiais implicados e observados os resultados realizados pelas crianças. É de grande utilidade que depois da atividade sejam observadas outras imagens semelhantes, científicas ou artísticas, como, por exemplo, radiografias ou “O Beijo” de Man Ray. Para compreender

melhor que a luz “queima”, podem observar-se e realizar experiências com tecidos, folhas, frutos.

Ao longo das duas sessões, é essencial ir realizando ligações entre a atividade e aspetos da vida das crianças, para facilitar o entendimento dos conceitos. Todos os passos devem ser comentados pelo formador, questionando os alunos sobre o que está a observar e o que está a acontecer. Deste modo, vai sendo feita uma avaliação do envolvimento da criança na atividade e da compreensão dos processos e conceitos. A composição inicial da imagem e os registos efetuados pelos alunos no final, permitem verificar se a criança é capaz de organizar e sistematizar a experiência em função dos objetivos de aprendizagem propostos.

**avaliação
da atividade**

imagens

imagens

imagens